

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - FFCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

MILENA CASSAL PEREIRA

Brincando de sair pra rua!
Entre arreganhos, implicâncias e cuidados no “pátio” do quilombo,
na “piscina” do laguinho.

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Bittencourt Ribeiro



Porto Alegre
2014

MILENA CASSAL PEREIRA

Brincando de sair pra rua!
Entre arreganhos, implicâncias e cuidados no “pátio” do quilombo,
na “piscina” do laguinho.

Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais apresentada
ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul para defesa pública.
Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Bittencourt Ribeiro

Porto Alegre

2014

MILENA CASSAL PEREIRA

Brincando de sair pra rua!
Entre arreganhos, implicâncias e cuidados no “pátio” do quilombo,
na “piscina” do laguinho.

Aprovada em ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Claudia Turra Magni - UFPEL

Prof^a. Dr^a. Lucia Helena Alves Muller - PUCRS

Prof^a. Dr^a. Fernanda Bittencourt Ribeiro - PUCRS

Resumo:

O trabalho versa sobre as relações de dois grupos crianças e adolescentes que estão utilizando a rua como um espaço de lazer e sociabilidade, em dois locais diferentes da cidade de Porto Alegre. Um grupo esta longe de casa e divertem-se em um lago artificial próximo ao centro da cidade, o outro reside em um quilombo urbano e possui a rua como extensão de sua casa, um pátio. Objetivo da pesquisa é compreender a presença destes dois grupos na rua e as relações entre suas redes de contatos e afetos em locais tão distintos e com pouca presença dos adultos. Mostra-se suas formas de entendimento sobre as fases etárias que estão vivendo e como são “enquadrados” pela sociedade, além e suas percepções sobre o espaço em que brincam. Neste contexto, a partir da fala dos guris e gurias, dinâmicas de cuidados, brigas e afetos configuram-se nos dois grupos, apresentando como a gurizada se relaciona entre pares na rua.

Palavras chave: Rua, crianças, brincar, relações;

Abstract:

The work deals with the relations of two children and teens who are using the street as a space of leisure and sociability, in two different locations of the city of Porto Alegre groups. A group is away from home and have fun in an artificial lake near the city center, the other resides in an urban Quilombo and has the street as an extension of your home, patio. Objective of the research is to understand the presence of these two groups on the street and the relationships between their networks of contacts and affections in such different places and with little presence of adults. It shows their ways of understanding the age phases that are living and how they are "framed" by the company, and besides their perceptions of the playing space. In this context, from the speech of boys and Girls, dynamic care, fights and affections are configured in both groups, showing how it relates gurizada peer in the street.

Keywords: Street, children, play, relationships;

DEDICATÓRIA

Dia da criança, dia a dia de mudança.

Nem toda criança
consegue ser feliz.
A nossa andança
nos deixa cicatriz,
mas não perca a esperança
nem o foco, a diretriz,
muito menos a autoconfiança,
a gente faz o que sempre quis.
Devagar se avança,
educador aprendiz,
a gente cansa mas alcança
pelo AMOR, nossa força motriz.

Carlinhos Guarnieri
12/10/2011

Para Kelvin A.Coutinho, Romário Ramos e Eliane Nascimento.

AGRADECIMENTOS:

Início agradecendo a Capes, pela bolsa que permitiu que me dedicasse integralmente a este trabalho. A professora Lúcia Muller e prof. Claudia Turra Magni pelas considerações feitas sobre este trabalho. Aos colegas do grupo de pesquisa, Jair, Davi, Glória, Edson, Daniela Esperanza e Bruno que a cada encontro dividíamos angústias, descobertas, sugestões e trocas de nossas pesquisas. A querida Daniela Esperanza que me explica com calma sobre seus pais e me apresenta outra realidade da Venezuela. Ao Bruno, que me ajuda com exemplos de vida, com uma vontade e coragem de exercer este “estilo de vida” que escolhemos, gratidão demais por essa amizade.

A orientadora e amiga Fernanda Bittencourt Ribeiro, que novamente, com paciência esteve comigo neste momento e me ajudou a descobrir os caminhos da pesquisa, me incentivou e também me repreendeu com a sabedoria quando estava “em divagações” dadas pela imensidão do campo de pesquisa e da vida. Obrigada sempre.

Aos familiares que de novo, estavam comigo nas desculpas, nos reclames, nas dificuldades, nas alegrias, não há amor maior do que este que sinto e necessito de vocês. In Memoriam Vô Pedro e Tia Ieda, vocês são à base de tudo, saudades. Às tias: Rosa, Jóia (dinda), Nore, primas (os) Melina, Karen, Karol, Carla, Lulu, Vanessa, Ane, Rodrigo, Pedro, Maurício, Gustavo e Michele. Aos empréstimos de amor, Tias e tios Luiza, Arlete, Neli, Vera, Adão, Jorge, Edson, primos e primas Márcio, Marcos, Cris e comadre Vanessa e querida Ana. Minhas amadas sobrinhas Manuela, Luiza, Julia, Zaila, Rafaela e meu querido afilhado Cairo, obrigada pelos ensinamentos diários.

Sem dúvida nenhuma, esta dissertação é dedicada aos amigos!

A Renata, Luana, Diego, amigos de faculdade que mesmo nos escassos encontros me ajudaram imensamente. Meu carinho, a Gabriela Brochner, que mesmo lá da Espanha, esteve comigo dando força, dividindo textos e também momentos de suas experiências em sua nova vida, saudade imensa. Ao amigo Osman que está sempre junto pacientemente me ouvindo. Agradeço a Janaína e Duda por dividirmos angústias e incentivos, vamos longe juntas.

A Mariana, minha Maricota, a tua garra me mostra a capacidade das forças espirituais e ancestrais, e agora mais uma guerreira negra chega para fortalecer a luta por um mundo mais justo. Juntamente com Atinuke, Tati que me ajuda nas reflexões sobre nosso “povo” e sobre nossas vivências como mulheres negras.

Aos queridos colegas de trabalho do Ação Rua, Carla, Gui Vermes, Gui RM, Cauan, Carlinhos Guarnieri, Márcia, Larissa e Leciane que nas caminhadas me ensinavam o ofício de trabalhar na rua. Ao “pequeno”, na figura de todo (as) meninos e meninas de rua que conheci, obrigada pelos primeiros pontapés reflexivos para este trabalho nascer. As crianças que pesquisei que me receberam com sorrisos e novidades, á vocês todo meu carinho. Minha admiração pela comunidade do Areal cresce a cada ano, se antes eu me encantava pelas mulheres agora meu afeto pelos pequenos (as) deste local me fez perceber o futuro bonito que esta rua terá. As crianças do laguinho, vocês com certeza me tornaram uma pessoa melhor, mergulhei com vocês a cada encontro enquanto corriam pela praça para me mostrar piruetas. O que aprendi com vocês, guardarei eternamente.

Meu amor maior, pelas mulheres que escolhi nesta vida e pra todo sempre como irmãs. Vocês me seguraram me cuidaram, não há dissertação sem vocês, não há Milena sem vocês. A garra e a força de Leciane, a persistência de Larissa, a sensibilidade de Vitória, a alegria do sorriso de Alessandra e a doçura e curiosidade de Janaína. Nada do que eu escreva aqui vai expressar o que sinto, e a gratidão que tenho por vocês, pra toda minha vida, sabemos o quanto nossa ligação é forte e para além do racional. Carinho, carinho, carinho e gratidão demais por vocês estarem comigo, e seguimos juntas, sempre! Amo demais, “a regra é clara”

Por fim, mais uma vez (e que se repita mais): Mãe, conseguimos! Venceste novamente, guerreira demais! És exemplo! Obrigada! Amo-te.

SUMÁRIO:

Introdução - “Caminhando e observando” as crianças no espaço rua, descobrindo uma pesquisa.....	12
Capítulo 1 – No caminho da rua, a criança, na construção da infância, a rua.....	19
1.1 - o encontro da rua com a(s) criança (s).....	25
Capítulo 2 – Entre jogo da velha no chão do areal e mergulhos no laguinho: aprendendo a ser pesquisadora com a gurizada no espaço da rua.....	30
Os Campos e os Desafios	
- 2.1 O Laguinho.....	34
- 2.1.1 – O Areal ou Guaranha.....	38
2.2– As descobertas da pesquisa entre crianças e adolescentes na prática (descrição do campo e minhas saídas e minha presença em campo)	42
2.2.1- Aprendendo a fazer pesquisa “Com” e “Sobre” a gurizada no espaço da rua.....	48
- 2.2.1a – Fotografar e filmar	51
- 2.2.1b - Ser uma “adulta diferente” com “estratégias reativas”: conversando e brincando.....	54
-2.2.1c- Deshierarquizar o corpo “rígido” adulto para brincar com o corpo “mola” da criança.....	55
2.2.2 - Transitando Entre “Tia” e “Sôra”: Aceitando e sendo aceita Entre os guris e gurias.....	60

2.2.3 - A	
Gurizada.....	65
Capítulo 3 – No jogo da velha das fronteiras.....	76
3.1- Pelo “Pátio”, Pela “Piscina”: Vamos Brincar?.....	77
3.2- “Sou Mocinha, Sou Pré-Adolescente”- Brincando De “Poder Fazer”.....	86
3.3- Não Sou Um Guri/Guria De Rua.....	94
Capítulo 4- Implicâncias, cuidados e afetos entre a gurizada.....	104
4.1 – Implicando, Brigando e Brincando.....	105
4.2 – Cuidando: “Não Fale Com Estranhos”	112
4.3 – Gostar, causar e ficar:”arreganhos” na rua.....	116
Considerações	
Finais.....	127
Referências Bibliográficas E Digitais.....	130
Anexos.....	137

Lista Imagens:

Figura 1- Foto Google Maps- Trajeto do quilombo.

Figura 2- Carnaval no Areal- Crianças: Carlos, Regina, Caroline e Andrea. Fonte: Acervo Milena Cassal

Figura 3 - Foto Google Maps, Praça Itália

Figura 4-Laguinho: Ilha, Pontezinha e lago. Fonte: Acervo Milena Cassal.

Figura 5 - Roupas espalhadas pelo chão da Praça Itália- laguinho. Fonte: Acervo Milena Cassal.

Figura 6-Laguinho: alimentando peixes, jogando bola, jogando jogo da velha. Fonte: Acervo Milena Cassal.

Figura 7-Areal- Crianças na rua. Fonte: Acervo Milena Cassal

Figura 8- Rua Luis Guaranha.

Figura 9 - Gurias no Areal Fotografando Fonte: Acervo Milena Cassal.

Figura 10-Laguinho - Fotos de Mc Gui. Fonte: Acervo Milena Cassal.

Figura 11- Anita, Jade e Biatriz na cama elástica P. Marinha. Fonte: Acervo Milena Cassal.

Figura 12 - comida no laguinho - Fonte: Acervo Milena Cassal.

.

**Introdução - “Caminhando e observando” as crianças no espaço rua,
descobrendo uma pesquisa.**

“(…) Fazer etnografia é como tentar ler um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendências, escritos não como os sinais convencionais do som, mas como exemplos transitórios de comportamento modelado” (Geertz, 1978, p.320/321)

O presente trabalho desenvolve-se a partir de uma etnografia realizada em dois espaços diferentes da cidade de Porto Alegre, com meninos e meninas na faixa etária de 8 anos e 16 anos, durante nove meses, entre os anos de 2012 e 2013. O interesse de pesquisar as crianças que brincavam na rua surgiu quando fiz minha pesquisa para o trabalho de conclusão no curso de Ciências Sociais em 2010. A pesquisa abordava a utilização do benefício do Programa Bolsa Família entre as residentes do Quilombo do Areal da Baronesa localizado entre os bairros Meninos Deus e Cidade Baixa em Porto Alegre. O tempo de pesquisa de campo foi de um ano e propiciou uma convivência intensa com as crianças e adolescentes. Elas estavam por toda parte, especialmente na rua, já que, como veremos, esta é apenas uma extensão de suas casas. Notava que a rua, no quilombo do Areal, era um local de grande sociabilidade não só entre os adultos, mas também entre os mais novos.

Os brinquedos e brincadeiras espalhavam-se pela rua. As brigas entre eles durante suas brincadeiras eram motivos de discussão também entre os adultos, seus pais ou responsáveis. Instigava-me aquela rua que não fazia somente o “acesso” as casas, ao trabalho, a escola. A Rua no Areal me chamava atenção para as relações entre os pequenos, suas brincadeiras, seus modos de usar aquele espaço e a forma como seus pais e a comunidade os cuidavam. Poderiam estar fora de casa, mas todos sabiam onde estavam. Comecei a me perguntar então, que rua é esta que “acolhe” as crianças? O que

elas fazem neste espaço? Como se relacionam neste lugar onde o lúdico é sua principal motivação para saída de casa? A pesquisa de TCC terminou e as perguntas ficaram guardadas.

No ano seguinte, 2011, trabalhei como educadora social de Rua em um Programa de Abordagem a crianças e adolescentes em Situação de Rua, da capital, o Ação Rua¹. O núcleo em que trabalhava localizava-se na região da grande cruzeiro, atuávamos nos bairros, Cruzeiro² e Cristal. Locais, com índices altos de violência e exploração sexual entre crianças e adolescentes, segundo a rede de atendimento sócio assistencial da cidade. Atendíamos meninos e meninas em situação de rua moradia e sobrevivência.³ A intervenção como educadora levou-me a refletir ainda mais sobre as crianças e adolescentes como foco de pesquisa e sua relação e interação com a rua. Minha proximidade com este público a partir de suas falas e ações me mostrou uma cumplicidade com a rua até então desconhecida, a partir do imaginário que tinha daqueles meninos e meninas. Imaginário este que via a rua como algo que não protegia, não acolhia, ela excluía. Diferente da rua dos meninos e meninas do Quilombo do Areal.

As “crianças e adolescentes em situação de rua” utilizavam os espaços da rua não só para dormir, esmolar e trabalhar, mas também para brincar, fazer amigos, namorar, conversar. Ou seja, também se divertiam na rua (Santos, 2004). A ideia corrente que se tem de meninos e meninas em situação de rua é que foram “abandonados por suas famílias pobres” e que por isso estão na rua trabalhando, dormindo, esmolando, usando drogas. Como educadora social de rua observei que a grande maioria das crianças e adolescentes que vivem ou trabalham neste espaço ainda tem acesso a suas famílias. Visitam ou são visitadas pelos familiares, na rua mesmo. Na maioria dos casos, voltam para casa ao fim do dia. O que poucas vezes imaginamos é que a rua para muitos deles seja um espaço de sociabilidade de extrema importância, onde criam redes de afetos, aprendem a cuidar de si e dos outros, divertem-se e vivem neste espaço experiências semelhantes às de uma criança ou adolescente que não está na

¹ O Programa Ação Rua é um serviço de abordagem de crianças e adolescentes em situação de rua, na cidade de Porto Alegre que funciona mediante convênio entre a FASC (Fundação de Assistência Social e Cidadania) e entidades organizadas do terceiro setor ONGs, OSCIPs .

² Vide dados sobre a região no site do observa POA:

<http://portoalegremanalise.procempa.com.br/?modulo=regioes&p=11,0,0>

³ Situação de rua moradia: quando a criança ou adolescente está morando na rua, já com os vínculos familiares bem fragilizados, com poucos retornos a família. Situação de sobrevivência: quando a criança ou adolescente está trabalhando ou mendigando nas ruas, mas ainda retorna para casa. Estas categorias de classificação fazem parte da nomenclatura técnica com a qual trabalhei na experiência que tive como educadora de rua. No terceiro capítulo pretendo retomá-las a partir da fala dos pesquisados usando também uma bibliografia de referência sobre o assunto.

mesma condição.

A partir da experiência como educadora com meninos e meninas em situação de rua e das observações como pesquisadora no quilombo do Areal, sinto curiosidade de olhar para estes dois espaços e compreendê-los a partir desta “presença” na rua com a singularidade dos diferentes meios que vivem e que se diferenciam quanto às condições sociais, econômicas, territoriais, culturais, mas igualam-se por estarem vivendo situações, ao seu modo, semelhantes em detrimento de suas idades e momentos.

Ao ingressar no mestrado, o interesse sobre a “presença” de crianças e adolescentes brincando na rua ainda não estava bem definida. Durante o tempo em que fui educadora de rua, eu e meus colegas percebemos, que entre os (as) meninos (as) a forma de brincar era diferente do modo comum que estávamos acostumados a entender e perceber. Enquanto se vendia frutas na esquina, ocorria uma brincadeira, enquanto se percorria a cidade havia diversas formas de brincar, como um pega-pega entre as pessoas na rua, em uma parada, ou na pracinha (Santos, 2004). Durante uma visita a um menino de aproximadamente 12 anos, em uma clínica de recuperação para dependentes químicos, ele nos disse que, diferente dos outros, ele não brincava na rua, pois senão perderia sua fama, de menino mau. Seu apelido era “sementinha do mal”, devido a seus feitos na rua. Roubava chocolates, meias do inter e do grêmio nos supermercados e tinha uma atitude agressiva com os adultos e com os de sua idade também. Ele diz ainda, que brincava apenas nos espaços em que estava “fechado”, na clínica ou na FASE (Fundação de Atendimento Sócio Educativo). O relato de que o garoto teria sido “pego” brincando na biblioteca da FASE, em uma de suas inúmeras passagens pela instituição, despertou ainda mais meu interesse em compreender o que é e como é brincar em situação de rua⁴.

Inicialmente então, minha pesquisa pretendia comparar o brincar na rua das crianças em situação de rua com o das crianças que brincam na rua, mas em frente a suas casas. Seriam as crianças de “longe” de casa versus as crianças de “perto” de casa. As crianças de “perto” de casa seriam as crianças do quilombo do Areal da Baronesa, comunidade já pesquisada. E as de “longe” de casa, seriam os (as) meninos (as) que frequentam o lago da Praça Itália para tomar banho durante os dias quentes de primavera e verão. Este local era um ponto, conforme explico no decorrer do texto, muito frequentado por crianças e adolescentes em situação de rua na cidade de Porto

⁴ Em menos de um ano, o menino foi “internado” mais de quatro vezes na FASE. Fugindo de clínicas e abrigos que lhe eram destinados nas audiências.

Alegre. Compreender diferenças entre estes “brincades”, através da etnografia, era minha intenção.

Foi assim que iniciei minhas saídas a campo, como descreverei em seguida. No entanto à medida que eu frequentava os dois espaços de pesquisa, percebia que havia algo a mais naqueles locais. Em um deles eu observava meninos e meninas “livres e soltos” na rua, uns sem os pais, outros com atenção dos responsáveis que os levavam até lá, de todas as idades, e de todas as partes da cidade, e em diversos horários, construindo relações e modos de convivência a partir de um espaço único, a rua e através de brincadeiras.

E no outro, eu via crianças e adolescentes brincando na rua, sob o olhar dos pais e da comunidade em que moravam. Contudo estavam também “livres e soltos” neste espaço, relacionando-se quase que da mesma forma que o outro grupo.

Por mais que tivesse me habituado, durante o trabalho como educadora, a ver crianças na rua, sem adultos por perto, este fato me fascinava e me causava estranheza. Eu, queria entender como vinham de tão longe para tomar banho no lago, e como seria a negociação para sair ou ficar na rua mais tempo. Percebia que a rua, nos dois espaços, era um local de encontros, brigas, paqueras, brincadeiras, alimentação, solidariedade, amizade e cuidado. Meus questionamentos sobre suas brincadeiras prediletas, me levaram, a outros entendimentos sobre suas presenças na rua, ali era um local de crescimento, vivência e sociabilidade a partir de suas experiências.

O brincar perpassava todas as formas de convivência entre eles: era brincando que namoravam, conversavam, brigavam, cuidavam-se e viviam naqueles locais. Brincar era a forma de comunicação e relação entre as crianças. A abordagem comparativa manteve-se, pois, eram tipos de “ruas” diferentes. Um com a presença mais forte e “atenta” dos adultos para com os mais novos, e outro com adultos e crianças dividindo o lugar, mas sem um “controle” formal hierárquico entre adultos e crianças e adolescentes. As formas de comportamento diversificavam-se nestes dois locais.

Com o tempo, minha percepção em relação ao fato das crianças do lago serem consideradas “situação de rua” foi modificando-se. Todas as crianças eram de grupos populares, tanto no quilombo quanto no laguinho, contudo observava que vários guris e gurias do laguinho tinha uma organização diferente dos meninos (as) que eu atendia e conhecia como “situação de rua”. Não tinham sinais de uso de drogas, moradia na rua ou mendicância para sobrevivência e demonstravam-se extremamente vinculados com suas famílias. E a grande maioria dos guris e gurias que frequentavam o laguinho,

estavam inseridos na rede escolar ou em algum espaço de atividades em contra turno da escola, e muitos demonstravam preocupação com a hora de retorno para “vila ou comunidade”. Observava também que a maioria deles, chegava ao lago com suas “sacolinhas” que continham outras peças de roupas e muitas vezes toalha de banho. Entendo isso como uma mínima organização pessoal, que os vincula com a “casa”, relaciono este fato com uma “ida” ao “clube”, quando arruma-se a mochila para tal atividade. Também muitos dos guris e gurias do laguinho, diziam que sua mãe ou responsável, às vezes avó, sabia que ele/ela ia ao laguinho, ou seja tinham o consentimento da mãe ou responsável. A rua era um espaço de lazer e descobertas (Azevedo,2006) que não os ligava a uma situação de vulnerabilidade social por esta condição.

Além disso, ao questioná-los sobre serem vistos por algumas pessoas (trabalhadores da rede de atendimento e grande parte da sociedade) como um menino ou menina em situação de rua, eles me diziam que não eram “guris (as) de rua”, porque estes moravam na rua ou não tinha casa e família, e eles tinham casa e família. Diante destes aspectos decidi ver aqueles meninos e meninas sem as classificações das categorias que me habituei no Ação Rua. Tento não focar no estereotipo que a classificação lhes daria. Não os entendo como meninos e meninas em “situação de rua”. Os observo como meninos e meninas do laguinho.

Claro, encontrei três garotos com quem eu havia trabalhado enquanto educadora social de rua, no laguinho e sabia de suas “relações” com a rua, porém minha tentativa era perceber suas interações com aquele espaço, para além da sua condição de vulnerabilidade. Deixo claro aqui que não enfatizar a condição de situação de rua, não é desmerecê-la ou não dar importância a este fato, ao contrário, como educadora de rua, eu percebi que a força da denominação “situação de rua” às vezes poderia esconder características de vivências, aprendizados dos meninos e meninas que estavam na rua. Também não desconsidero os perigos da rua como as drogas, as violências, o tráfico, a exploração sexual. Apenas tento voltar o olhar, assim como alguns autores já o fizeram, para combinações variadas entre rua e crianças explorando a distância ou proximidade do local de residência como um aspecto relevante na configuração das relações

Presto atenção é nas “caminhadas” das crianças pela cidade, na relação que tem com a rua, e suas interações com seus pares. O ato de caminhar, para De Certeau (1998) é um processo de apropriação do sistema topográfico pelo pedestre. Ao caminhar, mesmo por espaços proibidos, como por exemplo, um muro que o impede de seguir, o

caminhante inventa e desloca as possibilidades de uma ordem espacial. O usuário da cidade em seus passos exploratórios no dia-a-dia “faz outras coisas com a mesma coisa e ultrapassa os limites que as determinações do objeto fixam para seu uso” (p. 178). No contexto desta pesquisa as crianças saem sozinhas de suas comunidades em “caminhadas” pela cidade, bairros, e assim conhecem a cidade, apropriam-se dela, ao utilizar os espaços públicos. Depois retornam a suas casas num “diálogo” constante com o urbano.

Para desenvolver a pesquisa, fiz observação participante nos dois espaços. Fotografar e deixar fotografar, levar materiais para desenhar e gravar vídeos, além de brincar com eles, foram surgindo ao longo do tempo como “ferramentas” de trabalho com o público pesquisado. Formulei algumas perguntas que ajudavam na condução das conversas, mas este não foi um elemento fixo em minhas incursões em campo permitiu que os gurus e as gurias conduzissem nossos diálogos, o que me possibilitava uma maior interação com eles e nos aproximava mais.

Esta dissertação divide-se em quatro capítulos. No primeiro, desenvolvo uma revisão bibliográfica referente ao tema infância no Brasil e seu cruzamento com a temática da rua nas Ciências Sociais. No segundo capítulo, apresento o campo e seus desafios, as descobertas da pesquisa entre crianças e adolescentes na prática, as formas como os (as) gurus e as gurias se referem a mim e nossas aceitações em campo e o modo como eu os denomino. No terceiro capítulo, procuro, a partir da fala dos gurus e gurias, desenvolver uma reflexão acerca de suas compreensões (ou o que entendi delas) sobre o que é um guru ou guria em situação de rua, contrastando com o que algumas bibliografias apresentam como “perfis” de situação de rua. Outro ponto a ser discutido neste capítulo, também a partir da compreensão dos gurus e gurias do Areal e do laguinho é sobre o que seja ser criança e adolescente. Seus entendimentos sobre estas denominações são diferenciados e móveis, podendo ser adaptadas conforme a situação. Faço esta discussão, pois, tive muita dificuldade para “encaixá-los” na delimitação etária definida pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), na qual criança é a pessoa com até 12 anos e adolescente, aquela que tem até 18 anos.

No quarto capítulo, utilizo três temas que se destacaram durante a pesquisa de campo e cujas práticas a eles referidas se diferenciam e se aproximam nos dois espaços: o cuidado, o conflito e os afetos entre gurus e gurias do laguinho e do Areal. Também utilizo as falas dos pesquisados para desenvolver esta reflexão. Apresento como a gurizada do laguinho tenta cuidar de si e dos outros em um espaço em que estão

distantes de casa, da comunidade e de seus responsáveis, também como brigam e como namoram ou “ficam” naquele local. No Areal, a comunidade e as próprias crianças encarregam-se dos cuidados. Mas também entre eles, juntamente com as brigas e implicâncias que sempre permeiam as brincadeiras, ocorrem namoros e paqueras.

Desde trabalhos clássicos como o de Florestan Fernandes até pesquisadores contemporâneos como Jucelia Riberio, Camila Fernandes, Tiago Lemões, Alexandre Pereira grupos de crianças e adolescentes da mesma faixa etária que os pesquisados do lagunho e quilombo do Areal tem sido objeto de estudo das Ciências Sociais. Inspirada e dialogando com estes estudos e suas análises nesta dissertação, desenvolvo algumas reflexões a partir do que encontrei caminhando pela cidade.

Capítulo 1 - No caminho da rua, a criança, na construção da infância, a rua

“Ele disse que eu era um tolo e não sabia o que era brincar. Eu respondi que tinha uma bicicleta e muito brinquedo. Ele riu e disse que tinha a rua e o cais. Fiquei gostando dele, parece um desses meninos de cinema que fogem de casa para passar aventuras”. (Capitães de Areia- Jorge Amado)

À medida que as saídas a campo se enumeravam em meu caderno de anotações, vários pontos iam se apresentando nos dois espaços de pesquisa e a atenção para bibliografia também estava em momento de descoberta. Perceber os guris e as gurias no espaço da rua exigia dialogar com autores que também cruzaram estes dois temas: a infância e a rua. São dois grupos de meninos e meninas que se encontram no espaço da rua para brincar, conversar, namorar, se alimentar, sociabilizar a partir de suas vivências e que o fazem com pouca ou nenhuma atenção dos adultos. Eles desenvolvem práticas de sociabilidade que demonstram a importância de tal espaço em suas ações. Busco identificar modos de sociabilidade entre os guris e gurias no espaço da rua quando estão fora ou distantes da observação, cuidado de adultos, pais ou responsáveis, em seus momentos de lazer, em suas brincadeiras, e suas relações com estes espaços.

A rua nas grandes cidades brasileiras, sempre foi fortemente associada ao perigo, tanto no imaginário social, como na literatura, no cinema ou em textos acadêmicos. Meninos e meninas que estão na rua, são em geral percebidos a partir da “falta”: de educação, de pais, de família, de afeto, enfim, de cuidados. São crianças “abandonadas” e nomeadas por exemplo, nos meios de comunicação como os “filhos da rua”. Ler sobre infância no Brasil é ler sobre pobreza e miséria, pois, os trabalhos que se debruçam sobre este tema (pesquisas, livros, documentos institucionais e materiais da mídia) focam esta população a partir da origem pobre, da vida nas favelas, vilas, cortiços e morros das cidades brasileiras. Porém, algumas etnografias (Gregori, 2000; Silva e Milito, 1995; Escorel, 1999; Frangella, 1996, 2009, Magni, 1994) nos mostram que para quem vive nas e das ruas existe a construção de vínculos, (entre pessoas, instituições, animais e coisas) estratégias de sobrevivência e valores que são constituídos em diferentes locais.

Compreender a infância em seus diversos contextos é também refletir sobre a noção de infância que nos serve como referência ideal. Ou seja, o conceito de infância construído ao longo do tempo na história do ocidente. De mini adulto, a criança tornou-se um ser frágil e inocente, em relação ao qual o sentimento de afeto precisa ser expresso. Ao longo dos últimos séculos expandiu-se a concepção que os define como seres em desenvolvimento e não substituíveis. (Ariés,1981) O modo como os mais jovens relacionam-se com seus grupos familiares também sofreu modificações, sua educação é assumida pelas próprias famílias a quem cabe as tarefas de cuidado, proteção e o afeto.

As mudanças sociais, econômicas e políticas da época também ajudam nesta construção de sentimento de infância, na modificação das relações familiares, nas transformações de sentidos para a maternidade e paternidade, no que caracteriza seus cotidianos e o lugar ocupado pela escola. Observar os contextos em que as crianças estão inseridas também é importante para compreender de qual infância estamos falando, quais as experiências valorizadas em seus locais de vivência. (Mead, 1955).

Clarice Cohn (2005) destaca que a infância é um modo particular e não universal, de pensar a criança. Em seu tempo de ser criança, esta convive com adultos e outras crianças e a partir destas interações constrói seu ser e suas relações. Conforme Cohn (2005) pensar em uma única infância pode ser um erro. A autora recomenda que pensemos então, em “outras infâncias”, observando os diferentes modos de viver e saber onde a criança está inserida.

Neste sentido de construção de sentimento de infância, ao considerarmos a elaboração de políticas para infância, percebe-se uma série de denominações utilizadas no domínio da “proteção à infância”.

No Brasil, em 1927⁵ foi promulgado o Código de Menores, legislação onde “o menor” está ligado a pobreza e a delinquência. Tal termo é jurídico e invocaria a “anormalidade” e a “irregularidade”, como estado em que algumas pessoas até 18 anos se encontrariam (Alvim e Valladares, 1988, p.17). Em 1979, um novo código de menores entrou em vigor e o termo “menor em situação irregular” ficou em evidência nos processos jurídicos e meios de comunicação. O objetivo do novo código foi regulamentar a penalização do menor infrator, instituindo a prisão cautelar.

A infância pobre no Brasil, foco destas duas legislações, acaba configurando-se

⁵ Vide tabela das políticas públicas para infância no Brasil, em anexo.

como perigosa e ameaçadora, sendo que o estereótipo da infância assistida corresponde seja ao abandono seja a periculosidade. A diferença entre os códigos de 1927 e 1979 é que o primeiro atenta-se para a regularização do trabalho dos meninos e meninas e o segundo preocupa-se com a penalização do menor infrator. A partir da Constituição Federal de 1988, foi possível a elaboração do Estatuto da Criança e do Adolescente promulgado em 1990. Esta legislação é referida como representando uma mudança de paradigma da *situação irregular* para a *proteção integral*, definindo crianças e adolescentes como *sujeitos de direitos*. O termo *menor* torna-se mal visto e associado a um período anterior onde predominaria intervenções punitivas. A partir do ECA, como já foi observado, são consideradas crianças as pessoas até 12 anos e adolescentes aquelas com até 18 anos. Todos estes estágios são construídos ao longo do tempo e das mudanças sociais, políticas, culturais e econômicas que o mundo e o Brasil passaram.

A infância, desde o século XIX, era tratada em diversos países, inclusive no Brasil, como uma questão social, por profissionais da área da saúde, juristas, políticos, jornalistas e escritores. Segundo Alvim e Valladares (1988) a infância foi um fenômeno recorrente em países de rápida industrialização e desenvolvimento urbano acelerado. A preocupação com as condições de vida das camadas pobres, no contexto do capitalismo, na França e na Inglaterra, dava especial atenção às crianças. Eram crianças exploradas pelo trabalho industrial, crianças abandonadas, vadias, mendigas que integravam o universo cruel das grandes cidades. (Alvim e Valladares, 1988, p.3).

Já no século XVIII, a preocupação com a infância pobre era pauta de ações do estado, do patronato, da igreja, de filantropos, de médicos e de juristas. Nas cidades europeias, entendia-se que a pobreza e a miséria eram causadoras do abandono das crianças, juntando-se a péssimas condições de habitação, relações ilegítimas, promiscuidade e vício. Estas eram as condições favoráveis ao abandono das crianças, que se tornavam desordeiras. A “salvação” para tal situação era colocada no trabalho. No entanto, empresários, setores da igreja e reformadores sociais unem-se para tentar dissipar a concepção de que o trabalho é o caminho para cidadania da classe trabalhadora.

Na Europa do século XIX observa-se dois contextos para a infância: a família e a fábrica X o crime e a rua. Tais temas são de abordagem frequente nas discussões sobre infância das classes populares no Ocidente.

No Brasil, a preocupação com a infância surge no final do século XIX, a partir da nova ordem social republicana. Fatores como o crescimento de duas cidades (Rio de

Janeiro e São Paulo), o fim da escravidão e o surgimento de uma força de trabalho livre e urbana, juntamente com os imigrantes estrangeiros contribuíram para a emergência do problema social da infância pobre no Brasil. A rua, assim como em outros países, também é identificada como lugar de desordem, perigo, como um espaço de não subordinação à família e ao trabalho (Alvim e Valladares, 1988, p.5). É um lugar de “socialização” da criança em “perigo moral”.

As ciências sociais volta sua atenção para “a questão da infância”, a partir da década de 1970: pesquisas surgem para fornecer subsídios para ação de profissionais que trabalhavam com “menores abandonados e delinquentes”. Trabalhos realizados pelo CEBRAP (1973) e a obra de Misse et al (1973) por exemplo, utilizam pela primeira vez instrumentos de pesquisa sociológica para o estudo desta questão. Este trabalho feito em São Paulo pesquisou menores internados em 1971, em todas as instituições públicas e privadas do estado, utilizando questionário com entrevista, história de vida, estudo de caso e observação direta dos meninos.

No Rio de Janeiro a pesquisa centrou-se na delinquência juvenil e baseou-se em fontes secundárias como os estudos de investigação do juizado de menores, buscando caracteriza infratores conforme a infração. Estas pesquisas são o marco inicial da entrada das ciências sociais nesta problemática social. Na década de 60, as ciências humanas elegem como objeto de estudo a criança pobre delinquente e trabalhadora: o foco era o trabalho do menor, a delinquência, a violência e a criminalidade. Nos anos 70, temas como o menor institucionalizado, a política social para o menor, criados pelo governo ou instituições para-governamentais, a educação primária e seus problemas, como por exemplo, evasão e repetências, eram os temas centrais dos estudos. Na década de 80, estudos e levantamentos sobre características sócio econômicas das crianças brasileiras, as relações da criança pobre com sua família, histórias da infância pobre no Brasil e sobre a legislação foram o focus das pesquisas. O tema do menino de rua (Fonseca, 1982, 1985,1986; Zaluar, 1983, 1985; Valladares, 1986, Alvim,1985), surge na mídia. Antropólogos e sociólogos atentam-se para o tema da família pobre, com enfoque na socialização de crianças na família e na comunidade, e também sua relação com o trabalho infantil.

E em 1979 o tema “meninos de rua” é tratado em livros como o de Fischer Ferreira (1979) realizado a partir de estudo em São Paulo e Gonçalves (1979) no Pará e estes “personagens” ganham grande visibilidade. O termo *menino de rua* ganhou força na academia e popularizou-se também através da atuação da igreja católica, tendo sido

incluído também como alvo de intervenção da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABEM) que passa a oferecer projetos alternativos aos meninos e as meninas de rua. O menino de rua é referido como a criança marginalizada que não se encontra interna em instituição e que vive seu cotidiano nas ruas das cidades. (Alvim e Valladares, p.18). Entende-se com frequência que teriam sido abandonados por suas famílias, pela escola e por isso acabam por viver nas ruas, em “bandos”.

Segundo estes estudos, as famílias dos menores são descritas a partir de um modelo geral, de família “desestruturada”, “desorganizadas”, com “ausência paterna ou materna” e geralmente chefiada pela mulher (mães solteiras). Estas crianças eram caracterizadas também, pelo baixo grau de instrução, pela tendência a evasão escolar que segundo alguns autores (Guirardo, 1980, 1986; Campos, 1984; Cabral, 1985), seriam fatores que combinados com a desorganização familiar e a pobreza encaminhariam os meninos à rua e as instituições. Estes fatores também levariam as famílias à marginalidade social, pois não conseguindo se inserir no mercado formal de trabalho urbano formavam “um verdadeiro exército de desempregados que habitavam favelas e os bairros de periferia das cidades”. (Alvim e Valladares, 1988, p.18)

Diversos autores (Guirardo, 1980, 1986; Campos, 1984; Cabral, 1985) responsabilizavam as famílias por suas “desorganizações”, e com isso o destino de suas crianças estava fadado à miséria, ao crime e a delinquência. Contudo, Arruda (1983) em pesquisa realizada em São Paulo, mostra que entre os menores internados na FEBEM/SP em 1976, 44,97% provinham de famílias organizadas. Rizzini (1986) a partir do Rio de Janeiro e de um grupo de 300 crianças de rua observa que 41% dela referem-se a famílias com pai, mãe e irmãos e outras 35% dizem pertencer a famílias chefiadas apenas pela mãe. Tais autores tentam através de seus estudos relativizar o que seria visto como o modelo vigente nas famílias pobres.

Valladares (1986) busca dar atenção às relações familiares em seu cotidiano, mostrando a importância destas relações e também da comunidade ou vizinhança, que são suporte de socialização e proteção contra o mundo da rua e marginalidade. Este enfoque traz um novo olhar sobre os grupos populares, tirando o foco da “desorganização” X “organização” familiar, como uma justificativa para a “delinquência” ou criminalidade infantojuvenil.

Claudia Fonseca (2002) também apresenta outro olhar sobre as classes populares. Em seu estudo em duas vilas populares de Porto Alegre, autora mostra como

nestes locais configuram-se modos de organização familiar que não são entendidos como formas de abandono ou características de desestrutura. A circulação de crianças, prática em que crianças “passam parte de sua infância ou juventude em casas que não a de seus genitores” (p.14), é comum enquanto dinâmica que caracteriza formas de cuidado e proteção das crianças e ajuda entre as famílias. “Dar” um filho para as mulheres pesquisadas por Fonseca, é uma forma de garantir bons cuidados à criança. Não há problemas em assumir que não poderá criar seus filhos, pois, o filho ou a filha continuará tendo contato, na maioria dos casos apresentados, com a mãe biológica. A ideia de que o “sangue puxa” e reaproxima aqueles que um dia foram separados faz do status de pai ou mãe adotivos algo sem muito sentido para mães que não consideram ter abandonado seus filhos. Muitas crianças depois de um pouco crescidas ou já adultas acabam procurando seus pais biológicos, motivo de certa reclamação dos pais adotivos.

Na literatura sobre o tema e nos meios de comunicação de massa, esta prática pode ser vista como uma forma de “abandono”. O trabalho de Fonseca aborda a circulação de crianças nas comunidades mais pobres de Porto Alegre como uma dinâmica familiar de cuidado. As crianças que circulam acabam tendo mais de uma mãe ou mais de um pai.

A “família desestruturada” segundo alguns autores aqui citados, é vista como motivação para o abandono das crianças e a existência de meninos (as) de rua. Moradia inóspita, alto número de nascimentos, “os des-e-re-casamentos”, os sub-empregos ou o desemprego são ingredientes da imagem da família desestruturada. Deslocando o olhar para outro contexto, Fonseca (1999) mostra que no final da década de 90 na França, as crianças nasciam de pais que não eram legalmente casados (40% dos casos), e quase um terço dos casamentos legais estavam fadados a terminar em divórcios. Contudo, segundo a autora, se fosse pelo motivo da “desestrutura da família”, haveria um grande número de meninos (as) “abandonados (as)” no país, e, no entanto isto não acontece.

Ocorre uma diferença de classificação nas formas de criação das crianças, de acordo com a classe social no Brasil. Muitas famílias de classes abastadas em diversos momentos deixaram seus filhos com outros parentes para que conseguissem trabalhar. A circulação de crianças também existiu e pode existir nos grupos familiares de classe média e alta, contudo isso não significa que os pequenos estejam abandonados e a prática não é condenada como uma forma de irresponsabilidade ou negligência dos pais. Porém com o passar do tempo e com a “psicologização” dos modos de viver, as novas gerações da classe média não utilizam com tanta frequência a “circulação de crianças”,

condenando tal ato como uma prática de pais desnaturados, distinguindo assim, as famílias “respeitáveis” das “moralmente repreensíveis” (Fonseca, 2002).

1.1 - O encontro da rua com a(s) criança (s).

A grande maioria dos trabalhos que cito neste texto apresenta a dupla “criança e rua”, como sinônimo de que algo vai mal. De fato há muitos perigos na rua para crianças, adolescentes e adultos também, contudo estes mesmos trabalhos informam que neste espaço também há formação de redes de afetos e trocas.

Pesquisas com crianças em situação de rua, revelam que a rua torna-se um local de trabalho onde meninos e meninas chegam até mesmo a se tornar provedores de suas próprias famílias (Fischer Ferreira, 1979; Medeiros, 1985; Rizzini, 1986). Além disso, a rua é também é um espaço de convivência e sobrevivência com regras que transparecem no exercício do trabalho de rua, de acordo com Fischer Ferreira (1979) e Medeiros (1985). Segundo estes trabalhos, muitas das crianças de rua, guardavam vínculos com suas famílias. O estudo de Fischer Ferreira (1979) demonstra que estes meninos não eram “abandonados”, conforme muitos escritores publicavam a respeito dos meninos de rua. No Rio de Janeiro, Rizzini (1986) apresenta que 70% das crianças entrevistadas saíam de casa durante o dia para trabalhar e 6,32% informaram não ter contato com suas famílias.

No entanto apesar do perigo, a bibliografia também mostra que para alguns a rua pode ter uma aura poética. Para João do Rio (1908) a rua é o espaço onde a miséria é acolhida, “a rua é agasalhadora da miséria”, onde os homens flanam com seus espíritos vagabundos, observadores e curiosos, onde de suas vielas e becos surgem casas, construções e mais ruas. O autor de *Alma Encantadora das Ruas*, também descreve os tipos urbanos que habitavam as ruas do Rio de Janeiro do início do século XX: ciganos, jovens tatuadores, jovens vendedores de orações católicas, capoeiristas, jovens portugueses funcionários da descarga do minério e carvão, prostitutas, orientais viciados em ópio, crianças mendigas exploradas por seus parentes. Na rua, não existe controle social e a liberdade pode ser vivida como algo que vicia e que pode contaminar (Gregori, 2000).

Florestan Fernandes (1947) demonstra em seu texto, *As trocinhas do Bom Retiro*, que as crianças encontravam-se na rua de seus bairros, na década de quarenta, com a motivação de brincar. E com o tempo os grupos infantis desenvolviam

proximidade, sociabilizando-se, estabelecendo seus primeiros contatos entre pares em espaços públicos, de maneira livre. A rua neste momento é o espaço onde tais grupos infantis encontram-se para jogar futebol, brincar de roda, entre outras brincadeiras. O autor observa que nestes grupos existem separações por gênero e classe social e interpreta que as crianças representam o que aprendem e vivem nos meios em que estão inseridas. Florestan, não apresenta o perigo da rua. Mostra que neste local os grupos infantis desenvolvem diferentes tipos de sociabilidade. Contudo a rua é somente o local onde se encontram. Suas dinâmicas, segundo o autor, não são determinadas por este espaço, mas sim pelas interações entre as crianças, que ressignificavam elementos culturais de seus arranjos familiares em seus grupos de brincadeiras.

Maria Filomena Gregori (2000), cinquenta anos mais tarde, mostra a realidade de meninos e meninas de rua em São Paulo, apresentando suas “virações” e “circulação” que significam bem mais do que sobreviver na rua. A “viração” corresponde a relações e interações entre parceiros na rua. Seus modos de se virar oscilam entre esmolar e roubar. Até mesmo a prostituição torna-se um modo de (sobre) vivência entre eles. Seus comportamentos também significavam uma “forma” de conseguir algo como “menores” nos escritórios de assistência social, por exemplo. Havia entre os (as) meninos (as) uma tentativa de manipular recursos simbólicos e “identificatórios” para dialogar, comunicar e se posicionar diante das situações, pessoas e instituições a partir desta categoria que os engloba: a identidade de meninos/as de rua.

No trabalho de Gregori e também no de Lecznieski (1999) os (as) meninos (as) mantêm o vínculo com seus familiares. Há também alguns casos em que o encontro dos (as) meninos (as) com seus familiares se dá para entregar os ganhos da rua (Martins, 1991).

Em alguns grupos populares a rede construída pela sociabilidade fortalece os vínculos comunitários e de parentesco, já que muitos dos moradores de pequenas comunidades são parentes ou com a “circulação” de crianças acabam por formar uma família extensa dentro do próprio local onde vivem. Marques (2006) relata em sua descrição sobre os processos de sociabilidade no Quilombo do Areal da Baronesa ou Avenida Luis Guaranha, em Porto Alegre⁶, onde as relações são construídas, na maioria das vezes, no espaço da rua. Entre churrascos, reuniões da associação de moradores, brincadeiras das crianças, conversas em frente às casas, ou “tecendo a rede de fofocas”

⁶ No quilombo do Areal ou Guaranha, a rede de parentesco é bastante forte, muitas famílias estão distribuídas por várias casas da comunidade.

(Fonseca, 1996) a Guaranha⁷ constrói sua sociabilidade, seu cotidiano entrelaçado de afetos, no espaço da rua.

O autor descreve a rua e os pátios das casas da Avenida Luis Guaranha, como lugares de sociabilidade “face a face” (Marques, 2006, p.73). Em poucos momentos o autor fala do perigo que a rua pode representar. Mesmo quando descreve as crianças nesta rua, contrapondo com algumas observações aqui já descritas, não há um tom de apreensão em relação ao perigo que as crianças possam correr estando “soltas” na rua. Ao contrário, o sentimento descrito em relação à presença das crianças na rua é de descoberta, por ser um lugar calmo onde as relações possibilitam situações onde as crianças utilizam o espaço da rua, sem perigo, em uma cidade grande.

Neste local, a rua-comunidade, a casa-rua, é quase uma coisa só, misturando o público e o privado, o que pode se compreender talvez pela extensão do cuidado e da atenção dos adultos com as crianças da comunidade, quando os pequenos estão na rua. São deixados mais “livres” neste espaço porque os adultos consideram não haver perigo, pois “todos” estarão de “olho”. Jane Jacobs (2009) explica em seu livro “Morte e vida nas grandes cidades”, que as pessoas, mesmo sem preparo profissional para cuidar de crianças, podem enquanto fazem suas atividades nas ruas das comunidades, “supervisionar” a recreação informal das crianças e incorporá-las a sociedade. A autora ainda relata que o princípio fundamental de uma vida urbana e próspera seria que as pessoas assumissem um pouco de responsabilidade pública pelas outras pessoas, mesmo que não tenham nenhuma relação com elas. (2009, p.89)

As crianças ao “usarem” a rua como espaço de lazer, trabalho, moradia, alimentação e afeto, etc., tornam o lugar, o seu “pedaço”, nos termos de Magnani (2008). O autor refere-se a “Pedaço” como um “espaço, ou um segmento dele, que é referência para caracterizar determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações”. (1996,p.13). Para as crianças ter um “pedaço” é também a possibilidade de exercitar além da sociabilidade, a cidadania, já que entram em contato com outro ambiente, com outras pessoas e precisam conhecer novas regras de convivência. Regras como compartilhar, ceder, negociar. É durante as brincadeiras que estes códigos se estabelecem entre eles.

No decorrer do trabalho apresentarei “os pedaços” dos grupos que pesquiso e seus “jeitos” de utilizá-los. Aqui resalto a importância deste conceito como um modo

⁷Forma como a comunidade se refere à rua onde moram.

de compreender as formas de articular o espaço público da rua com o espaço privado em uma esfera das relações dos grupos que frequentam estes lugares.

Em seus “pedaços” as crianças brincam sem as restrições impostas dentro de casa, onde os adultos coordenam o que podem ou não fazer e onde estar. Estar no espaço da rua permite a criança uma maior exploração dos espaços, das brincadeiras. Estar na rua permite se relacionar com uma maior quantidade de meninos e meninas de sua idade. Segundo Wenetz (2012), com as possibilidades do espaço, seja na casa ou na rua, a criança aprende na convivência, práticas culturais diversas, que fazem parte da cultura na qual a criança se insere. Algumas práticas podem mudar com o tempo, e as crianças podem aprender uma brincadeira de diversas maneiras (Wenetz, 2012, p.67).

Mairise Aparecida de Souza (1998) em sua dissertação sobre brincadeiras de crianças no espaço da rua em um bairro do distrito de São Geraldo apresenta a facilidade de encontrar crianças brincando fora de casa: as ruas eram tranquilas e não violentas e eram espaços de sociabilidade e de convívio da comunidade. Porém, a autora observa as preocupações das mães com suas filhas enquanto os meninos possuíam mais liberdade para estar na rua. Este trabalho, assim como de Wenetz (2012), apresenta as diferenças de gênero também nas brincadeiras das crianças. As autoras observam a pouca presença das meninas, evidenciando a rua como um espaço masculino. As meninas ficariam em casa com os cuidados domésticos e das crianças menores.

Ileana Wenetz (2012) refere-se também, em sua tese de doutorado a ausência de crianças em ruas e praças da região pesquisada. Conforme a autora, isto se relaciona com a sensação de insegurança e a preocupação com o cuidado da criança, por parte dos responsáveis. Além disso, Wenetz cita autores como Jacobs (2009) que observa que a cidade não possui espaços preparados para as crianças, para além de praças, parques ou playgrounds. Como pesquisadora “de e com” crianças também voltei minha atenção para estes “dispositivos de lazer”. Ao observar o deslocamento de crianças e adolescentes de tão longe para o centro da cidade, coloco-me a questão da falta destes aparelhos em suas comunidades.

A rua e a criança são termos cuja combinação é ambígua: em um momento a rua pode ser “acolhedora”, “lúdica” e “um lugar de descobertas”. No entanto ao virar a “esquina” podemos encontrar uma rua “violenta”, “perigosa” e “não educativa”. A criança pode ser vista tanto como “inocente”, “abandonada” e necessitando de “proteção”, mas uma virada de páginas dos jornais nos coloca diante de um perfil de criança, “perigosa”, “malandra” e que pode ser uma “ameaça” a sociedade. Nesta

ambiguidade existe uma relação que se dá no cotidiano de praças e ruas de comunidades. No lagunho e no quilombo a rua “acolhedora” e “perigosa” encontra-se com a criança “protegida” e “malandra” que com ela constroem símbolos e vínculos que demarcam cuidado, afeto e conflitos. Como se relaciona a rua perigosa com a criança protegida, ou a rua lúdica com a criança perigosa? A negociação desta ambiguidade pelas crianças quando estão na rua pouco é percebida pelos adultos.

A literatura ou trata a rua na sua dimensão lúdica e a criança como inocente, ou como aventureira e desbravadora em ruas perigosas. Trabalhos acadêmicos muitas vezes apresentam os meninos que estão na rua como vitimizados ou delinquentes. Estar atento para tais entrelinhas é uma possibilidade de compreender determinadas posturas de meninos e meninas que “estão no espaço da rua”.

Capítulo 2 - Entre jogos da velha no chão e mergulhos no laguinho: Aprendendo a ser pesquisadora com a gurizada no espaço da rua.

Para poder estudar a criança, é preciso tornar-se criança. Quero com isso dizer que não basta. Observar a criança, de fora, como também não basta prestar-se a seus brinquedos; é preciso penetrar, além do círculo mágico que dela nos separa, em suas preocupações, suas paixões, é preciso viver o brinquedo. (Roger Bastide, prefácio de As trocinhas do Bom Retiro)

OS CAMPOS E OS DESAFIOS.

Decidido, a princípio, o foco e os objetos de pesquisa, iniciei minha busca por interlocutores. Encontrar as crianças do Quilombo me parecia mais fácil do que encontrar as crianças ditas em situação de rua dado que os meninos e meninas do Areal moravam neste local, e já possuíam certo vínculo comigo. Meu primeiro desafio então, foi encontrar os guris e gurias que estavam na rua sem a presença de adultos. Onde e como encontrá-las? Como abordá-los (as), agora eu já não era mais uma educadora do Ação Rua, havia saído do programa, era apenas uma pesquisadora, como me aproximar destas pessoas com o discurso da pesquisa? Havia trabalhado com pesquisa somente com adultos, jamais havia feito pesquisas com crianças e adolescentes. Tinha experiência como educadora eicineira de projetos sociais com adolescentes, mas tudo isto se distinguia da relação que desejava construir como pesquisadora no meio deles, segundo desafio que a leitura de textos sobre as experiências de antropólogos em pesquisas com crianças e adolescentes ajudaram a acalmar, mas que somente as saídas a campo organizaram e organizam ainda minhas angústias e ansiedades de pesquisadora com e sobre crianças e adolescentes.

Primeiramente, pensei em contatar o núcleo no qual trabalhei no Ação Rua. Contudo, à medida que lia sobre pesquisas realizadas com meninos e meninas em situação de rua percebia que o rótulo de uma instituição, programa ou política poderia dificultar muito minha aproximação com os (as) garotos (as). Lisiane Lecznieski (1992)

traz no início de sua dissertação os motivos para não escolher entrar em campo por via de instituições como FEBEM (na época) ou por movimentos sociais como Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua. Lecznieski percebeu que as opiniões sobre temas como sexo, furto, família, escola, etc. dos (as) meninos (as), quando ditas na presença de profissionais que trabalhavam nestas instituições destoavam de quando proferidas somente em sua presença. A partir disto, decido, inicialmente, tentar um contato sozinha com os (as) garotos (as), para compreender se esta aproximação seria muito difícil ou precisaria de uma intermediação através de um serviço que trabalhasse com tal população. No decorrer da pesquisa percebo que fiz a escolha correta, pois durante todo o trabalho de campo, em diversos momentos, tanto os (as) meninos (as) como a adulta, mãe de uma das meninas que frequentava o lago, perguntavam se eu era assistente social, psicóloga, conselheira tutelar, ou do Ação Rua. Noto certo receio e desconfiança no olhar de diversos meninos (as) em relação a minha presença em função destas associações. Isto se dissipou na medida em que o tempo passava e que os encontros ficaram mais frequentes. A imagem que alguns meninos (as) tinham de mim, pois, alguns deles moravam na região em que trabalhei como educadora, atrapalhou e também ajudou na aproximação com os frequentadores do laguinho.

Um das principais atividades na rotina de trabalho como educador social de rua, é fazer as chamadas “sistemáticas” que correspondem a roteiros traçados pela equipe a partir de pontos reconhecidos pela presença do seu público alvo. Sinaleiras, ruas movimentadas no centro da cidade e dos bairros onde residem, saídas de supermercados, entorno de locais de doação de alimentos e roupas, pontos de venda de drogas, praças, parques, terminais de ônibus... Os educadores saem por estes pontos com o propósito de encontrar os (as) meninos (as) que frequentam estes locais e também buscando novos meninos (as) que estejam em situação de rua. Um dos pontos que eu e meus colegas de trabalho íamos com frequência era o Parque Marinha e o laguinho da Praça Itália no bairro Praia de Bellas. Decidi então iniciar minhas observações no Parque Marinha. O verão já estava dando mostras de que seria intenso, o que facilitou muito meu trabalho. Denominei, no começo, minhas saídas a campo, como “sistemáticas etnográficas”, pois eu havia traçado um roteiro para tentar encontrar os guris e as gurias. Além do que a etnografia é um trabalho sistemático, onde ir ao campo com frequência, e travar conhecimento com o espaço e com os que ali habitam requer também uma sistematicidade e persistência. Quando trabalhava como educadora este

era o principal ponto que encontrava em comum com o trabalho de educador de rua, as “sistemáticas” eram de extrema importância para o trabalho. Assim como as “saídas a campo” são de extrema importância para o trabalho antropológico. Embora tal terminologia não seja utilizada na antropologia.

Percebo uma grande dificuldade em “descolar”, em fazer o desligamento da identidade de educadora social de rua e assumir minha identidade de pesquisadora, de antropóloga. Um de meus espaços de pesquisa foi local de trabalho com os meninos e as meninas em situação de rua, e eu ainda tinha o olhar “treinado” e utilizava “terminologias” do trabalho como educadora. No início da pesquisa eu fazia, mentalmente, encaminhamentos e decifrava “casos” que considerava graves ou preocupantes. Estas duas identidades que habitavam meu corpo e mente, e às vezes ainda voltam, me ajudavam e me confundiam no desenvolvimento da pesquisa, no campo e na escrita.

As práticas de trabalho como educadora social me ajudaram muito a desenvolver uma relação com os guris (as) do lagunho e a melhorar minha comunicação com as gurias e os guris do Areal. Eu conhecia as brincadeiras, gírias, músicas, filmes, cantores de quem eles gostavam. Passei a ouvir rap (e gostar) a partir da experiência como educadora. Aprendi a reconhecer quando as crianças eram usuárias de drogas ou falavam de algum lugar que eu sabia que era ponto de dormir na rua. Contudo, refinei, pois isto já vinha sendo desenvolvido nas práticas de pesquisa, a escuta ou o “ouvir”. Entre as duas identidades, a de pesquisadora, antropóloga foi ganhando mais força em relação à de educadora. Com o tempo a educadora passou a fazer mais parte do passado e surgindo apenas nos momentos lúdicos da pesquisa.

Em setembro início minhas saídas a campo pelo Parque Marinha, e efetuo quatro observações, que não foram efetivamente participantes, porque não tive muito contato com os meninos. Apenas os observei. Neste mês houve muita chuva, e durante vários dias não pude ir a campo, o clima, era algo que poderia me ajudar muito ou não. Olhar a previsão do tempo tornou-se uma rotina. Em setembro as chuvas não ajudaram, mas próximo ao fim do mês o calor recomeçou com mais intensidade e parecia chegar para ficar. Assim minhas idas a campo puderam se tornar mais efetivas.

Com o calor, meu campo de observação atravessou a rua do parque para o lago da Praça Itália, como os (as) meninos (as) começam a “ir” ao lago com mais frequência

eu acabo entendendo que este deveria ser meu ponto de observação, o laguinho da Praça Itália. O quilombo do Areal e o laguinho estão a 350 metros de distância, uns 6 minutos a pé de um ponto ao outro, segundo o Google maps e minhas caminhadas. Uma pequena distância e algumas diferenças quanto ao “estar na rua” das crianças e adolescentes presentes neste trabalho.



Figura 1- trajeto do quilombo do Areal ao Laguinho da Praça Itália.

As observações e permanência no laguinho foram feitas em dias alternados de segunda a sexta-feira e finais de semana, geralmente pela tarde e fim de tarde. No Areal também alternei os dias da semana e finais de semana, contudo estive com mais frequência no turno da noite, pois além encontrar as crianças em todos os turnos, a noite é o período em que todos (as) estão de fato na rua. Não delimito as idades dos meninos e meninas pesquisados, pois sabia que iria encontrar todas as idades, e que no laguinho muitos dos pequenos estariam acompanhados dos mais velhos (irmãos, primos ou amigos). Então, novamente, deixei o campo me mostrar a faixa etária do público encontrado. Adianto aqui, que tive contato com crianças e adolescentes, denominação

que mais tarde será trabalhada a partir da fala dos garotos, de um a dezesseis anos de idade, entre Laguinho e Areal.

O trabalho de campo foi realizado de setembro de 2012 a maio de 2013, com a previsão de um retorno de um mês entre os meses de novembro e dezembro de 2013 nos dois locais. Portanto, entre a primavera, verão e outono. Durante o verão minhas idas a Praça foram mais frequentes do que no Areal, sabia, que os dias quentes, e as férias terminariam logo, e com isso a presença dos meninos (as) no lago também diminuiria: com o frio e com as aulas eles (elas) não teriam como e nem por que “ir” a Praça. Nos dias de muito calor eu procurava estar no lago para poder me aproximar dos meninos (as). As visitas ao Areal foram mais frequentes a partir do carnaval, pois comecei a acompanhar as apresentações da escola de samba mirim “Areal do Futuro” composta por mais ou menos 50 crianças da comunidade e das proximidades.



Figura 2- Carnaval no Areal-Crianças: Carlos, Regina, Caroline e Andrea. Fonte: Acervo Milena Cassal

2.1 - O Laguinho.

O Lago da Praça Itália, localiza-se no bairro Praia de Belas, que segundo o site observa POA possui 1.869 habitantes cujo rendimento básico dos moradores responsáveis pelo domicílio é de 12,7 salários mínimos. Este bairro é considerado de classe média, a Praça localiza-se entre o shopping Praia de Belas, o terminal dos ônibus T2 e T5, de frente para o Parque Marinha e para Avenida Ganzo.

No local encontramos uma pracinha, com balanços e uma casa de madeira com escorregador, gangorra, árvores e gramado. O laguinho faz quase toda volta na praça.

Além de receber os meninos e as meninas que se refrescam nas águas do lago, a praça também acolhe os residentes do bairro Praia de Belas, que desfrutam das sombras das diversas árvores que por ali estão, além dos visitantes de outros bairros, já que a praça é um ponto de lazer da cidade devido a sua proximidade com o Parque Marinha.

A praça recebe diariamente inúmeras pessoas, funcionários do shopping em seus horários de intervalo, grupos de adolescentes levam cangas e sentam-se na grama para conversar, casais de namorados, pessoas lendo, skatistas que andam pela praça fazendo manobras e fotógrafos. Os (as) meninos (as) do laguinho, seguidamente são fotografados em seus banhos na praça. Percebe-se que o local também é ponto de moradia de adultos em situação de rua.

Durante o tempo que pesquisei no laguinho, entendi que tanto as crianças, como os adultos que estavam ali tomando banho, percebiam aquele lugar como um local de lazer. Uma de minhas informantes, um dia me disse: *“eu sempre venho aqui, é uma piscina”*. Os guris e as gurias reforçam esta ideia de “piscina”, “clube” ou “parque aquático” quando os vejo chegando na praça com suas sacolas. Os grupos, ou meninos e meninas sozinhos (as) que chegam ao lago carregam toalhas, bermudas, camisetas e as gurias colocam shorts e trazem outras blusinhas para trocar depois do banho. Nunca vi as meninas entrarem na água de biquíni, sempre de roupa. Eles estendem as roupas molhadas, quando não tem outras para trocar, nos bancos da praça ou pelo chão. As roupas, sapatos, bolas, bicicletas, mochilas ficam espalhados pela beira do lago.

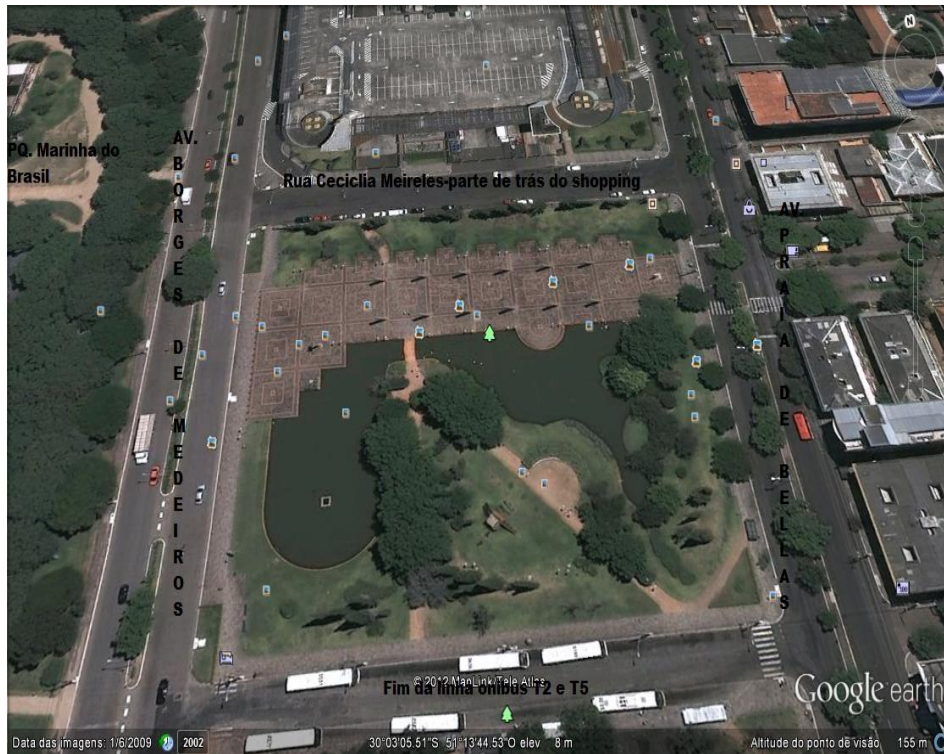


Figura 3 -Foto Google Maps, Praça Itália



Figura 4-Laguinho: Ilha, Pontezinha e lago. Fonte: Acervo Milena Cassal.



Figura 5— Roupas espalhadas pelo chão da Praça Itália- laguinho. Fonte: Acervo Milena Cassal.



Figura 6-Laguinho: alimentando peixes, jogando bola, jogando jogo da velha. Fonte: Acervo Milena Cassal.

2.1.1 - O Areal ou Guaranha.

O Quilombo do Areal da Baronesa também chamado de Guaranha por todos os moradores encontra-se entre os bairros Menino Deus e Cidade Baixa. Estes bairros segundo o ObservaPOA também possuem o status de classe média na cidade. O bairro Menino Deus conta com 31.650 habitantes e o rendimento básico dos moradores responsáveis pelo domicílio é de 8,2 salários mínimos e o bairro Cidade Baixa possui 18.450 habitantes e o rendimento básico dos moradores responsáveis pelo domicílio é de 5,48 salários mínimos

De acordo com o estudo sobre as comunidades quilombolas⁸ da capital gaúcha (UFRGS, FASC, 2008) existem no Areal 71 famílias divididas em 256 habitantes, sendo que família neste estudo corresponde a cada unidade residencial. Na classificação etária do quilombo, 39,3% da população tem 17 anos ou menos e 22,1% tem menos de 12 anos, entre a população com mais de 17 anos (60,7%), apenas 5,6% tem 60 anos ou mais.

A “Guaranha” nome mais conhecido da comunidade e sistematicamente referenciado pelos moradores se identifica como reminiscência viva do local de moradia dos ex- escravos, pobres e escravos libertos. A nomenclatura Areal da Baronesa lembra que o local foi área de moradia do senhor João Batista Pereira e da senhora Maria Emília Pereira, que obtiveram o título de barão e baronesa do Gravataí, recebido diretamente do D. Pedro II, pois o casal acolheu o imperador em sua residência no século XIX. Ao ficar viúva, a senhora Maria Emília Pereira não conseguiu organizar suas economias e para livrar-se das dívidas vendeu suas terras a escravos libertos e imigrantes italianos. O sapateiro Luis Guaranha, que possuía inúmeras casas no local do atual quilombo do Areal, alugava peças para pessoas mais pobres e como não deixou herdeiros, suas posses ficaram para a Santa Casa de Misericórdia da capital.

A santa casa arrecadava alugueis de forma bem flexível, quando uma imobiliária começou a mediar à cobrança de alugueis, os moradores mobilizaram-se buscando ajuda

⁸ Em Porto Alegre existem quatro quilombos urbanos: Areal da Baronesa, Quilombo da família Fidelix, Quilombo do Alpes e família Silva, mas somente o quilombo do Silva tem a titulação definitiva.

da prefeitura pra não pagar alugueis tão caros. Durante a década de 80, em forma de permuta, o terreno da avenida Luis Guaranha passou a ser de posse do Departamento Municipal de Habitação (DEMHAB), isentando o aluguel dos moradores. Nos anos 90, iniciou-se o processo de busca da titulação de terras quilombolas, remetendo-se ao local como foco dos ex-escravizados e negros libertos, dos antigos carnavais de rua justificando o pedido. O quilombo urbano do Areal possui uma certidão provisória de reconhecimento da população como remanescente de quilombos concedida pela Fundação Palmares. Em julho de 2013, a comunidade recebeu pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) a regularização fundiária do local. Após este tramite, a titulação está mais próxima de acontecer. No entendimento das crianças, o Areal é a bateria de escola de samba, e a Guaranha é a comunidade onde vivem. Karine ao me explicar quem estava estudando em sua escola contabilizou quem era do “areal, ou areal do futuro” e quem era da Guaranha. Durante o tempo que pesquisei no quilombo, observo que o entendimento que aquele local é um quilombo, chamando quilombo do Areal, ainda não está assimilado pelos moradores, muitos tem dificuldades em conceituar o que é um quilombo, referenciando-se a isto como “coisas de negros” e para as crianças este fato ainda é pouco trabalhado.

A região do Areal, não está restrito apenas ao quilombo, boa parte do bairro cidade baixa está ligado a lembrança do Areal. Atualmente rodas de samba e blocos de carnaval de rua, reavivam antigas práticas desta área da cidade. A ligação da comunidade do Areal com os “dias de folia” é tão forte, que teve sua própria escola de samba, Academia de Samba Integração do Areal da Baronesa. Criada por Celso, morador da comunidade, a escola de samba existiu durante os anos de 1994 a 2003. Com o término da escola de samba, surge a bateria mirim Areal do Futuro, criada por Danilo e Paolo⁹, contanto com a organização de tia Claudete, como é chamada pelas crianças e pela comunidade. Ela faz a organização dos meninos e meninas que desfilam em frente à bateria: um casal de mestre sala e porta bandeira, uma porta estandarte, e as (os) passistas. O Areal do Futuro se intitula como o “berço do samba”, devido a esta trajetória e as reminiscências ligadas aos antigos carnavais de rua na cidade.

⁹ Nomes fictícios

O Quilombo do Areal é traçado somente pela Rua Luis Guaranha, que a meu ver, era sem saída, mas descobri que no fim dela existe um local chamado “beco”, onde existem mais moradores. Esta rua de trás, é chamada de “beco” possui um nome, que as crianças não sabem dizer. Os moradores do beco e da Luis Guaranha se conhecem e participam da “rede de relações” existente naquele meio. Quando perguntei para uma das meninas qual era o nome do beco, ela me olhou com uma feição estranha, e respondeu: “é beco”. Respondeu com um tom de quem diz: “que pergunta boba”.

O beco e a Rua Luis Guaranha estão ligados por diversos fatores: a proximidade territorial, as crianças que brincam por ali, o carnaval e as redes de parentesco entre vários moradores que circulam entre beco e Luis Guaranha. O beco, assim como o Areal, também possui uma miniescola de samba e este fato tenciona uma disputa, por participantes, com a mini escola de samba Areal do futuro. Contudo, o beco, não faz parte do território quilombola, e com isso está sujeito às especulações imobiliárias que podem surgir no local, causando assim, mais um nicho de tensão e disputa entre os dois espaços.

Durante a pesquisa de campo para o trabalho de conclusão de curso em Ciências Sociais realizada em 2010, o que mais me chamava atenção na comunidade eram as crianças na rua, que estavam sempre por toda “avenida” “brincando” “falando alto” “brigando com as outras crianças” e em consequência os adultos também se desentendiam. Era interessante observar tais cenas, ao ler a dissertação de Olavo Ramalho Marques, o mesmo fez observações parecidas em relação a frequência dos moradores e suas crianças na rua:

As crianças perambulam pela rua o tempo todo, brincando, correndo e andando de bicicleta, rabiscando com pedaços de tijolo ou jogando amarelinha. Nos dias de sol, jogam futebol e desenvolvem outras brincadeiras na larga calçada do conselho Regional de Contabilidade do Rio Grande do Sul (CRCRS), um espaço adjacente, porém a ele integrado pelo uso lúdico para o qual é apropriado por jovens e crianças do local. (Marques, 2006, p74)



Figura 7-Areal- Crianças na rua. Fonte: Acervo Milena Cassal

Diferentes modos de sociabilidade no Areal da Baronesa ou Guaranha são na maioria das vezes, realizados na rua. Marques (2006, p.72) também ressalta esta característica do local:

A rua é o local central na vida social da Luís Guaranha: é nela que se dá o convívio lúdico, as brigas, as tensões, é o lugar de encontro e de visibilidade entre os moradores. Ali, no efervescente espaço público, se negocia a vivência coletiva, se constroem as redes de vizinhança, de compadrio e solidariedade.

Assim como Marques, percebo o espaço da rua no quilombo como um elemento fundamental na comunidade, já que além de fazer a passagem das casas com o mundo externo ou as outras ruas da cidade, a rua do Areal é o local de desenvolvimento das relações sociais, econômicas, rede de fofocas, afetivas e lúdicas da comunidade.



Rua - Luis Guaranha (entrada)



Rua - Luis Guaranha (meio)



Rua Luis Guaranha pela parte de trás, ao fundo.

Figura 8- Rua Luis Guaranha

2.2 – As descobertas da pesquisa entre crianças e adolescentes na prática.

Após ser apresentado às escolhas e os campos, retomo a reflexão sobre os desafios que estes me proporcionaram no decorrer destes dez meses de etnografia. Conforme citei anteriormente minhas experiências de pesquisa etnográfica era somente com adultos e por estar frequentemente na presença de crianças e adolescentes, filhos dos adultos que pesquisava. Inúmeras dúvidas surgiram ao iniciar a etnografia. Como me aproximar? Existem técnicas, modos, atividades, um jeito específico de pesquisar com foco em crianças? O que falar? Devo brincar? Faço um questionário? Será que responderão? E se estiverem acompanhadas de adultos, converso com eles também? Peço permissão aos adultos?

Estas foram algumas das dúvidas iniciais, que a cada ida ao campo se dissipavam. Conforme já comentei, a presença das crianças no laguinho era sazonal. Vou descrever a experiência como pesquisadora no laguinho, separada do Areal, porque para cada local de pesquisa meu comportamento variou em função das especificidades e modo de estar com eles. O Parque Marinha e o Laguinho assim como o Quilombo do Areal são locais próximos a minha casa. Eu procurava sempre ir a pé para o local de pesquisa, achava interessante observar os movimentos das ruas próximas a estes locais, perceber o funcionamento dos bairros e pessoas residentes, assim como me sentir parte daquele espaço já que em menos de 30 minutos estava em casa. Ou seja, aquele também era o meu espaço de vivência cotidiana. Coincidência ou não o bairro Menino Deus, que era bem próximo dos dois locais (Areal e Laguinho) foi o bairro onde vivi minha infância. Não tenho lembranças de brincar nos espaços de pesquisa, mas recordo de brincar em praças depois do horário de escola e na adolescência, de frequentar o Parque Marinha para andar de patins. O cenário não me era nada estranho, ao contrário conhecia bem as ruas e o parque que estava voltando a frequentar.

Para sair a campo, presto atenção em alguns detalhes, como por exemplo: uso de uma única bolsa, com poucos pertences ou mochila leve, roupa adequada para poder me movimentar tranquilamente com as crianças - bermudas, chinelos e blusas sem decote são ótimos para estar nestes locais com as crianças, sentar no chão, correr, jogar bola, ou seja, brincar com os meninos e com as meninas. Na etnografia de Andrea Moraes Alves (2003), sobre as relações de gênero e de grupos etários nos bailes de dança de sala no Rio de Janeiro, a autora relata que seu modo de vestir-se mudou em função de sua pesquisa, pois a apresentação pelo vestuário era um ponto importante na prática da dança de salão. Segundo a autora, o vestuário estava ligado à impressão que os outros teriam sobre a posição social do dançarino ou da dançarina. A escolha da roupa, para

ela, era uma forma de adaptar-se ao ambiente de pesquisa, onde a vestimenta era um meio de classificação das pessoas. Para a pesquisa no lago e no Areal, esta regra deu-se quase que na mesma intensidade, a diferença é que eu precisava de roupas discretas e leves para que pudesse ser integrada ao meio dos guris e das gurias e em suas brincadeiras e nos seus espaços.

Nos primeiros dias de observação, eu percebia que não estava somente observando, estava sendo observada também, pelos frequentadores mais assíduos do parque. Guardadores de carro, garotos que iam andar de skate, patins, pipoqueiros e outros trabalhadores do local e os (as) moradores do parque em situação de rua, e porque não, pelos meninos (as) que buscava pesquisar. Percebia que tinha que ficar atenta a minha segurança, no final da tarde o número de profissionais do sexo aumentava e os “pequenos” traficantes também apareciam com mais frequência. Como eu era uma estranha no local, eles também estavam atentos a mim e a tudo que poderia ser prejudicial a sua segurança também os chamava atenção. Não me sentia segura naquele local. À medida que caminhava pelo local de pesquisa, observo pessoas que não estavam no parque somente a passeio.

Algumas pessoas que por ali passavam pareciam andar sem rumo, e eu reconhecia os movimentos dos que estão na “correria” pela droga, da experiência que tive como educadora social. Caminhavam por vários locais, ora pedindo, ora catando materiais recicláveis pelas lixeiras e pelo chão. Percebia que o Parque Marinha, é um espaço masculino, pois, são os skatistas, os ciclistas, seus atores principais, e também os vendedores de algodão doce e pipoca, é mínima a presença feminina no parque. Este era um fator que me fazia sentir constrangida e intimidada.

Quando fiquei somente no laguinho, a percepção de insegurança diminuiu, já que ali era mais frequentado pelos guris e pelas gurias. E como eu me aproximei de uma das frequentadoras adultas¹⁰ mais assíduas da praça, consegui desenvolver uma boa relação com todos que ali frequentavam.

¹⁰ Algum tempo depois um amigo que trabalhava na rede de atendimento a criança, comentou que havia uma denúncia de possível prostituição por parte desta adulta ali na praça. Porém eu nunca percebi sinais de “negociações sexuais” durante o tempo que ficava conversando com ela e com as pessoas que a conheciam.

O sentimento de insegurança diminuiu, porém a sensação de desconforto ainda permaneceu. Se por um lado eu exercito o meu “estranhamento” do outro, o pesquisado e tudo que o espaço em contexto, apresenta também me estranha. Este era o processo de buscar um espaço no lago. Ou seja, que minha presença fosse “naturalizada” no local. Ainda citando a pesquisa de Andrea Moraes Alves, também é demonstrado o desconforto e uma busca de “lugar” da pesquisadora entre os frequentadores dos bailes. Ela não ia ao baile para dançar e nem para competir com os que ali estavam, seu interesse era pesquisar. Contudo ela levou certo tempo para declarar aos seus informantes que era pesquisadora. Quando o faz, este fato é tomado como algo importante o que então a leva ao lugar de “a moça que está escrevendo sobre os bailes do Rio de Janeiro”. Para chegar a este patamar levou certo tempo. Habitar fronteiras é extremamente delicado e envolve um processo complexo. Praticar o exercício de integração, empatia talvez possa ajudar neste processo de tornar o desconfortável em “menos desconfortável”, pois acredito que ao tornar-se confortável demais, alguns olhares de pesquisador perdem-se. Fato que ocorreu comigo em relação ao Quilombo do Areal, onde precisei “reaprender a estranhar”. Após dois anos pesquisando ali, observo, que o local, as famílias e principalmente as crianças, tornaram-se tão familiares para mim e eu para eles, que meus questionamentos, observações, esqueço de detalhes básicos, como por exemplo, nomes, idades, escolaridades, cor, etc sobre os (as) meninos (as).

Tomo como ponto de reflexão, para meus exercícios de “estar” e “olhar” em/o campo, a citação de Gilberto Velho, no texto “Observando o familiar”:

O que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas, até certo ponto, conhecido. No entanto, estamos sempre pressupondo familiaridades e exotismo como fontes de conhecimento ou desconhecimento, respectivamente. (Velho, p.126, 1987).

Todas as vezes que ia ao laguinho não encontrava os mesmos meninos e meninas, o que me fazia repetir várias vezes a mesma apresentação, e tentava fazer as mesmas perguntas para eles. Incomodava-me não encontrar os mesmos meninos, pois entendia que assim não conseguiria chegar ao foco do trabalho que era compreender sua presença e dinâmicas na rua, através daquele momento de lazer em que se encontravam. Contudo entendi que nesta “dinâmica” eu iria trabalhar. Tive que aprender a ser rápida e “coletar” na observação

participante o que desejava para o trabalho no momento em que estava com eles, indiferente de vê-los outra vez ou não. Encontra-los novamente era lucro. Primeira lição da pesquisa, aproveitar o tempo que tinha com cada um.

Quando chegava, eu sentava nos bancos da praça ou grama próxima de onde estavam, e ficava acompanhando suas atividades. Em seguida que me avistavam e mesmo sem me conhecer acenavam para mim. Não tive muitos problemas de repulsa ou exclusão com os meninos. Em dois casos apenas, senti que não queriam minha presença, mas compreendi o motivo e respeitei. A grande maioria dos meninos e meninas, com quem tive contato, foram simpáticos e receptivos e em alguns casos até amorosos. Contudo, eles não se demonstravam tão carinhosos e receptivos no primeiro contato, levava certo tempo até se acostumarem com minha presença, e perceberem que eu não era uma ameaça. Eu notava que algumas pessoas que circulavam pela praça, não aceitavam os meninos (as) ali, percebia um olhar de desaprovação e medo com relação aos grupos. Numa ocasião uma senhora que estava com o neto, assustou-se com aquele grupo de crianças, que lhe pediam migalhas de pão para alimentar os peixes: ela pegou o menino e a bolsa bem firmes pela mão. Os gurus (as) também relatavam a forma como eram tratados nos ônibus, no parque da redenção onde geralmente eram expulsos do chafariz e também no shopping, lugar que gostavam de ir para comprar bolachas recheadas e refrigerante

Diferente do Areal, os gurus e as gurias do laguinho, abraçavam pouco e raramente deixavam ser tocados, havia uma resistência (temporária) ao toque, que respeitei a cada encontro que tínhamos, mas que também com alguns foi diminuindo a cada encontro. Percebia suas resistências como formas de cuidado e segurança. No entanto recebi alguns abraços molhados e palavras carinhosas deles, uma parte agradabilíssima da pesquisa. Eu sentava e conversa com eles a beira do lago. Em diversos momentos tirei fotos e gravei vídeos, a pedido deles. Muitas vezes brinquei na pesca ou alimentação dos peixes, jogamos jogo da velha no chão e conversamos muito sentados pelos bancos ou chão da praça.

Inúmeras vezes me perguntavam por que não entrava na água com eles, fato que confesso teria facilitado muito mais minha aproximação. Mas meu medo da água foi maior que meu desejo de integração. Não sei nadar, e tenho bastante receio de entrar na água onde sempre cogito a possibilidade de me afogar. Trauma herdado na infância e que ainda não foi trabalhado, a verdade é que tenho certa fobia de entrar na água, seja mar, rio, cachoeira, piscina ou até mesmo um “laguinho artificial” de uma praça da cidade... O interessante é que quando explicava isso para os garotos (as) eles não insistiam mais para que eu entrasse no lago com eles. Gostava da compreensão deles. Algumas vezes eles me diziam que eu tinha nojo de entrar na água, contudo em algumas horas de conversa, eles mesmos confessavam o nojo e contavam que quando chegam em casa tomam banho e se lavam bem.

Aproximar-me com calma e sem pressa para descobrir o que tinha interesse foi a segunda lição que aprendi. Aprendi aos poucos a guiar as conversas com eles, a partir dos assuntos que eu propunha através de perguntas, e na medida em que a conversa se desenvolvia eu os deixava seguir e raramente tentava voltar a algum assunto que me instigava. Assim descobria muito mais informações para além dos temas que queria compreender, e também isso me aproximava deles, conversar nos deixava próximos. Meu roteiro de questões inicialmente era sobre suas brincadeiras, eu começava com isto e então vinham diversos assuntos. Perguntava-lhes:

Qual era sua brincadeira predileta?

Com quem você brinca? E onde?

Você brinca sempre na rua?

Tem horário para entrar ou voltar para casa?

O que é a rua para ti?

Brincar é coisa de criança?

Você se considera criança?

O que é ser criança?

O que era ser adolescente?

Criança pode namorar?

Dá muita briga quando estão na rua passeando ou brincando?

As crianças gostavam de conversar, falar, ao seu modo, mas falar, trocar ideias sobre determinados assuntos, contar histórias sobre suas brincadeiras, brigas e seus dias, era algo que fazia com frequência, contudo não igual aos adultos. Faziam isso em meio a uma brincadeira, um mergulho, não se sentavam e falavam exaustivamente, mas falavam poucas coisas e trocavam de assunto, rápidos e dinâmicos. Eu tive que aprender a ser assim e lidar com isso. Terceira lição da pesquisa: aprender a lidar com a “rapidez” dos (das) pesquisados (as). Um dia estávamos “alimentando” os peixes e um dos meninos, me disse, sem que eu tivesse perguntado, que ele e os irmãos já dormiram na rua, no frio e que pediam dinheiro nas sinaleiras. E que

naquele dia não estavam “trabalhando” e sim se “divertindo”. Antes mesmo que eu conseguisse perguntar algo sobre isso, ele mudou de assunto. Tudo era rápido, dinâmico, imediato.

Eram curiosos, quando me viam anotando perguntavam o que eu estava anotando e queriam olhar o que eu havia escrito. Tinham curiosidade em saber para onde e quem eu iria levar e mostrar aquelas anotações. Inicialmente apenas dizia que o que escrevia não seria levado para o Conselho Tutelar, ou alguma Assistente Social, depois percebi que compreendiam mais quando eu dizia que iria mostrar para minha professora. Acho que eles entendiam porque também tinham professores e sabiam o que era fazer um trabalho para escola. Então comecei igualar minha “escola”, PUCRS, com a deles, e minha professora também pedia trabalhos. Ficou mais fácil, e as perguntas diminuíram consideravelmente. Quando perguntavam eu apenas dizia: “*Estou fazendo um trabalho para minha escola, vou entregar para minha professora, só ela vai ver, não se preocupem*”.

Eu perguntava se eles conheciam a PUCRS e geralmente ouvia sim como resposta. As escolas visitam o Museu de Ciências e Tecnologia que fica dentro do campus da universidade. Quarta lição da pesquisa, tentar buscar aproximações do meu cotidiano com o deles, para que consigam compreender melhor o que eu fazia ali.

No quilombo do Areal o desafio, como já mencionei acima, era desacostumar os olhos e as percepções e compreender os fatos corriqueiros para mim como atípicos e vice versa. A diferença entre os espaços e as crianças era notável, a começar pelo tamanho da rua. A Praça Itália é maior que a rua do quilombo, e os modos de entendimento do ambiente são outros. Uma praça é diferente de uma comunidade, mesmo que esteja inserida em uma comunidade. Isso também exigia de mim outra compreensão de comportamento. Já que no Areal, existiam os moradores, com quem eu deveria minimamente me relacionar. Então, sempre buscava conversar um pouco com os adultos que conhecia, fazia perguntas sobre as crianças, eles me contavam sobre suas regras de negociação para que entrassem em casa nos horários combinados. Um dia, em uma conversa com Alex ele comenta que no verão, todos, entre adultos e crianças, ficam na rua até tarde, que não têm horários determinados porque é época de muito calor e as crianças estão de férias na escola.

As gurias e os guris do quilombo também me questionavam sobre o destino das fotos, filmagens e principalmente dos desenhos que faziam para mim. A resposta era a mesma, que somente minha professora, na PUCRS, iria ver aqueles desenhos, fotos e filmagens. No quilombo, as crianças demonstravam conhecimento de sua rua, mas sempre que tinham que sair dali pediam permissão aos pais ou responsáveis. Que por sua vez, perguntavam com quem iam, e o que fariam em tal lugar. Determinavam o tempo que duraria tal saída. O local que mais circulam perto de casa é o supermercado que fica bem próximo da comunidade. Nos finais de

semana, um pequeno grupo de crianças se desloca, acompanhados por Tia Claudete, para o ensaio da escola de samba Praiana, onde fazem parte da escola de samba, na ala mirim. Este grupo, em sua maioria, é também a ala de passistas, mestre sala e porta bandeira do Areal do Futuro. Poucas vezes vi as crianças do Areal sozinhas longe de casa. Contraponto com o grupo do laguinho, que se deslocam de diversos bairros para chegar até ali.

2.2.1 - Aprendendo a fazer pesquisa “com” e “sobre” a gurizada no espaço da rua.

Neste cenário, e com ajuda de textos que problematizam a prática de pesquisa com crianças/adolescentes, a seguir desenvolvo algumas reflexões referentes ao fazer da pesquisa antropológica com crianças.

A antropologia volta seu olhar para os estudos da infância primeiramente na década de 1920-30 com Franz Boas e Margaret Mead. Eles tinham a preocupação de entender o que significava ser criança e adolescente em outras realidades sócio culturais, contrapondo com a sociedade norte americana. Mead à medida que vai desenvolvendo suas pesquisas com crianças, acaba refinando seus métodos de coletas de dados com crianças. Em 1942, publica um livro de fotografias chamado de *Balinese Character: A fotograophic analysis*, ou “A personalidade balinesa: análise fotográfica”. Ela, juntamente com seu marido Gregory Bateson, desenvolve um método de análise do cotidiano das crianças e de suas interações. Bateson tirava fotos, que percebia desde as brincadeiras e até as formas como eram carregados por suas mães, e as interações com a antropóloga. Mead é da escola culturalista, atenta-se para a relação do indivíduo com a sociedade em termos de sua formação como um tipo específico de personalidade.

Outros antropólogos desta escola estudam a primeira infância compreendem que, por exemplo, modos de ninar, e embalar a criança, de ensinar a higiene pessoal e de disciplinar os comportamentos como definidores de padrões culturais, são determinantes na formação de personalidade ideal, adulta, de suas sociedades (Cohn,2009,p.14). Tais estudos dão visibilidade aos estudos da criança e sugerem métodos e temas de observação, coleta e análise de dados, demonstrando que a experiência das crianças é cultural e só pode ser entendida em contextos. Estes trabalhos acabam marcando uma divergência entre a vida adulta e a da criança, e remetem a uma ideia de imaturidade e desenvolvimento da personalidade madura. (Cohn,2009,p.15)

A escola estrutural funcionalista também se preocupou com esta área de estudos. Sua intenção é não preocupar-se com a formação da personalidade ideal e sim com as práticas e processo de socialização dos indivíduos. Importa-se com a definição de papéis e relações sociais envolvidas nestes processos que embasam e realizam essas praticas. A criança, para os

estruturalistas-funcionalistas, é vista como um receptáculo de papéis funcionais que desempenham, ao longo do processo de socialização, nos momentos apropriados. (Cohn,2009,p.16). As ações e representações simbólicas não precisam ser estudadas, seu lugar no sistema é dado pelo próprio sistema. Os estruturalistas-funcionalistas estudam os grupos da mesma faixa etária, as categorias de idade, as passagens entre categorias de idade e status social e seu papel funcional. A aquisição de competências são aquelas necessárias para que se realize um determinado papel social. No Brasil estas duas escolas aparecem nos trabalhos de Egon Schaden e Florestan Fernandes. Schaden trabalha com crianças Guaranis e Fernandes sobre a socialização entre os Tupinambás, e falam de uma personalidade ideal, do valor da repetição, da homogeneização cultural e da certeza sobre o papel social que as crianças ocupam como sendo determinantes para entender o lugar dos imaturos em suas sociedades.

Clarice Cohn (2009) compreende que as escolas referidas limitavam o alcance dos pressupostos nos estudos com crianças, principalmente porque entendiam que a criança era inculcada a cultura, ou o de que elas são socializadas, ou seja, inseridas por agentes e práticas socializadas na sociedade mais ampla. Estes estudos enfatizavam ora a cultura, a aquisição de competências e a formação de personalidades.

Na década de 60, antropólogos buscaram estudar a criança sob novos aspectos, voltando-se para o conceito cultura, de sociedade e de agência, ou ação social. A criança passa a ter um papel ativo na definição de sua própria condição. São seres sociais plenos, ganham legitimidade como sujeitos nos estudos que são feitos sobre eles. (Cohn,2009,p.21).

A antropologia em seu modo de entender as práticas em seu contexto social e cultural, segundo Cohn (2005) contribuiu muito para os estudos da infância, parte do pressuposto de que a criança não está sozinha em seu meio, e leva em conta este espaço e suas significações para ela e também o modo como ela é vista pelos outros que estão ao seu redor. O método etnográfico, utilizado pelos antropólogos, mostra-se bastante adequado aos pesquisadores da infância permitindo aproximações do modo como o mundo social é vivido e apreendido pelas crianças. (Cohn, 2005).

Utilizo como fio condutor para esta discussão o texto de Flavia Pires: “Ser adulta e pesquisar crianças: explorando possibilidades metodológicas na pesquisa antropológica, métodos e técnicas de pesquisa”, no qual a autora disserta sobre as técnicas de pesquisa utilizadas na produção de sua tese de doutorado. Ela relata as diversas atividades que desenvolveu com as crianças durante o trabalho de campo: observação participante, desenhos, redações, filmagens, diários, fotografias, cartas, entrevistas com crianças e programas de rádio.

O artigo tem como objetivo discutir a questão dos métodos e das técnicas de pesquisa utilizados nas pesquisas com crianças pela antropologia. A autora questiona-se se pesquisar crianças requer métodos e técnicas especiais ou se devemos continuar aplicando os mesmos instrumentos empregados com adultos. Também se pergunta em relação ao lugar do pesquisador adulto na pesquisa com crianças, sobre os esforços para sair desta posição e os problemas resultantes disso.

Para trabalhar com as crianças da cidade Catingueira, Flávia Pires utilizou materiais de pesquisa não muito usados pelos antropólogos: desenhos, redações, filmagem, diários, fotografias, cartas, entrevistas com crianças e realização de programas de rádio. A observação participante não foi a principal técnica de pesquisa. Em relação a este aspecto, inicio uma comparação com as técnicas que utilizei em minha pesquisa de campo com as crianças e adolescentes que estão em espaços de rua, do Quilombo do Areal e do Laguinho da Praça Itália. Não escolhi técnicas específicas para desenvolver com os meninos (as) nos dois lugares, pois como tinha dúvidas do que fazer, e eu também sabia fazer poucas coisas que os atraíssem, decidi, primeiramente, observa-los e com isso deixar aparecer as formas de intervenção mais adequadas. Pires (2007) conta em seu texto sobre a necessidade que teve de inventar pretextos para atrair as crianças até sua casa.

De fato, no início da pesquisa eu pensava que deveria fazer algo para entretê-los, contudo percebi que como eu entrava em seus espaços de vivência lúdica, tentar fazer alguma coisa poderia atrapalhar o processo principal da pesquisa que era compreender suas presenças na rua e como lidavam com isso. Deixá-los livres, como normalmente estão nestes locais, sem muitas intervenções, regras ou obrigações me pareceu a melhor coisa a ser feita naqueles locais de pesquisa. Percebi então, que meu desafio nos dois lugares era me integrar ao espaço e com eles, para não mudar muito a rotina de suas práticas. Pires comenta algo que pode ser relacionado ao mencionado acima sobre a artificialidade que a presença do pesquisador introduz no contexto pesquisado. Isso é impossível de evitar, mas deve ser assinalado. Minha presença já modificava o contexto, se colocasse atividades, mesmo que lúdicas, poderiam alterar mais ainda os resultados brutos que pretendia coletar ali.

Pires, utiliza alguns métodos que puderam ser desenvolvidos com as crianças, pois se encontravam dentro de casa. De acordo com Cohn (2009), as técnicas para pesquisar com crianças são variadas e abrem-se á criatividade, aos interesses e recursos do pesquisador, e também das necessidades específicas da pesquisa. Na rua, com suas dinâmicas rápidas, algumas atividades, como redação e cartas podem ser um tanto difíceis, mas não impossíveis de serem realizadas. No Areal, muitas crianças, com frequência, pegaram meu caderno de anotações e escreveram bilhetinhos ou desenharam. No laguinho, poucas vezes eles desejaram escrever.

Contudo os (as) guris (as) gostavam de saber o que eu escrevia no caderno. Vejo que o interesse pelo desenho e escrita relacionava-se também com o nível escolar de cada grupo. No Areal todos com quem falei estavam frequentando assiduamente a escola, havia até certa implicância entre eles quanto ao estar ou não em determinada série, sobre saber ler ou não. As crianças encontradas no laguinho nem sempre frequentavam a escola assiduamente. Muitos ainda não sabiam ler, logo o que chamava atenção de um grupo não era tão desejado por outro.

2.2.1a - Fotografar e filmar.

As filmagens e as fotos foram o que mais atraía os dois grupos. Contudo no Areal, as crianças me pediam para tirar as fotos ou filmar, manuseando meu celular ou câmera. Diferente do laguinho, onde eles só pediam para ver as fotos, porém gostavam de passar o “dedo” na tela do celular para passar as fotos. Eu sempre perguntava se poderia tirar fotos ou filmá-los, tinha este cuidado especialmente no laguinho, pois, no Areal as crianças se sentiam mais a vontade comigo e pediam meu celular para fotografar ou brincar nos jogos do aparelho.

Flávia Pires comenta em seu artigo que o “sofá” onde as crianças pulavam em cima, fora sua maior moeda de troca. Acredito que o celular e câmera fotográfica foram minhas moedas de troca com as crianças. Às vezes no, Areal, a câmera ou celular era motivo de briga entre eles, eu tinha que organizar a “fila” para que todos pudessem manusear os aparelhos.



Areal - Gurijs fotografando

Figura 9- Gurijs no Areal Fotografando Fonte: Acervo Milena Cassal

No livro *Antropologia da Criança* (2009), Clarice Cohn apresenta dois aspectos quanto ao uso de câmeras e gravadores na pesquisa com crianças. Conforme a autora esta pode ser uma modalidade de exercício de fala e ação que fornece uma narrativa propriamente visual,

relativamente autônoma ao texto e às explicações analíticas. No entanto, os registros visuais podem não ser garantia de uma maior objetividade ou imparcialidade, já que a escolha de registrar é informada pelo interesse do pesquisador. (pág.47).

Ana Lucia Castilhano Araujo (2009) em sua pesquisa com crianças de 0 a 3 anos utilizou a fotografia como método de trabalho. Ela ressalta que ao usar esta tecnologia abre-se um canal de comunicação entre o adulto e a criança em suas diversas formas de expressão.

As imagens capturadas pela câmera mostram alguns aspectos do espaço vistos pela criança, como linguagem possível no seu contato com o adulto pesquisador. (2009, p.1)

Utilizar a máquina fotográfica, segundo Araujo, é uma forma de reconhecer a competência infantil em manusear o objeto, já que é um objeto proibido para os pequenos. A experimentação lúdica do espaço físico e de sua imagem pode trazer elementos sobre a visão de mundo da criança se atentarmos à forma como orienta o foco da câmera na captura de imagens. A criança reconhece e percebe seu território com um olhar atento, preocupado com busca da imagem, a partir de seus referencias, para fotografar. Pude perceber isto no dia que deixei Mc Gui, no laguinho, fotografar com meu celular. As fotos estão a partir de seu “tamanho,estatura”.



Figura 10-Laguinho - Fotos de Mc Gui. Fonte: Acervo Milena Cassal.

Em meus espaços de pesquisa, a fotografia, conforme já citei, era algo muito desejado entre os gurus e gurias. Os tipos de imagens variavam conforme as idades dos

fotógrafos. As adolescentes gostavam de tirar fotos de seus rostos, ou pediam para serem fotografadas. Os mais novos tiravam muitas fotos em grupo, ou dos amigos. Nos dois locais estas “formas” de fotografar eram comuns, mas o que fazia sucesso era “ver” as fotos e os vídeos. Na verdade são dois momentos: tirar a foto e ver a foto. No laguinho, gostavam de ver os vídeos dos saltos e pulos na água, para ver se saltaram corretamente. Sempre repetiam seus “saltos” e eu tinha que filmar novamente.

Sonia Kramer (2002) analisa a fotografia como algo que pode ser visto várias vezes, em diferentes ordens e momentos podendo ter outras interpretações: ela é sempre uma outra foto ali presente, pois uma foto se transforma cada vez que é contemplada, revive a cada olhar. (p.52, 2002) A autora comenta que na pesquisa com crianças a fotografia é também um vigoroso e potente instrumento para resguardar a memória e construir subjetividade, por permitir que as crianças e jovens se vejam, vejam o outro e a situação em que vivem.

Visualizar fotos e vídeos, manuseando a máquina ou aparelho celular fazia parte da rotina dos meninos (as) quando estávamos juntos. Viam seus rostos, corpos, brincadeiras e o espaço onde estavam. No laguinho, era muito comum ter fotógrafos na praça, pois o local servia de espaço para ensaios fotográficos de inúmeras situações. Os (as) meninos (as) muitas vezes deixavam-se ser fotografados ou solicitavam fotos. Entendo isto como uma forma de chamar atenção das pessoas que por ali passavam e principalmente entre eles.

A câmera, as imagens chamavam muito atenção dos guris (as), ver seus rostos, suas poses, caras e bocas era divertido para eles. Com as facilidades tecnológicas atuais, a massificação da imagem, dissipou-se por todas as classes sociais, especialmente entre os mais jovens. Ter um celular com câmera fotográfica não é uma exclusividade das camadas mais abastadas da população. A grande maioria das pessoas possui mais de um celular e estes têm câmeras fotográficas, com opções de compartilhamento imediato em suas redes sociais. Crianças e adolescentes se apropriam destes aparelhos com exímia habilidade e fazem da imagem mais um elemento de comunicação e sociabilidade.

Ao ver e tirar fotografias suas interações aumentavam, constituindo pertencimento naquele grupo e espaço. Utilizar a fotografia na pesquisa me propiciou não só aproximação, mas também conhecer suas formas e modos de se ver, ver seu

grupo e observar suas maneiras de se relacionar em grupo e com o local onde estão dividindo estas experiências.

Observando as fotos, tiradas por eles e por mim, percebi que existe uma espécie de “moda” um “jeito” de tirar fotos entre eles, algo meio padronizado, que eu só via entre uma faixa etária bem jovem (5 à 17 anos). Entre “as” adolescentes é bem visível, são fotos com a língua para fora ou no canto da boca, ou ainda com a testa franzida e um sorriso apertado. Entre “os” meninos é frequente as fotos fazendo “sinais” com as mãos, geralmente estes “sinais”, “gestos” são feitos por cantores de rap, ou ainda eram símbolos que diziam de que bairro ou vila os meninos eram. Um “V” acompanhado do número 27 significa que eram da “27”, uma pequena rua do bairro M. Santa Tereza, em Porto Alegre.

A medida que ia me aproximando dos meninos (as) íamos trocando informações para além do espaço físico da rua, do quilombo ou da praça. Eu também os encontrava nos espaços virtuais. Muitos dos guris e gurias possuem perfis nas redes sociais que confirmam os “jeitos” e “formas” de tirar/aparecer nas fotos, de si ou do grupo. Apesar de pouco explorada por mim, acredito que as redes sociais também possam ser utilizadas como um local de pesquisa com crianças e adolescentes. Já que tais opções são e estão muito acessíveis aos mais jovens. A internet está a “disposição” de todos em celulares, notebooks, tablets, computadores em casa, escola, e lan houses espalhadas pelas comunidades. A maioria dos meninos e meninas que conversei tinha acesso a internet e possuem perfis, mesmo que pouco usado, em redes sociais como facebook, Orkut e MSN.

2.21b - Ser uma “adulta diferente” com “estratégias reativas”: Conversando e brincando.

Considero as conversas e participações em brincadeiras como uma “técnica” de pesquisa pois foram imprescindíveis para as minhas análises e aceitação em campo por parte dos “meninos (as) nativos”. Atividade que Flávia Pires (2007) também estava exposta em seu campo. Conversar era algo que fazíamos em meio às brincadeiras ou quando estávamos sentados na rua, na praça. A busca do ponto de vista das crianças segundo Nunes (2007) é o objetivo principal nas pesquisas, independente da técnica

utilizada. Quando eu conversava com elas, estava com a intenção de escutar e perceber suas opiniões sobre os assuntos que falávamos geralmente iniciados por elas.

Eu era convidada a brincar ou participar de alguma atividade que os meninos (as) fossem fazer, como por exemplo caçar peixes, que para eles era brincar também. Logo era de extrema importância que eu participasse de tais eventos. Contudo estes convites e inserções foram acontecendo de forma lenta à medida que o tempo passava e minha presença ficava mais “normal” para eles.

Brincar não é algo “normal” para adultos, conforme Flávia Pires comenta em seu texto, adultos tem um comportamento diferente das crianças. Segundo autora, do adulto é esperado que não deixasse as crianças fazer algazaras ou que coloque ordem na bagunça quando for necessário, caso contrário o adulto seria visto como irresponsável. Aprendi que deveria ser uma “adulta diferente” no trabalho como educadora social de rua, o que me ajudou muito na pesquisa. Em tal função minha maior responsabilidade era conquistar a criança ou adolescente, estabelecer um vínculo. Para isso eu deveria ser “diferente” dos adultos, contudo ainda deveria ter algumas ações que os mais velhos tem, como por exemplo dizer o que parecia ser certo ou errado, o que poderia lhes fazer bem ou não, o que poderia ser perigoso ou não. Brincar, falar na mesma linguagem, não fazer julgamentos morais, compreender o contexto da criança e com isso tentar compreender o olhar deles para tais ações ou sentimentos foram coisas que fui aprendendo ao longo do trabalho com os meninos (as) da região Cruzeiro Cristal. Os momentos lúdicos que proporcionávamos a eles eram os que mais nos rendiam fortalecimentos dos vínculos e algumas informações sobre sua situação em casa, na rua, com as drogas, com eles mesmos e com a sociedade.

Não passar a imagem de que éramos adultos que sabíamos mais, e que estávamos ali para mandar, reger, organizar, ou tentar dizer o que deveriam fazer era o ponto fundamental na relação com os meninos e meninas. Não éramos adultos convencionais, eles gostavam de estar conosco, não era á toa que recebíamos telefonemas todos os dias deles, querendo conversar, dizendo apenas um “olá”. Ter tido esta experiência foi imprescindível para poder desenvolver a pesquisa no laguinho e no Areal com as crianças e adolescentes.

Willian Corsaro (2005) em seus primeiros estudos com crianças pequenas em uma pré-escola, aborda a questão de ser um adulto atípico. Ele observa os

comportamentos dos adultos com as crianças e percebe que os adultos eram ativos e controladores com as crianças. Monitoravam e controlavam as brincadeiras, diziam quando tinha algum problema. O autor notou que os adultos restringiam seus contatos com os pequenos a determinadas áreas da pré-escola. Eles não entravam nas casas de bonecas, nas caixas de areia, nas barras de escalada e nem subiam no trepa-trepa. Desta maneira, Corsaro decidiu agir de modo diferente para ter contato com as crianças, -agir “diferente” dos adultos, seria sua “estratégia reativa”. Tanto Corsaro, quanto Flávia Pires refletem no mesmo sentido: ser um adulto diferente ou atípico para que possam ser “aceitos” pelas crianças em seus espaços e a partir disto poder desenvolver suas pesquisas.

O brincar em especial foi algo que ajudou muito na pesquisa, o não julgamento moral de suas atitudes ou falas, por exemplo, quando me contavam sobre os namoros e paqueras, percebia em seus olhos que esperavam que eu falasse para eles alguma coisa repreendedora. Ao invés disso, eu perguntava mais coisas sobre o assunto, dava risada quando riam de vergonha ou respeitava quando não queriam falar sobre o assunto perto de mim. A observação participante é mais uma participação observante brincante, pois brincar mistura-se ao jeito de pesquisar. Compreendo que não existe um jeito “fechado” de pesquisar, dependendo do trabalho, algumas ações vão somando as técnicas aprendidas em pesquisa antropológica, resultando em novos jeitos de pesquisar. Tanto no lago quando na rua do quilombo, eu me sinto convocada a brincar. No quilombo do Areal, as crianças me colocavam na brincadeira, de uma forma natural, me convidando para brincar sem diferenciar que era adulta ou mais velha que eles. No lago, o convite a brincar surgiu com menos intensidade e frequência, pois eles ainda estavam tentando compreender quem eu era e o que desejava dali, contudo em alguns momentos conseguia entrar na brincadeira, e tornar a relação mais horizontal. Brincar e conversar sem julgamento foram minhas “estratégias reativas”.

Sentar no chão, jogar jogo da velha, pescar ou alimentar os peixes, tirar fotos, ficar de pés descalços, brincar de faz de conta, anotar o placar do jogo de futebol, desenhar com eles, me tirou da posição de adulta “padrão” e me deu status de adulta “diferente”. Um dia, enquanto acompanhava as meninas Jade de 12 anos, Biatriz de 14 na e Anita de 12, ao Parque Marinha para pular na cama elástica percebi que me viam diferente, pois, me perguntaram se eu podia ficar até tarde na rua. Ter horário para voltar para casa era uma das minhas perguntas para eles (elas) e achei interessante que

me devolveram a pergunta. A ideia que se tem é de que adultos não tem horários fixos para voltar pra casa. Geralmente os mais jovens recebem horários para seu retorno da rua, são os pais ou responsáveis que designam isto aos filhos. Ao fazer esta pergunta indicava que me viam como, talvez, uma delas ou pertencente, ou mais próxima, ao grupo. Neste mesmo dia elas me convidaram para ir ao parque de diversões, e ficamos por horas decidindo em qual dos brinquedos andaríamos. A pesquisa já estava com mais ou menos sete meses de desenvolvimento. Porém, não percebo que elas me vejam como uma criança ou adolescente, mas parecem compreender que sou diferente de muitos adultos que conhecem. Comparo este momento ao relato de Flávia, sobre o dia em que uma criança lhe oferece uma folha e um lápis para que ela anotasse as questões que a professora de religião iria passar, ou na ocasião em que uma menina e um menino a convidam para participar de seu grupo de trabalho ela então percebe que sua inserção no grupo de crianças de catecismo esta ocorrendo da maneira como planejara.

A pesquisadora de Catingueira, expressa que seu objetivo durante o trabalho de campo era aproximar-se das crianças e por isto permitia certas extravagâncias (bagunça, que foi alvo de crítica dos adultos da cidade) na sua casa, justamente para que esta fosse sua distinção dos outros adultos perante os olhos infantis. Sua intenção era mostrar as crianças que não era como as professoras, que apesar de ser adulta, estava ali para aprender, e não para lhes ensinar religião, Flávia assistia às aulas de religião. Ela comenta que se as crianças a vissem como um aprendiz e não como uma professora que sabe todas as respostas e ensina, seria mais fácil desencadear uma relação de cumplicidade e confiança o que tornaria possível a pesquisa. (p.233).

Em uma nota ao fim do texto a autora menciona que Margaret Mead (1932) nunca orientava ou reprimia um comportamento ou desenho das crianças, a não ser quando elas corriam perigo e que do mesmo modo mantinha sua casa aberta para elas. Deixar as crianças “livres” era parte do projeto de pesquisa empreendido pela pesquisadora. No contexto de pesquisa que vivi poucas foram às vezes que repreendi as crianças, em diversos momentos os vi brigando e não me intrometi, pois sabia que aquele ato era algo frequente deles, assim como brigavam em poucos minutos já estava brincando juntos novamente. Não interferir e deixá-los seguir fazia parte da minha observação, desejava ver como eles argumentavam suas ideias, como se relacionavam com o outro em momentos de conflitos e tensão. No início era difícil não intervir, pois tinha receio de que se machucassem, mas depois que entendi que desentendimentos era

algo recorrente entre eles, e tudo era resolvido de forma muito rápida. Acabei relaxando e me deixando levar pelas dinâmicas deles. Eu ficava quieta observando a briga, algumas vezes eles me olhavam e perguntavam coisas, para que eu tomasse algum partido, eu não falava nada, procurava não intervir, e logo as discussões terminavam.

Tive pouquíssimo contato com os adultos, pais ou responsáveis, das crianças. No lago somente uma mãe costumava acompanhar sua filha ao local, juntamente com sua outra filha, já adulta, e seus dois netos pequenos. Acho que não causei muito estranhamento para Dona Natali pelo modo como me portava com as crianças, pareceu que ela entendeu rapidamente que estava fazendo uma pesquisa. Também porque eu passava horas conversando com ela, fazendo perguntas sobre sua vida, logo acostumou com minha presença, perguntas e anotações no caderninho, apenas teve receio quanto ao destino das coisas que escrevia ali, algumas vezes falou de seu medo que eu fosse Assistente Social. No Areal, os pais já estavam acostumados com meu olhar curioso e questionador, quando comecei a pesquisa, pedi permissão a esposa do presidente da associação comunitária do quilombo, para pesquisar com as crianças. Fiz tal pedido, pois sabia que logo a informação seria “compartilhada” com todos na comunidade. Como eu ficava na rua, com as crianças, e os adultos ficavam dentro casa, eu pouco os via, os questionamentos eram mais das crianças do que dos adultos, no entanto alguns ainda perguntavam o que eu estava fazendo ali, ainda mais quando estava sentada no chão brincando com eles.

Em Catingueira, as crianças têm o seu lugar e não devem se intrometer em assuntos dos adultos, não devem escutar conversas de adultos e nem participar de ambientes de adultos. Seria considerado desrespeitoso se alguma criança discutisse a opinião de seus pais ou responsáveis. Segundo o texto, acredita-se na cidade, que crianças que convivem excessivamente com adultos aprendem o que não deve. Em contraponto, adultos que tem uma grande interação com crianças só é tolerado em situações já previstas: na escola, no consultório médico ou no cuidado infantil cotidiano que compete às meninas mais velhas. A autora informa que ir contra esse modo de interação local entre crianças foi fundamental para o desenvolvimento da sua pesquisa. No meu trabalho este principio também foi válido: sair do padrão de comportamento esperado para um adulto é de extrema importância para fazer pesquisa com crianças. Para isso, despir-se de ideias pregadas pelas concepções de educação, de hierarquia, de moralidade e de relações entre crianças e adultos foi fundamental.

- **Deshierarquizar o corpo “rígido” adulto para brincar com o corpo “mola” da criança.**

Acredito que no trabalho de pesquisa, a qualidade da relação com seus pesquisados é fundamental. Não tornar algo hierárquico ou coordenativo é um bom começo. Um exercício, para isto foi colocar o meu olhar na mesma altura do olhar dos guris e gurias. Isso demanda uma releitura do que é ser adulto e do que é ser um adulto que pesquisa com/e sobre crianças e ou adolescentes. Uma releitura de corpo, um corpo adulto é diferente de um corpo de criança, estou então no exercício de repensar meu corpo para trabalhar com as crianças, de uma forma mais dialógica e clara. Minha posição de “maturidade” ou “maioridade” talvez ali atrapalhe um pouco, contudo não devo esquecer que não sou criança, apenas devo criar uma relação mais aberta com as crianças, respeitando-as e compreendendo que são crianças, e que suas concepções sobre as coisas, provêm de seu tempo de vida, suas experiências até ali vividas, seus contextos e o que pensam como crianças a partir de seu tempo. Que estes saberes não são nem mais ou menos, mas, parafraseando Clarice Conh (2009), “outra coisa”.

Enquanto adulta percebi que o corpo da criança pode ser adaptável ao espaço, parece mais “mole” e ágil, a criança pula, corre, dá cambalhotas, faz piruetas na água, joga bola. Meu corpo adulto parecia “duro”, “rígido” não tinha mais habilidade de fazer tantas atividades em um espaço de tempo muito curto.

Muitas vezes, como adultos, nosso corpo fica condicionado a posição vertical. A criança, agita-se, movimenta-se e com isso também descobre seu corpo, o pesquisador adulto talvez tenha que estar disposto a se (re) descobrir nestes movimentos ao longo de sua interação com os pequenos. O corpo de adulto deve estar preparado para mudar sua posição, muitas vezes sempre na vertical, para colocar-se alternadamente, na horizontal e vertical. Nestas posições, podemos nos permitir, ver nos mesmos ângulos o que eles e elas estão vendo, talvez até sentir parecido, e muitas vezes conseguir captar suas concepções a respeito de determinados assuntos. O que tento explicitar é que estar disposto a deshierarquizar nossas mentes e músculos sobre e para estar em campo com as crianças pode ser uma lição importante para fazer etnografia, com guris e gurias.

Durante a pesquisa de campo, voltei a sentar no chão livremente, correr na brincadeira de pega-pega sem preocupação, jogar bola no meio da rua e quase quebrar uma vidraça, pescar peixes e também alimenta-los com migalhas de pão no meio da

praça em dias de semana. Para isso, percebi que tive que desconstruir alguns conceitos formados sobre comportamento de adultos, principalmente comportamentos femininos.

As crianças ainda não estão totalmente inseridas nestes códigos de comportamentos e costumes. Elas ainda não dominam completamente os modos de como “portar-se” nos lugares ou a partir de seu gênero. Elas parecem ainda não estar “moldadas”, logo se comportam de forma mais displicentes, ou livres, sem muita preocupação com o que pode ou não ser feito. Como uma adulta já “formatada” aos modos de comportar-me, tive um pouco de dificuldade para acompanhar as crianças em suas brincadeiras. Contudo, na medida que libertava meu corpo e mente de tais “normas” conseguia mais aproximações com meus “nativos”. Decidi então desobedecer às regras e me desiherarquizar, apropriando meu corpo às brincadeiras e aos espaços, dentro das minhas possibilidades, é claro.

2.2.2 - Transitando entre “tia” e “sôra”: Aceitando e sendo aceita entre a gurizada.

No quilombo do Areal, sou chamada de “sôra” pelas crianças. No laguinho chamam-me normalmente de “tia”. Quando notei estes nomes pensei: estas denominações têm sentidos diferentes? O que os meninos e meninas buscam me chamando assim? Penso que assim como eu busco um “lugar” no campo, ou seja, algo que não me desconforte tanto, as crianças também buscam um lugar para mim. Quem sabe com estas denominações eles estejam me classificando e me definindo para que consigam compreender minha presença em seus espaços. Seria uma forma de me aceitarem em seu espaço? E eu, quando os aceito?

A medida que dividia meu tempo entre o Areal e o Lago, as gurias e os gurus tentavam entender o que eu fazia ali, por mais que eu explicasse seguidamente ouvia a pergunta: “o que tu ta fazendo aqui tia?” Ou “Porque tu vem aqui sôra?”. Com isso eu percebia que eles também tentavam saber quem eu era e o que fazia ali no meio deles, não só eu os interrogava, era também interrogada por eles. Nos dois espaços respondi muitas perguntas sobre: se tinha filhos, se era casada, se tinha namorado ou irmãos, onde morava e com quem morava. Fernanda Ribeiro (2007), em sua pesquisa com famílias e crianças residentes no Centro Autogestado de Vela e Animação Local

(CAVAL), na ilha D'Yeu, viveu questionamentos parecidos por parte das crianças, que tentavam compreender sua situação naquele espaço. A pergunta “tu não tens filho?” segundo autora era frequente, o que me faz compreender que tanto na Ilha D'Yeu, como no quilombo do Areal, ou no laguinho da Praça Itália, ser mulher e ser mãe são condições intrinsecamente ligadas ao imaginário das crianças. E que tal curiosidade sobre o pesquisador é comum e torna-se uma das formas de identificá-lo no espaço em que estão vivendo. No Areal estas perguntas sempre foram muito presentes, desde que comecei a frequentar o local. As mulheres já tinham até tentado me “arrumar” um marido (Cassal, 2010). Era incompreensível para elas e vejo que para as crianças também que uma mulher jovem não fosse casada e não tivesse filhos.

Acho que isso me classificaria, e me daria um lugar, ser mãe, ser mulher de alguém, poderia me igualar às mulheres que eles e elas conheciam. Como não tinha nada disso, a busca por compreender o que eu fazia ali e quem era, aguçava mais perguntas e olhares curiosos. Karina Kuschnir (2003) passou por situações semelhantes em sua pesquisa de doutorado. Era questionada sobre não ser mãe, por opção e não por “problemas”, sobre chegar tarde em casa e sozinha, e ainda receber caronas de pessoas do sexo masculino e seu marido não se importar, ou ainda sobre gostar de cozinhar e os pesquisados entenderem que ela gosta de cozinhar “para o marido”. A antropóloga comenta que o código nativo que regulava as relações matrimoniais eram diferentes daquele com o qual ela estava acostumada e que talvez uma antropóloga mulher esteja mais exposta a questões morais do que pesquisadores do sexo masculino. Observo em meu campo de pesquisa que esta curiosidade em relação a minha pessoa, da parte dos adultos (das mulheres) sanou ou foi dada como “normal” quando levei minha mãe, ainda fazendo pesquisa para o trabalho de conclusão da graduação, em um almoço do Areal. E com as crianças tanto no Areal quanto no laguinho, quando eles pediam para ver as fotos no meu celular e encontravam fotos do meu afilhado, da minha mãe, familiares e amigos, aí então observava que compreendiam quem eu era, ou que também possuía família, amigos, mãe, era tia, tinha crianças na família etc.

Como eu trabalhei durante os estágios da graduação com classes populares e depois de formada como educadora social de rua, era comum conhecer mulheres da minha idade com filhos, casadas, ou mães solteiras, sem grau universitário, não “estranhava” tanto. No Areal, o esforço era para estranhar, o talvez já familiar. No laguinho era familiarizar o talvez exótico, a partir do meu olhar de estranhamento. Uso a

palavra talvez, pois, como cita Da Matta (1978), o “exótico nunca passa a familiar; e o familiar nunca deixa de ser exótico”. (p.29).

Gilberto Velho (1980) ressalta que devido a heterogeneidade das grandes metrópoles, provindas da divisão social do trabalho, a complexidade institucional e a coexistência de numerosas tradições culturais expressam-se em visões de mundo diferenciadas e até contraditórias. Assim como para Kurschnir, os códigos que regulavam as relações matrimoniais eram diferentes dos “compreendidos” por seus pesquisados. Para mim também, a relação entre ser mulher e ter que ser casada e com filhos, confrontava-se com as percepções das mulheres e crianças que pesquiso.

A nomeação de “tia” e de “sôra” talvez me desse um lugar nas interpretações dos “nativos” sobre minha pessoa. Interessante é que estes nomes são de figuras protetivas e ligadas ao universo feminino do cuidado e da relação com as crianças, ou seja, uma tia e uma professora remete ao contato, afeto com os mais novos. Assim eles poderiam, além de ter um nome para me dar, também me aceitar em seu meio. Estas personagens (tia e professora) remetem a parentesco e funções ligadas ao contato com as crianças, com os mais jovens, onde o acesso às crianças é mais aceita pelos outros adultos. Um adulto no meio de crianças e adolescentes pode ser considerado em determinados meios estranhos (Pires, 2007).

Em uma das minhas visitas ao Areal, em meio às brincadeiras com um dos meninos, perguntei por sua avó e o menino me disse que ela estava em casa. Logo ele saiu correndo em direção a casa. Em poucos segundos sua avó, surge na rua, com o neto ao lado, me informando que o menino lhe dissera que a “moça que tinha sido sua professora estava ali na rua”. Durante o processo de pesquisa para a monografia de conclusão do curso de ciências sociais, eu participei como ajudante voluntária, em um curso de teares na sede da associação comunitária do quilombo e a avó do menino, estava participando da atividade. Muitas vezes o menino tinha me visto na sede com sua avó e as outras idosas da associação. Na semana da criança daquele mesmo ano, juntamente com um grupo de amigas, ajudei a organizar uma tarde lúdica para as crianças do quilombo, com pipoca, filme e participação de uma banda infantil na sede da associação. Fato que reforçou ainda mais minha imagem de professora entre os pequenos e as pequenas.

Para somar a isto, o professor ¹¹ de capoeira das crianças foi levado por mim, até a sede, e em sua primeira aula em 2012. Eu estava junto na aula de apresentação e assim as crianças ligam o fato de estar envolvida em aulas, que eu possa ser professora, ou “sôra”.

Já no laguinho sou vista como “tia” os (as) guris (as) me chamam de tia mesmo sem nunca ter falado comigo. Quando era educadora social, também era chamada de “tia”, observávamos que os meninos nos chamavam assim, porque não sabiam nossos nomes, e por mais que falássemos nosso nomes e que não éramos seus tios e tias, sempre nos chamavam de “tia” e “tio”.

Interessante é que a palavra tia remete as relações de parentesco: a irmã do pai ou da mãe. A tia é um parente próximo de nossos protetores paternos e maternos e muitas crianças são criadas pelas tias maternas ou paternas, ou às vezes por tias e tios que não tem ligação sanguínea (Fonseca, 1995).

Tanto no laguinho como no Areal as denominações criadas pelos guris e gurias, não desenvolvem uma função condizente com suas identidades reais. Não sou “sôra”, pois não ensino nada a eles e não sou “tia” já que não tenho nenhum parentesco ou ligação de proteção com os meninos e meninas.

Contudo, observa-se que nos espaço onde eles estão “próximos” dos pais ou responsáveis, sou chamada de “sôra”. Denominação não relacionada ao parentesco, e que marca que não sou um membro da família, não sou uma parente, demarcando um distanciamento em nossas relações. Já no laguinho onde as crianças estão “longe” dos pais e ou responsáveis, sou “tia”, que é um título ligado à família, e pode demonstrar “proximidade”.

Esta reflexão sobre as denominações que os meninos e meninas do laguinho e do Areal me designam, está relacionada ao espaço em que nos encontramos nossas formas de interação e relação, e seus modos de aceitação em relação a mim. Relato um dos episódios que tanto os (as) guris (as) parecem me “familiarizar” e aceitar naquele lugar. Nos últimos meses de pesquisa, eu ainda sentia certa “distância” por parte dos (as) gurias do laguinho. Ainda que eu fosse diversas vezes lá, e conversasse com todos, fosse acolhida por uma das adultas mais frequentes do lugar. Ainda assim Gisele, uma

¹¹ As crianças já mudaram de professor de capoeira.

das meninas mais assíduas ali, resistia a minha presença e era seguida por quem estava com ela. No domingo de páscoa de 2013 fui até o laguinho ver se encontrava alguém. Estava muito calor. Ao chegar encontro Gisele com sete guris, sendo que cinco deles eram seus irmãos. O mais novo tinha menos de um ano, estava no carrinho de bebê, eu já tinha visto Gisele com ele na praça. Quando chego, alguns dos guris me reconhecem e abanam para mim. Gisele diz ao irmão que estou ali fazendo um trabalho para faculdade. Em pouco tempo os meninos me mostraram os peixes e me convidam para “pescar”, passamos muito tempo fazendo isso, alimentando os peixes que por sinal são muitos. Sento no chão, tiro os sapatos e vibro junto com os guris quando um peixe enorme abocanha um pão. Como era páscoa, o grupo recebe de algumas pessoas que passam por ali muitos doces e eu também recebo. Os guris e Gisele recebem doações de doces e percebo que isso é comum, pois encontramos Darlene com seus dois filhos e ela nos mostra a quantidade de doces, roupas e brinquedos que receberam de doações. Estranho o fato de também ter recebido doces e noto que fui “confundida” como alguém que pertence àquele meio e ao grupo.

Percebo também que ao estranhar este fato, vejo que eu ainda não aceitei o espaço e as condições que ele e as pessoas que pesquiso me propõem. Descubro nestas percepções meus preconceitos em relação ao meio e as pessoas que pesquiso. Eu também posso ser vista como alguém do grupo, contudo eu ainda estou em uma posição de distanciamento do grupo, talvez isso me afaste, e me passe à sensação de distanciamento de alguns guris e gurias no laguinho. Aceitar o campo é mais uma espécie de “relaxar”, deixar as coisas acontecerem naquele espaço, sem muitas reflexões. E com isso também trabalho com os meus pré-julgamentos morais.

Dividimos os doces, e comemos juntos naquele dia. E recordo que olhei para meus pés e roupas e percebi que estava bem suja. Comento isso a um deles, que me olhou concordando, fazendo uma careta. As pessoas que passavam pela praça nos olhavam e me olhavam com uma cara interrogativa e ao mesmo tempo sorriam. Encontrei um menino que conheci no Ação Rua, e ele me perguntou se aquelas crianças eram meus filhos, eu disse que não. E depois percebi que era assim que estavam nos vendo. Eu poderia ser mãe daquelas crianças, e poderia ser confundida também porque todos eram negros. Os guris e Gisele se sentiram bem à vontade com minha presença. Consegui conversar com Gisele que sempre era bastante arredia. Neste dia dividiu algumas confidências em relação aos meninos que já tinha ficado e o menino que

gostava que por sinal eu conhecia, pois também era frequentador do lago. Neste dia, me senti “parte” do grupo, talvez este momento tenha sido meu ritual de passagem no campo, me senti mais a vontade com eles e percebi que eles também estavam mais a vontade comigo, pena que o tempo de pesquisa já estava terminando.

No areal, as crianças me convidavam para brincar de uma forma muito tranquila, e conversavam comigo sem muitos rodeios, eram mais carinhosos e receptivos a abraços. Na medida em que frequentava o lugar, as gurias e os guris ficavam mais receptivos. Eu entrava na rua e um grupinho já vinha me receber, quando fazíamos desenhos, eu recebia muitas cartinhas com dizeres de “eu te amo” e minha professora (orientadora) também recebia, pois eles perguntavam pra quem eu iria mostrar aqueles desenhos. Eu não sentia “distâncias” em relação a comunicação com elas. Diferentemente do laguinho, falávamos e brincávamos de tudo, elas me ensinavam as brincadeiras, faziam penteados no meu cabelo, tirávamos fotos fazendo poses e algumas meninas me contavam dos meninos que “gostavam”. No Areal, a maioria dos guris e gurias são muito musicais e dançantes, eles diversas vezes pediam para eu filmar danças e cantorias. A maioria das crianças está inserida, no Areal do Futuro, e faz apresentações em vários lugares.

2.2.3 - A gurizada.

Apresento então um perfil geral dos guris e gurias, que estarão presentes ao longo destas páginas e que, ou frequentaram o laguinho no tempo da pesquisa, ou residiram no quilombo do Areal. Denomino os grupos encontrados, tanto no lago como no Areal como “gurizada” por entender que esta categoria corresponde bem a diversidade de idades e percepções a respeito de ser criança e ser adolescente nestes contextos. Ao longo das conversas que tínhamos, nos dois espaços, as denominações “criança” e “adolescente” tinham diversos entendimentos. Estar no lago ou na rua brincando, nadando, jogando jogo da velha, andando de patinete, ou caçando peixes poderia ser coisa de criança, mas era praticada por todos indiferente da idade. Assim como namorar, ficar, jogar o jogo da garrafa, “causar” também poderia ser coisa de adolescente, mas todos (as) faziam. Então a fronteira entre criança e adolescente era tênue e ficava difícil denominá-los como um ou outro. Decidi tratá-los como guris e

gurias, pois estes termos indica pessoas que são jovens mas não especifica uma delimitação de idade.

No sul do Brasil, Rio Grande do Sul, utiliza-se muito o termo “guri”⁷ para denominar uma pessoa considerada jovem. Um grupo de guris eurias reunidos é uma gurizada, às vezes até mesmo para grupos de moças e rapazes que não são mais crianças, refere-se como “aquele grupo de guris ou deurias”, pelo simples fato de serem jovens. O que eu encontrava no laguinho e encontro¹² no Areal é uma gurizada reunida para brincar na rua e ou tomar banho. Entre eles também se chamavam de guri euria, às vezes como termo pejorativo ou como só um modo de chamar por não saber o nome.

Maria Filomena Gentile (2011) em seu artigo “Niños, ciudadanos y compañeritos: un recorrido por los distintos criterios para el trabajo de inclusión social de niños y adolescentes de sectores vulnerables” apresenta algumas formas de tratamento dos meninos e meninas que frequentam instituições não governamentais de atendimento a populações em vulnerabilidade social na Argentina. Cada local constituía um tipo de público de acordo com o programa desenvolvido. No lugar onde se valorizava o lúdico e se buscava promover o “direito de ser criança”, as crianças apenas brincavam, e eram chamadas de “ninõs”. Já em outro espaço onde a política era desenvolver capacidades para o trabalho, as crianças desenvolviam atividades profissionalizantes, e eram chamadas de “compañeritos”. Ou seja em cada local havia um entendimento do que poderia ser feito para as crianças ou adolescentes, e cada um tinha uma aplicação de regras e atividades. Os (as) meninos (as) que frequentavam os locais, se adaptavam a cada espaço e as suas regras, e transitavam entre estas nomenclaturas e atividades a partir de suas demandas também.

Assim como as instituições criaram designações para a população que acolhiam, a partir de suas políticas de atendimento, entendo que denominar como “gurizada” os grupos com quem interagi no laguinho e no Areal, diferenciando os apenas pelo gênero, e não os enquadrando em classificações das políticas públicas, instituições, ou do Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) é uma forma de preservar e respeitar as

¹² Ainda frequento o quilombo devido às atividades que o Areal do futuro promove ou a Associação de moradores quando sou convidada.

próprias compreensões e trânsitos que eles operam em relação a estes conceitos de criança e ser adolescente em seus espaços de vivências.

No capítulo três deste trabalho pretendo desenvolver mais profundamente a respeito destas concepções encontradas no campo de pesquisa, levando em conta o “ponto de vista” dos guris e gurias.

À medida que a temperatura aumentava o número de guris e gurias que iam ao lago da praça Itália também crescia: tinha dias em que eu via em torno de vinte pessoas entre guris e gurias no local, e às vezes apenas quatro meninos. Era difícil ter controle sobre a quantidade de guris (as) que estavam ali, então eu fazia uma contagem geral no dia e depois contava somente aqueles com quem eu tinha falado. Fiz uma tabela onde coloquei o número de guris e gurias e também de adultos com quem tinha conversado. Muitos se repetiam, pois, quando tinha sorte encontrava mais de uma vez o mesmo guri ou a guria. Consegui conversar e ter acesso¹³ a mais ou menos vinte meninos e sete meninas. Nem sempre conseguia conversar, minimamente. Alguns eu apenas cumprimentei ou falei rapidamente. Os adultos mais frequentes na praça eram: Dona Tainá, que acompanhava suas filhas, uma de 13 anos e a outra de 20 anos que também levava seus filhos pequenos ao lugar. E um rapaz com idade entre 20 e 30 anos geralmente estava com elas e, me parecia um amigo da família. Ao longo do tempo D. Tainá foi se tornando uma informante, pois, me falava dos guris (as) e facilitava minha presença na praça quando algumas pessoas “desconfiavam” do que eu estava fazendo ali.

No Areal, tive acesso direto a mais ou menos sete meninas, seis meninos e quatro adultos. Apesar de ser muito difícil contar quantos estava a minha volta, ainda mais quando a maioria falava comigo, subia no meu colo e puxava a minha roupa pedindo atenção. Como no Areal, os guris e gurias me conhecem há mais tempo, se sentem mais a vontade para estar a minha volta, conversar e brincar e até mesmo tocar, pedir colo, etc.

No lagunho a gurizada em sua maioria me informava que estava estudando, mas observei que nem todos eram muito assíduos, pois, algumas vezes estavam ali no horário da escola¹⁴. Um guri me informou que estava matriculado na escola, mas não ia,

¹³ Acesso aos meninos e meninas, seria conversar e fazer algumas perguntas.

¹⁴ As aulas foram até dezembro, à pesquisa começou em setembro.

e outro de mais ou menos 13 anos disse que não sabia ler, mas que frequentou a escola. Os pesquisados estavam entre o ensino fundamental e ensino médio, mas a grande maioria do ensino fundamental entre segundo e sétimo ano. Encontrei guris e gurias de diversos locais da cidade, de bairros como: Bom Jesus, Cruzeiro, Campo da Tuca, Vila Areia, mas chamavam de Humaitá, Lomba do Pinheiro, Morro Santa Tereza. Encontrei meninos até da cidade de Alvorada. Em relação a etnia, observei uma grande diversidade: brancos, pretos e pardos e até indígenas, sendo uma predominância entre negros e pardos. As idades variavam entre cinco meses e 17 anos. O menino de cinco meses era levado pela irmã de 15 anos, que informava que a mãe não tinha com quem deixar.

No Areal, as gurias e os guris em sua maioria estão no ensino fundamental, em escolas próximas ao quilombo. A maioria está aprendendo a ler, e existe uma demanda da comunidade por uma professora de reforço de português e matemática, para as crianças. Uma das mães das gurias chegou a conversar comigo para que eu desse aulas para a gurizada. As gurias, algumas vezes, me pediram para lhes dar aulas, informando que tinham dificuldades em aprender a ler e escrever. Como não desejava que me vissem como professora, não aceitei o pedido e também porque não sou professora de português e matemática. Embora elas (eles) me chamassem de sôra. Contudo algumas vezes levei papéis e canetinhas e pedia que desenhassem algo de sua escolha. Eles gostavam muito, desta atividade que me aproximou bastante do grupo. No laguinho, não consegui realizar esta mesma ação, pois, quando me senti “aceita” pelo grupo, já era março, e as aulas e o frio já estavam presentes. Porém alguns deles desenharam em meu caderno de campo. A gurizada do Areal é em sua maioria negra e parda, lembrando que o local, possui uma trajetória de moradores descendentes de famílias negras de escravizados, escravizados, ou negros libertos.

Segue uma breve apresentação dos meninos e meninas com quem conversei durante os nove meses, nos dois espaços de campo. Os nomes são fictícios, porém alguns nomes foram escolhidos ¹⁵pelos pesquisados. Utilizarei nomes fictícios para preservar a identidade dos pesquisados (as).

¹⁵ Mc Gui, Patricia, D. Natali, Beyoncé e Gisele- são nomes escolhidos pelas pesquisadas. Mc. Gui é um menino de 14 anos, que canta funk, faz muito sucesso entre os adolescentes, Beyoncé é uma cantora americana de grande sucesso internacional, porém no funk brasileiro existe também a MC Beyoncé, não consegui confirmar se a escolha do nome foi pela funqueira ou pela cantora americana, acredito que foi

2.2.3a - LAGUINHO:

Jade– 12 anos, branca, filha de Dona Natalia, irmã de Patrícia e tia de Mc Beyonce e Mc Gui. Está na 5ª série do ensino fundamental. Amiga de Gisele, Biatriz e Anita. Muito simpática, entra no lago de roupa e tem medo dos meninos maiores. “Ficava” com Pablo.

Mc Gui. Filho de Patricia. Ainda não está na escola. Tem 4 anos. Irmã de **Mc Beyonce** que tem 2 anos.

Gisele- 16 anos, mora na vila Bom Jesus com a mãe e os irmãos, negra. Tem 5 irmãos e cuida do pequeno que tem meses. Desconfiada, demorou para aceitar minha presença e conversar comigo. Estuda e faz estágio. Na época em que estava em campo, gostava do Pablo, e sabia que Jade ficava com ele. Atualmente segundo seu perfil no facebook está em um relacionamento sério. Gosta de baile funk.

Anita - 12 anos, branca, estatura baixa, muito sorridente. Irmã de Biatriz está na sexta série, gosta de ginástica olímpica e vôlei. É uma das pretendes de Pablo.

Biatriz- 13 anos, branca, cabelos pretos cacheados. Segundo as meninas Jade e Gisele e D.Natili, Biatriz é uma menina que fica de “arreganho” com os meninos.

Pablo - 15 anos, branco morador do Morro Santa Tereza, passeia pela Praça na companhia de Biatriz e Anita. Já ficou com Jade e Gisele. Esta na 8ª série.

Julio - 11 anos, menino pardo, de baixa estatura, morador do bairro Cristal. Me contou sobre suas brincadeiras prediletas e sobre a menina que gostava. É amigo de Iago Vinicius e Felício Sereno.

Iago Vinicius - 12 anos, mora na vila Cruzeiro, negro. Sua família é atendida pelo programa ação rua, por isso o menino já me conhecia. Não conversava comigo e não deixava seus amigos conversarem comigo, sob a desculpa de que eu era a “tia do Ação rua”.

pela funqueira, pois, a menina dançou o funk quando cantei pra ela. Natali foi escolhido pela avó de Mc Gui e Beyoncé, assim como Patrícia também foi escolhido pela mãe destas crianças. A escolha do nome de Gisele, se deu por internet, via bate papo em uma rede social, na qual somos “amigas”. O restante dos nomes foi escolhido por mim, onde a primeira letra dos nomes refere-se ao nome verdadeiro das demais crianças e adultos, não consegui ter tempo solicitar a escolha dos nomes para os demais participantes da pesquisa.

Felício Sereno - Tem 12 anos, negro, baixa estatura. Encontrei Felício algumas vezes no lago e brincamos de jogo da velha no chão. Ele e sua família também são atendidos pelo Ação Rua, Cruzeiro. Felício dança muito bem e das vezes em que nos encontramos na praça ele ficava dançando. Conversava quando queria.

Meninos que vi uma vez e consegui conversar:

Tutu (Tales) - Conheci no Natal, negro de mais ou menos 10 anos. Estava com a camiseta do grêmio. Estava de bicicleta, mora com a mãe na vila Arena, mas naquele dia tinha ido visitar o pai, que tinha recebido o Indulto de natal, na vila Conceição.

Fernando- Amigo de Tutu, também morador da vila Arena, branco. Tem mais ou menos 13 anos. Fugiu de casa na noite de natal, mora com a tia, a mãe deu a “guarda” para tia. Diz que tem tudo dentro de casa, mas não se dá bem com o tio. Fernando é um menino bem articulado. Em sua região faz atividades no contra turno da escola.

Lucas Eduardo de 14 anos, Jalison, Genésio e Jair entre 12 e 13 anos. Todos meninos negros, entre a 5 e 6 série do ensino fundamental, menos Genésio que diz não ir a aula. Os três usam pircing e têm a sobancelha feita. Estes meninos estavam vestidos com bermudas largas, camisas grandes e compridas, Genésio estava com uma corrente dessas grossas, que os rappers usam, tênis grande, bonés aba reta.

Jair é surdo e mudo. Os meninos moram em Alvorada na parada 58, no bairro Salomé. Já moraram no Morro da Cruz e primeiro me disseram ainda morar lá. São primos.

Leandro e Magro- Moram na “baixada”, fica na vila Conceição. Leandro é branco, corpo magro, tem uma tatuagem no braço escrito seu nome; diz que sua mãe sabe que ele frequenta o lago. O menino parece ter entre 11 e 14 anos.

Magro, estava com um machucado no pé, pois pisou em um prego. Neste dia tentava enrolar o pé numa sacola plástica (toda rasgada e já molhada) o pé estava envolto em um pano úmido. Aparentava mais ou menos 12 anos, branco.

Brenda- 13 anos, traços indígenas, moradora do Bairro Bom Jesus, irmã de Tito. Frequenta festas no centro onde seu tio é segurança.

Tito- 10 anos, pardo, irmão de Brenda.

Leonardo- 13 anos, branco, vizinho de Brenda e Tito no bairro Bom Jesus.

2.2.3b - ADULTOS:

Dona Natali – Mulher branca, 45 anos, esta sempre na praça, acompanhada de suas filhas Jade e Patricia. Muito simpática conhece a todos que ali frequentam. Tem problemas com o marido, e possui, segundo ela, um “namoradorido” ou uma “amizade colorida” com outra pessoa.

Patrícia- Moça branca, de 20 anos, mãe de um casal, Beyonce e Mc Gui. Esta sempre na praça com a mãe e Irma. Em 2013 namora um rapaz que vende CD's no bairro Cidade Baixa, quando retornei rapidamente em 2014 ela estava namorando um guardador de carros ali da rua atrás do shopping.Sua família é atendida pelo Ação Rua Cruzeiro.

José- Rapaz branco, mais ou menos em 20 e 30 anos, amigo de Patrícia e D, Natali. Moço de fala calma e olhar observador são usuário de loló.

2.2.3c - AREAL

Marina Edna- Tem mais ou menos 12 anos, muito simpática e sorridente. Participa do Areal do Futuro como porta bandeira, com suas irmãs.

Eliane- 15 anos, negra, filha do presidente da associação e neta de uma das idosas mais respeitadas da comunidade. Ela e seu irmão possuem bolsa em uma escola particular da cidade. De todas as crianças que conheço no Areal eles são os únicos que não estudam nas escolas do bairro. Eliane possui personalidade forte, diversas vezes há vi “coordenando” brincadeiras, discutindo com os meninos ou fazendo “comentários” dos outros (as) meninos (as) da rua.

Karine- 13 anos, branca. Muito espontânea e carinhosa, é bastante falante. Gosta do guarda do conselho de contabilidade.

Regina- 12 anos, negra, Passista do Areal do Futuro. Mora no Areal, mas provisoriamente até sua casa ficar pronta no beco.

Careca, Luan Helio- tem 9 anos, neto de D. Maisha, ¹⁶primeira presidente da associação de moradores. Seu apelido é careca, devido ao seu corte de cabelo. O menino é ruivo, tinha os cabelos vermelhos antes de cortar, e o rosto com pintinhas vermelhas. Bastante sorridente toca na bateria do Areal do futuro.

Pilar- 12 anos, negra, filha de dona Lisha. Gosta de tirar fotos. Bastante implicante com as outras crianças e vice versa. Entra em conflito seguidamente com os outros meninos e meninas da rua.

Rogério- Mestra sala do Areal do Futuro e também da Ala mirim da escola de uma escola de samba reconhecida na cidade. Negro, irmão de Eliane. Estuda com a irmã no colégio particular.

Andrea- Menina de mais ou menos 12 anos, irmã de Careca, parda. É uma das passistas do Areal do Futuro. Muito Carinhosa. Sempre argumenta muito com as outras meninas nas discussões em meio às brincadeiras na rua. Neta de D. Maisha.

Carlos- 11 anos, com traços indígenas, dança com as passistas no Areal do futuro. Amigo de Careca brincam muito de batucar pela rua.

Caroline- 9 anos, parda, sorridente, alegre e falante participa das atividades da sede.

Emilia- 12 anos, branca, amiga de Pilar e Karine

2.2.3d - ADULTOS

Dona Dalila- Mulher negra, mais ou menos uns 40 anos, mãe de Eliane e Rogério. Esposa do Presidente da Associação e secretária da Associação dos Moradores do Quilombo do Areal. Moradora da comunidade desde criança.

Seu Alex- Presidente da associação dos moradores, pai de Eliane e Rogério, casado com Dona Dalila. Tem mais ou menos 40 anos, morador da comunidade desde criança. Trabalha como motoboy.

¹⁶ Dona Maisha, Ayofemi, Dona Lisha e Dalila, são nomes fictícios já utilizados por mim durante a pesquisa para o trabalho de conclusão que realizei com as mulheres beneficiárias do programa Bolsa família.

Dona Maisha - Moradora antiga da comunidade, primeira presidente da Associação de Moradores. Cuida de seus 8 netos filhos de suas 2 filhas que já faleceram. Tem 2 bisnetos e atualmente esta internada no hospital, devido as complicações da diabetes.

Paolo- Um dos fundadores do Areal do Futuro, companheiro de juventude de Alex e Danilo.

Danilo- Dedicar-se com Paolo e tia Claudete ao Areal do futuro, ensina as crianças a tocar bateria juntamente com Paolo.

Tia Claudete – Organiza os e as passistas, mestre sala e porta bandeira durante as apresentações e ensaios. Amiga da comunidade há anos, acredito que tenha sido moradora também. Tem mais ou menos 45 anos de idade.

Segue abaixo um quadro com as distâncias percorridas a pé ou de ônibus/carro de seus bairros ou vilas até o laguinho pelos guris e gurias que tive contato na praça e também das distâncias percorridas pela gurizada do Areal em suas rotinas diárias.

TEMPO DE TRAJETO DO QUILOMBO DO AREL ATÉ OS DESTINOS DAS GURIZADA NO DIA-A-DIA:¹⁷

	Destino	Carro (tempo de trajeto parecido com ônibus)	A pé
Quilombo do Areal –Avenida Luis Guaranha	Esc. Candido Portinari - R. Mucio Teixeira, 252 - Menino Deus.		4 min;300metros
	Esc. Leopolda Barnewitz - R. João Alfredo, 443 - Cidade Baixa.		9 min;750 metros
	Escola.Rio de Janeiro - Rua Lima e Silva, 400, Cidade Baixa.		17 min;1,4 km

¹⁷ Fonte: Google Mapas.

	Colégio Farropilha- R. Corrêa Lima, 140 (Escola de Eliane e Rogério)	9 min;3,3km	29 min;2,4 km
	Super Nacional- Av. Aureliano Figueiredo Pinto, 789 - Cidade Baixa		6 min;45m metros;
	Escola de samba Praiana - Avenida Padre Cacique, 1261 - Praia de Belas	6 min;2,9 km	34 min;2,7 km

TEMPO DE TRAJETO DO LAGUINHO AOS BAIRROS DA GURIZADA DO LAGUINHO:¹⁸

	Bairro ou comunidade	Carro (tempo de trajeto parecido com ônibus)	A pé
Laguinho- (Praça Itália) Praia de Bellas.	Vila Areia/Arena (Humaitá)	20 min; 10,3 km	2 hrs 9,8 km
	Bom Jesus	16 min; 10 km	1h47 min; 8,2 km
	Cruzeiro	11 min;4,4km	42 min; 3,2 km
	Campo da Tuca	13 min;7,0 km	1h e 23min;6,6 km
	Lomba do Pinheiro	18 min; 15,6km	3hrs e 4 min;14,4km
	Alvorada	31 min;21,4 km	3h,51 min;18,5 km

--	--	--	--

As descobertas, desafios e aprendizagens vividos ao longo da experiência etnográfica apresentaram alguns aspectos que percebi como pontos importantes para compreender a presença dos dois grupos no espaço da rua e suas relações neste ambiente com a pouca presença dos adultos. No dia-a-dia, notei que a gurizada do laguinho ficava de “arreganho” pela praça e que isso seria uma forma de paquera. Em conversa com Julio, de 11 anos, conheci a brincadeira da garrafa, que dias depois foi relatada também por Karine, 12 anos, no Areal, como uma brincadeira de namorar, que brincavam longe dos pais. Observei também que as implicâncias e brigas, nos dois espaços, iniciavam de repente, assim como sua finalização. As negociações nos conflitos, se davam de forma rápida e em uma nova brincadeira todos já haviam esquecido a briga anterior. No entanto quando a briga ficava mais séria, no Areal, os pais eram chamados pelas outras crianças para apartar os conflitos, às vezes causando brigas e divergências entre os adultos também, na defesa de seus filhos. As crianças do quilombo do Areal defendiam seus amigos, tomavam partido nas discussões, cuidavam-se defendendo o outro. No laguinho, sem os pais, a mesma forma de defesa aparecia. A frase “não fale com estranhos”, muitas vezes dita por um adulto a uma criança como um modo de proteção, no laguinho, era levada a sério e a desconfiança das pessoas desconhecidas que se aproximavam era primordial para manutenção de seu bem estar no local. Não que no quilombo também não houvesse este cuidado, havia, contudo a presença dos adultos na rua era um amparo a mais para eles, diferente do laguinho onde a ausência de adultos era ínfima. Adultos que eles pudessem confiar. Neste contexto de pesquisa desenvolvo nos próximos capítulos, algumas reflexões sobre os dados coletados em campo.

Capítulo 3 – No jogo da velha ¹⁹ das fronteiras.

Outubro de 20013 fui a comunidade do Areal e ao chegar à entrada da rua avistei quatro meninos e uma menina brincando no chão. Me aproximei deles, perguntei se podia ficar ali. Disseram que sim. Sentei-me no chão e fiquei olhando eles brincarem. A menina que estava com eles, perguntou se eu queria brincar com ela, aceitei o convite. Neste momento os meninos também pediram para brincar. Deram-me uma pedrinha pra eu riscar no chão. Um menino menor riscou o chão com uma pipoca, e diz: “a pipoca escreve”. “(Diário de campo, 13/10/2013-Areal da Baronesa)”.

No trecho acima destacado, delicadamente observa-se a interação entre as crianças e uma adulta, onde um simples convite rompe a barreira existente entre adultos e crianças; não existe autoridade, fronteiras foram diminuídas, brinca-se o jogo da experiencição do momento. Neste capítulo, é em meio às brincadeiras da gurizada que busco os sentidos do que é a “rua do Areal” e o “laguinho” para eles. Assim como também o entendimento sobre o que é ser um menino de rua para os guris e gurias que frequentam o lago. Valorizando a pluralidade de idades e entendendo que suas percepções sobre o que é ser criança e adolescente são variáveis e circunstanciais, presto atenção em como manipulam estas dimensões etárias para deliciarem-se nas descobertas que estão vivendo.

Entre mergulhos, saltos de “mortais” da pontezinha, jogos da velha desenhados no chão, pesca de peixes, brincadeira da garrafa, passeios de patinete pela rua, danças e pega-pega apresenta-se uma “mistura” entre os espaços, as idades e suas possibilidades. Os “perfis”, às vezes, encaixam-se em estereótipos ,mas também transitam e se relacionam, cruzando fronteiras. Cruzamentos que possibilitam observar o rompimento

¹⁹ Jogo escrito ou desenhado no papel ou chão, como achar melhor, de colunas, onde busca-se preencher três colunas com os símbolos iguais, ou três “X” ou três bolinhas “0”, fazendo um risco atravessando as colunas para marcar que venceu. No quilombo as crianças brincam muito deste jogo.

de barreiras que condições sociais, culturais, econômicas, ambientais e morais colocam como regras para viver em sociedade.

A casa e a rua encontram-se e dialogam, demonstrando que suas paredes e corredores são bem mais extensos e permissivos. As calçadas e avenidas “agasalham” cuidado e proteção sob a orientação do sol e da lua. A mobilidade das condições de “ser criança” e de “ser adolescente” permite que os pequenos seres em “trânsitos etários” transformem-se a cada situação, usando cada condição para a vivência de suas experiências. Brincar até os dezenove anos, poder namorar depois que ficar menstruada, brincar escondido de jogo da garrafa, são algumas demonstrações de que a flexibilidade com que os guris e gurias percebem e usam suas condições etárias facilitando transitar e negociar novas experimentações sem deixar de acessar algo que pode não ser mais considerado adequado a sua “idade”.

Os guris e gurias que freqüentam o lago são percebidos pela rede socio assistencial de atendimento a crianças e adolescentes da cidade na condição de “situação de rua”, devido ao “perfil” dos garotos (as) e também pelo fato do local ser roteiro de passagem dos guris e gurias considerados em situação de rua pelo serviço. Contudo para a gurizada que conversei o entendimento do termo “guri de rua, ou em situação de rua” não se encaixa a eles. A partir de seus entendimentos do que é ser menino de rua, eles também fazem suas distinções internas. Estar na rua não quer dizer que sejam “da rua, ou estejam vivendo na rua”. Estar na rua, para muitos dos guris e gurias que encontrei é sair para se divertir, conhecer a cidade, buscar novas formas de lazer, passear, brincar. Com suas mochilas com roupas para o banho, dinheiro para passagem de ida e volta, e muitas vezes só com o dinheiro de ida, algum lanche e muita “zoeira” entre os novos e antigos amigos e amigas, eles e elas vivem a intensa descoberta do que pode ser viver entre pares, e a partir disso apropriam-se de espaços que não possuem em seus locais de moradia.

3.1- Pelo “pátio”, pela “piscina”: Vamos brincar?

A rua do quilombo do Areal da Baronesa é chamada de Avenida Luiz Guaranha, uma rua larga, que divide as casas da comunidade em dois lados. Ao fundo, ela se fecha em um círculo também cercado por casas. Fecha-se, ramificando-se em passagens para o já comentado “beco” que fica atrás da comunidade do Areal. Geralmente ao fundo da

rua, por ser um espaço maior, ocorrem as festas e atividades comemorativas da comunidade, como ,por exemplo, a festa dos pretos velhos no mês de maio e as apresentações de teatro ao longo do ano. Nesta parte da comunidade, algumas casas são novas, foram construídas pela prefeitura, a partir de uma demanda da Associação de Moradores do local. Ao caminhar pela Luis Guaranha, casas novas encontram-se com as casas de estilo mais antigo. Na entrada da rua, é possível observar os detalhes dos desenhos nas fachadas das paredes das primeiras residências, demonstrando a antiguidade da construção e a história existente no local.

Em frente à rua de entrada para a Luis Guaranha, localiza-se a Rua Baronesa do Gravataí, que em sua calçada recebe todas brincadeiras, brinquedos, batucadas e bate papos da criançada. Esta calçada situa-se em frente ao Conselho Regional de Contabilidade do Estado do Rio Grande do Sul, local cujos freqüentadores parecem habituados com a presença constante dos moradores pequenos e adultos do Areal da Baronesa e arredores.

Neste cenário, a gurizada do Areal espalha-se apropriando-se do espaço. Correm, pulam, gritam, entram e saem de casa freneticamente. Carregam seus brinquedos, bicicletas, patinetes, bolas, patins para rua, sentam-se nas calçadas para conversar e nos dias de muito calor, as piscinas complementam a paisagem, onde todos se divertem e refrescam-se, além de se deleitarem com “sacolés” feitos por uma das moradoras que vende o produto por 0,50 centavos. As crianças durante o ano letivo têm suas rotinas preenchidas pelas atividades escolares e alguns com cursos no contra turno da escola. Porém à noite, a rua é “invadida” pelos pequenos moradores do Areal. Em uma de minhas visitas neste turno , após tirar muitas fotos, gravar vídeos de um grupo de meninas dançando e cantando, Maria Eduarda, 9 anos, e Regina, 10 anos, desenhavam na calçada, enquanto conversavam comigo. Uma delas amassou uma folha de papel e jogou no chão. Comentei que era melhor guardar o papel na minha bolsa e não deixar jogado no “pátio”. Regina pareceu surpresa ao ouvir a palavra pátio, e repetiu em tom interrogativo: “*pátio?*”Então eu me corrijo e disse: “*Não, a rua*”, contudo pergunto a elas: “*mas aqui não é o pátio de vc’s?*” “*Não*”, respondeu Regina, “*aqui é a rua*”. E Maria Eduarda, me surpreende dizendo: “*mas é aqui que gente brinca, Regina*”. Como quem diz: aqui é nosso pátio. Perguntei de quem era a rua e Maria Eduarda disse: “*é do governo, foram eles que fizeram as casas e a sede*”. E

Regina então falou: “*a rua é nossa*”. Em outro dia de visita pela tarde, conversando com Karine, 11 anos, Pilar, 11 anos e Emilia, 12 anos, enquanto me explicam suas brincadeiras prediletas, comentam que brincam na rua até de madrugada. Esta informação das gurias é confirmada por seu Alex e sua sogra, em um dia que fiquei conversando com eles em frente a associação. Os dois comentam que nas férias das crianças e nos dias de muito calor, a vizinhança toda fica até mais tarde na rua, e a criançada brinca pra além do horário combinado com os pais.

Caminhando um pouco e entrando na Praça Itália, onde se localiza meu segundo espaço de observação, chego ao laguinho. A praça possui um largo espaço com diversos bancos, e grama com uma pracinha, com escorregador, balanços e uma casa de madeira em cima do escorregador, que às vezes é usada pelas meninas para conversar. Esta paisagem é cercada de árvores. O lago artificial faz quase toda a volta na praça. Nem todo lago é usado pelos gurus e gurias. Existe uma “divisão silenciosa” entre os “residentes internos” do laguinho e a gurizada. Os peixes e as tartarugas são os “residentes internos”, eles habitam um lado e os gurus e gurias nadam e brincam do outro lado, onde está a “ilha” que é um pedaço de grama rodeado de água. Esta parte talvez seja a mais funda. Nela é aonde parece ter também mais sombra, pois, as árvores maiores estão localizadas nesta área. A praça está entre duas grandes avenidas do bairro Praia de Belas, atrás do shopping de mesmo nome, e do outro lado fica o fim da linha de dois ônibus. Através destes coletivos muitos gurus e gurias chegam ao lago, ou também de outros ônibus que por ali passam por ser uma região central e de fácil acesso a diversas regiões da cidade, principalmente o centro da capital, que recebe todos os ônibus.

A denominação de “laguinho” é a forma como os gurus e gurias referem-se ao local. Numa tarde sentada no chão com Felício Sereno de 12 anos, morador da vila Cruzeiro, enquanto jogávamos jogo da velha riscado no chão com uma pedra, perguntei a ele se ia sempre a Praça Itália, Felício me pergunta onde é esta praça e diz sorrindo: “*eu conheço aqui como laguinho*”. A percepção de que o lago é uma piscina aparece nas falas da gurizada e também da adulta mais assídua do local, dona Natali. Quando a conheci, ela estava prestes a entrar na água, em um dia de sol escaldante. Timidamente esta senhora de quarenta e cinco anos, residente do Morro Santa Tereza, pulou no lago, de roupa, e me disse que sempre vai ali, mas que tem receio de que a mandem sair do

local, sem me informar quem poderia fazer isso. Ela me fala sorrindo encabulada: *“eu sempre venho aqui, é uma piscina”*.

A forma como os gurus e as gurias utiliza o local é de intensa intimidade e conhecimento do espaço. Suas roupas ficam espalhadas pelo chão, como se estivessem em casa, no quintal, onde tem uma piscina ou em um clube. Não há vergonha da parte dos gurus, em tirar a roupa e ficar apenas de cueca. As gurias entram na água de roupa, geralmente com um short e uma blusinha com sutiã. São pouquíssimas as gurias que pulam na água somente de sutiã e short, causando nos gurus grande alvoroço, que mais adiante será comentado. Os corpos da gurizada no laguinho ficam expostos e parecem complementar a ideia de que ali seja uma piscina, um clube, onde o traje é cueca ou bermuda no caso dos gurus e para as gurias shorts e blusinha. Muitos chegam com suas sacolas de supermercados ou mochilas onde colocam toalhas e outras peças de roupas para trocar pelas molhadas. As roupas e toalhas ficam estendidas nos bancos da praça.

Julio de 11 anos, guri franzino, que vai ao laguinho seguidamente com o amigo Iago Vinicius de 12 anos, moradores dos bairros Cristal e Cruzeiro, locais relativamente próximos do laguinho, comenta que só vai à praça aos sábados e domingos. Embora nossa conversa tenha sido numa tarde de terça-feira, dia da semana que ele não soube informar quando perguntei. Julio fala que no laguinho dá para fazer várias brincadeiras, como por exemplo, nadar, ir na “ilha” e se jogar novamente na água, pular mortal, brincar de pega-pega, pular de cima da árvore. Pergunto a ele: *“E aqui no lago tu gosta de brincar de que?”* O menino me diz: *“de tomar banho ali”*, *“Tomar banho é uma brincadeira?”* eu pergunto, *“é... gente tá na piscina”*.

Com esta percepção, de que a rua do quilombo é um grande pátio, a extensão de casa e o laguinho é uma piscina, reflito sobre as compreensões que a gurizada do Areal e do lago tem destes locais, onde vivem tantas coisas. E também suas localizações de espaço e tempo em suas presenças no espaço da rua sem a presença dos pais ou responsáveis.

O tempo das brincadeiras na rua e das “caminhadas” pela cidade é determinado pelos pais ou responsáveis da gurizada, e também pelo calendário de atividades diárias, escola e tarefas em contra turno seja em casa ou em alguma instituição. O laguinho não recebe a visita dos gurus e gurias durante o período escolar e no inverno. Quando se

aproxima o verão as aulas vão chegando ao fim e assim eles voltam a frequentar a praça, contudo recebem determinações de horários para retorno. No Areal durante a época escolar as regras são mais firmes e os guris e gurias da rua são mais controlados em seus horários de lazer. Conforme a fala das meninas Pilar, Karine e Emilia, elas brincam na rua até de madrugada e em época de férias os adultos do quilombo confirmam que ficam até mais tarde na rua. No laguinho, Jade, Anita e Biatriz, gurias entre 12 e 13 anos, moradoras dos bairros, Medianeira e Morro Santa Tereza, frequentadoras assíduas da praça, relatam que seus pais também dão horários para voltar para casa. Geralmente têm que retornar em torno das 20 horas, e quando estão no laguinho saem dali 19h30min e conseguem chegar a tempo em casa. Em outro momento um menino morador da vila Cruzeiro, pergunta as horas para os demais que estão dentro da água com ele, e ao ouvir o horário, um deles diz: “*Vamo largá*”. Eu pergunto se tem horário para estar em casa, e um deles ²⁰me diz que para estar em casa não tinha horário, mas que deveria estar na vila até às 18 horas.

Outro dia, um guri que se aproximou do local onde eu estava sentada conversando com Dona Natali, e me pergunta diversas vezes que horas são. Na medida que eu respondia, ele ia se dando mais meia hora para partir, informou que iria embora 18:30 e foi. Geralmente os meninos deixam o lago entre 18h30min e 19h30min da noite. E como é horário de verão ainda é dia para retornarem aos seus destinos. Durante o período da noite e pela manhã, as crianças não visitam o laguinho, o horário de maior acesso na praça é no turno da tarde.

Recordo de um dia estar acompanhando um ensaio da mini escola de samba Areal do Futuro na rua, sentada no meio fio da calçada com algumas meninas no meu colo, conversando, quando de repente Ayofemi²¹ surge com um chinelo na mão chamando sua filha Caroline, que estava ali comigo. A mãe da pequena, que tem mais ou menos nove anos, ao ver a filha próxima de mim disse sorrindo: “*desta vez tu te safou, hein?*” A menina também ri, mas sai correndo em direção a sua casa. A guria

²⁰ Não consegui perguntar os nomes destes meninos, sabia que eram da Vila Cruzeiro, pois, os reconheci, e são meninos mais velhos e visitam pouco o lago, tem entre 17 e 19 anos.

²¹ Ayofemi (nome fictício) me conhece, pois, eu a entrevistei para a pesquisa de TCC, o que marca em sua história é a “agência” da filha Caroline que sempre escolhe os produtos que deseja comprar no supermercado, e recentemente Ayofemi me contou que a menina havia escolhido o presente de dia das crianças, trocou um notebook da Xuxa por um patinete;

volta algum tempo depois e eu pergunto, se ela já tinha jantado, afirma que sim com a cabeça, e fica pulando na minha volta e pedindo para fotografar.

Para as crianças ficar na rua até tarde é sempre uma aventura, a contagem do tempo é dada pelo controle das horas para que não se atrasem para voltar para casa (laguinho) ou pela “chamada” dos pais para jantar, ou entrar em definitivo em casa (Areal). O que se vive no espaço da rua, é sentido pela gurizada de forma intensa, já que o tempo é o grande vilão de suas aventuras e descobertas. Mesmo que voltem a se encontrar no dia seguinte, como no caso do Areal, a brincadeira já será outra, a forma como vai ser feita pode ser diferente e nem todos os componentes do grupo podem estar disponíveis, pois tudo depende da autorização dos pais para brincar na rua. Já no laguinho, como nem todos são assíduos ao local, aparecendo vez ou outra, ou em horários diferenciados da tarde, o grupo presente num dia no outro certamente poderá não estar. Logo, assim como nos diz Da Matta (1997,p.38), o tempo e principalmente o que se vive nele e no espaço é sentido emocionalmente:

Do mesmo modo, num filme ou numa peça de teatro, as unidades de medidas são emocionais. O tempo medido e quantificado é substituído por uma duração vivida e concebida como emocional. Não se fala mais em horas ou minutos, mas naquele momento que as lágrimas produziram o silêncio e os suspiros mediram a grande cena final... Já nos grandes festivais populares, os dias é que podem ser as unidades de duração mais significativas.

Existem nestas vivências ligações entre público e o privado, no Areal, a casa e a rua cruzam-se e misturam-se a ponto de tudo parecer uma coisa só. E no laguinho a intimidade com que se apropriam deste espaço com alguns traços de uma extensão “alongada” da casa, como um quintal onde está uma piscina, delimita novas formas de transitar entre o público e privado.

Roberto da Matta (1997, pg. 15) ressalta o significado da casa e da rua:

(...) estes são mais que espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, são entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas.

As demarcações entre casa e rua, são historicamente conhecidas, as formalidades, as cerimônias para receber as visitas, as regras de uso de cada local da casa, e também o acesso por gênero é algo introjetado culturalmente. O que se diz e como nos comportamos na rua é diferente do modo como vive-se em casa ou se fala diante da família. Os cruzamentos de tais “comportamentos” são visualizados nas brincadeiras das crianças e em suas formas de interação no espaço da rua. Os ensinamentos, os conflitos, as amizades, as relações que estão ligadas a “casa” são reproduzidos pelos guris e gurias na rua. No Areal, algumas brigas entre as famílias também são continuadas pelas crianças quando estão no espaço da rua brincando. Xingamentos e referências a fatos ocorridos com os pais ou responsáveis são comentados pelas crianças. Os conflitos das crianças na rua também são levados para casa, gerando ou alimentando desentendimentos entre os adultos da comunidade. A briga sai de casa e vai para rua ou sai da rua e vai para casa, cruzando sentimentos, moralidades, desejos, comportamentos nos dois espaços.

No laguinho, este “enredo” mostra-se com menos força, mas surge também na relação dos guris e gurias com o “lago”. A “piscina”, as roupas largadas pelo chão ou estendidas nos bancos da praça, as formas como os guris e gurias comportam-se apresentam configurações de aprendizados que classificam o que se pode fazer em casa e o que se faz na rua. A presença maciça dos guris e seus “modos” de comportar-se no local, demonstra que a rua é lugar de homens, e suas constantes disputas de espaços com as gurias informa que não há lugar para elas.

Segundo Da Matta (1997) mesmo que muitos brasileiros falem a mesma coisa em todos os espaços sociais, o normal – o esperado- e o legitimado- é que casa, rua e outro mundo demarquem fortemente atitudes, gestos, roupas, assuntos, papéis sociais e quadro de avaliação de existência. (p.53) Contudo espera-se que a conduta nos três espaços seja diferenciada de acordo com o julgado apropriado a cada uma dessas esferas de significação. Desde a infância o espaço doméstico é associado a um domínio das meninas e a rua para os meninos. Convencionam-se que a cada lugar corresponde um comportamento, uma conduta, inclusive conforme o gênero.

A rua é simbolicamente um local perigoso e está associado ao masculino, já que exigiria valentias e coragem. A mulher, “frágil e sensível”, protege-se no seio da casa e da família. As meninas são protegidas dos perigos da rua por isso, são mantidas em

casa, afastadas da rua. Já os meninos encontram na rua lugares de aventuras e descobertas e afirmação de sua masculinidade. Assim, talvez, banhar-se no “laguinho” e desbravar a cidade seja uma “coisa de/para meninos”.

Jucélia Santos Bispo Ribeiro em seu artigo: Brincadeiras de meninas e de meninos: socialização, sexualidade e gênero entre crianças e a construção social das diferenças, apresenta as representações de gênero nas brincadeiras de meninos em uma comunidade praieira da Bahia. No texto, os modos de cuidados com as meninas e os meninos são bem diferenciados, contrastando a educação mais reservada para as meninas com a educação mais “aberta” para os meninos. Quando um garoto desenvolve alguma atividade que faz parte do mundo doméstico, como lavar louça, ajudar a arrumar a casa, etc, é visto como um ser afeminado, muitas vezes chamado pelos outros meninos da vizinhança de “viado”.

Os meninos que brincam com as meninas são mal vistos pelos outros. Já as meninas, que experimentam brincar mais com os meninos são tidas pelas outras meninas do local, como “osadas”²² e geralmente são repelidas dos grupos das meninas “direitas”. No trabalho referido, as garotas devem manter-se longe dos meninos “ousados” e brincar somente entre elas. Um menino “osado” é aquele que quer apenas sexo. Estas diferenciações de gênero entre as crianças se dão a partir dos ensinamentos desenvolvidos, observados e reproduzidos nas famílias.

Na comunidade citada por Jucelia, a casa é o lugar de domínio feminino, é o espaço onde os homens menos devem estar. Os meninos e homens adultos, possuem a referência, reforçado por todos e todas, de que seu lugar é na rua.

Em visita a algumas famílias percebi essas representações, como na situação em que o pescador Lula (49 anos) reclama para seu filho de 9 anos: “Vá arranjar mulher na rua rapaz, só quer ficar dentro de casa!”(2006, p.158,)

²² Utilizarei no decorrer do texto a palavra ousadia para o sentido de conduta arrojada, com o intuito de contrariar as regras comportamentais para uma menina. O termo “osado” utilizado por Jucelia Ribeiro (2003) a partir de seus pesquisados carrega uma carga semântica com forte conotação sexual ou pessoa muito atrevida.

Nesta dinâmica entre a casa e a rua, as formas de se relacionar entre a gurizada demonstram uma resignificação dos espaços em que se encontram. Magnani (2005), pesquisador dos espaços urbanos, explica, a partir de suas pesquisas, que um espaço intermediário entre o privado (casa) e o público (rua) denomina-se “pedaço”. Ocorre neste espaço uma sociabilidade básica, mais ampla do que a fundada em laços familiares e mais densa, significativa e estável do que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade (pag.178).

Pelo fato de intermediar os dois domínios (casa e rua), o pedaço apresenta características de ambos, combinando-as, porém, na forma de novas regras: da casa reproduz o ambiente de segurança e, da rua, a novidade, o imprevisto, a possibilidade de contato com pessoas que não estão vinculadas pelos laços de parentesco. Os frequentadores de um pedaço, ou aqueles que podem circular por ele não são totalmente estranhos. Dessa forma, o pedaço pode ser considerado uma espécie de transformação, de abertura da casa em direção ao espaço público, englobando-o. (Magnani, pag. 2, 2007)

O “pátio” do Areal é um exemplo de “pedaço”, pois, nele acontece intensa relação entre as crianças, demarcando o espaço da rua de sua comunidade. Não é só uma área de lazer para estes guris e gurias, como também um espaço onde se pode vivenciar e experimentar o novo e o velho, a rua do quilombo é um emaranhado de raízes de amizade e parentesco. As crianças crescem juntas, pois, existem gerações que ali nasceram, brincaram, namoraram, casaram, e hoje criam seus filhos e filhas. A ligação afetiva e de reciprocidade que se desenvolve em tal espaço possivelmente ficará para sempre na memória de cada guri e guria que vive no quilombo do Areal.

O laguinho a partir das caracterizações de Magnani pode ser classificado como uma “mancha” por situar-se em uma região com diversos atrativos para a gurizada. Segundo o autor “mancha” é um local que acolhe um número maior e diversificado de usuários, e a possibilidade do encontro é certa, porém, não se sabe quem vai se encontrar no local (2005, pag.178). Assim, as apropriações dos espaços se dão de forma diferenciada. A chegada na praça exige certa cautela, e as relações de sociabilidade são desenvolvidas a partir de uma observação prévia do local e dos que ali estão. A permanência ali exige uma leitura dos códigos. Neste local os frequentadores podem observar uma cidade que se transforma em seu olhar, ali a gurizada fortalece a relação de amizade, namora, compartilha ideias e comida.

A rua, se torna mesmo um “pátio”, pois, é ali que eles e elas vivem diariamente suas brincadeiras, descobertas, relações de si em crescimento e também do outro que cresce junto. O

tamanho da rua expande-se à medida que a brincadeira se desmembra. Cada lugar possui um significado. A “ilha” no laguinho é sempre um local de conquista, competições são feitas até o local e sua conquista é sempre festejada. Ora, quem não gostaria de conquistar uma ilha? Em seu trabalho Fernandes (2011) explica através da fala das crianças, que a partir de suas “mobilidades”, o modo como marcam os espaços, transitam num “um mapa urbano e afetivo” compostos por lembranças e sentimentos (pag.88). Em meio à cidade dura e concreta, com seus edifícios altos, ou com as portas automáticas do shopping que não abrem para eles e elas, nadar até a “ilha” é algo pelo qual vale muito à pena atravessar a cidade.

3.2- “sou mocinha, sou pré-adolescente”- brincando de “poder fazer”.

E nesta travessia gurus e gurias transitam entre suas percepções e sentidos sobre o que é ser criança e adolescente. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA-1990) formalizou que criança é a pessoa que tem até 12 anos e adolescente é quem tem até 18 anos. O período etário da adolescência também abrange o conceito de juventude, inserido pela Organização das Nações Unidas, em 1985 no ano internacional da juventude, onde são considerados jovens entre 15 e 24 anos de idade. Contudo outros países-membros podem determinar como jovens outras faixas etárias que compreendam suas realidades. Porém segundo a convenção sobre os direitos da criança o grupo entre 15 e 18 anos pertence à definição legal de criança, e outras categorias consideram o período entre 15 e 18 anos como adolescente.

Já a OMS (Organização Mundial de Saúde) e a UNFPA (Fundo de População das Nações Unidas) consideram adolescente pessoas entre 10 e 19 anos de idade. O Banco Mundial trabalha com o público de 12 a 24 anos como política pra juventude, a União Europeia atenta-se para programas voltados para jovens entre 15 e 25 anos e o conselho da Europa desenvolve trabalhos com grupos de idade entre 16 e 35 anos, somando a estes grupos profissionais que trabalham com jovens, lideranças juvenis do campo das políticas para juventude. (Leon. et al.,2009.p25). A prática de estipular idade para cada categoria é um forma de produzir estatísticas e melhor administrar políticas públicas voltadas para esta população.

Esteves e Abramovay (2009, pag. 23) entendem que juventude por definição é uma construção social:

(...) ou seja, a produção de uma determinada sociedade originada a partir das múltiplas formas como ela vê os jovens, produção na qual se conjugam, entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo etc.

Contudo Margullis e Urresti (1996) chamam atenção que toda categoria socialmente construída acerca de fenômenos existentes, possui uma dimensão simbólica. Reduzir o conceito e juventude a esta dimensão empobrece e desmaterializa seu significado. Deve-se segundo os autores considerar as determinações materiais, históricas e políticas inerentes a produção social. Minayo et al (1999) recomenda que para que se entendam os processos sociais em que os jovens estão envolvidos é necessário compreender seus comportamentos individuais:

(...) que os jovens se envolvem, é necessário recorrer à forma como expressam seus comportamentos, gostos, opções de vida, esperanças e desesperanças. As condições econômicas, políticas e sociais determinam características peculiares para se entenderem não só os comportamentos individuais, mas, especialmente, os processos sociais em que os jovens estão envolvidos. A história, a tradição e a cultura contribuem para a expressão de seus valores [...].” (p. 12)

Bourdieu (1981) em questões de sociologia, explica que as divisões de idades são arbitrárias, e a fronteira entre velhice e juventudes é um jogo de luta. O autor refere-se a jovens e velhos um em relação ao outro, “é-se sempre velho ou jovem para alguém” (pag.,152) A divisão lógica entre os velhos e os jovens é uma questão de divisão de poder, as classificações de idades (como também sexo, classes, etc) equivalem a impor limites e produzir uma ordem em que cada uma deve se manter no seu “lugar”. No contexto em que estamos analisando as crianças dentro de seus grupos também se classificam e quanto menos idade, menos poder e autoridade. Juventude e velhice são construídas socialmente, cada campo tendo suas leis específicas de envelhecimento. É importante reconhecer no jogo de forças o que é ser “novo” para cada grupo social.

Marcada pela dimensão etária e seus sentidos simbólicos, utilizei tais demarcações para separar cada guria ou guri que encontrava, a fim de poder categorizá-los nos padrões conhecidos. Contudo tive dificuldade de classificá-los como “criança” ou “adolescente”, pois, seus entendimentos destas definições variavam de uma situação

para outra. Precisei desconstruir as minhas noções fechadas do que era ser criança e adolescente para compreender que a categoria “criança” e “adolescente” possuía nos dois espaços de pesquisa, diversos “usos” entre os guris e gurias. Quando pergunto se brincar é coisa de criança a maioria responde que sim. Logo depois pergunto se criança namora e as respostas são dadas entre sorrisos envergonhados. Criança também namora, mas nestes momentos todos são adolescentes ou pré-adolescentes ou mocinhas.

Biatríz, Anita e Jade, no laguinho, comentam que criança é quem tem até 18 anos, mas Jade repensa: “18 é adulto, hein?” e Biatríz já fala: “é pré-adolescente!”. Minutos depois Anita diz: “parar de ser criança, tipo ser um bem adolescente, até 18”. Então eu refaço a pergunta: “aí criança até os 18 dá pra brincar?” E a menina diz sim e argumenta: “Ué meu irmão tinha 16 anos, e brincava de cobra cega com a gente, brincava de boneca”. Biatríz diz que não quer perder sua infância cedo, Jade fala que quer brincar até quando tiver 15 anos e Biatríz quer brincar até os 19 anos. Percebo que a oscilação nas respostas demonstram algum receio de admitir que são crianças. Existe uma contradição nas respostas, pois, a maioria entende que brincar é coisa de criança, porém não querem ser crianças, desejam ser “adolescentes”, mas também querem fazer coisas que crianças fazem, crescer é perder a infância como explica Biatríz ao dizer que não quer perder sua infância cedo.



Figura 11- Anita, Jade e Biatríz na cama elástica P. Marinha. Fonte: Acervo Milena Cassal.

Dias antes deste encontro com as três meninas, conversei com Anita, 12 anos, e Pablo de 15 anos, moradores do Morro Santa Tereza. Ele é amigo das meninas e as conheceu no laguinho. Pablo já “ficou” com Jade e também com Gisele, amiga de Jade

que disse “gostar” dele. Anita também esta interessada em Pablo, que parece gostar do assédio das meninas. Um dia avistei um guri e uma guria conversando, sentados no banco da praça. Apresentei-me e perguntei se podia conversar com eles. Comentei que conheço Jade e Biatriz, que por sinal é irmã de Anita, que se considera “mais bonita” que a irmã. Pablo diz não brincar mais “dessas brincadeiras de criança”. Pergunto o que é brincadeira de criança, ele cita: *“correr pra lá e pra cá”*. Ele diz que joga futebol, vídeo game na lan house e “mexe no face”. Pablo diz: *“depois dos 13 anos não é mais criança”* Anita concorda com ele. Comento com ela, tu tens 12 anos, né?! E a guria me olha sorrindo com malícia. Ficamos quietas, ela não responde.

Quando pergunto qual a sua brincadeira predileta olhando para Pablo, ela diz: “baiter nele” (ela diz baiter). Fala que não tem idade para brincar, que seu irmão com 16 anos brinca com ela de cabra cega e que estes dias, fez ele bater com a cabeça na cama, brincando. Conta que vai ao marinha. Pergunto se isso é brincar ela diz que sim “sair” é uma brincadeira. Conta também que brincava de correr com os “pequenos”, esconde-esconde e pega-pega, mas que agora não brinca mais porque está chato. Não se considera criança, mas não se define como adolescente e nem adulta. *Até que idade somos criança?* Ela solta uma frase em tom efusivo: *“Passando dos 18 pode se mandar”* Como assim, pode se mandar? Esta frase me faz entender que é “se mandar” de casa, sair de casa. Ela me diz: *“Aaaa foi minha mãe que disse que com 18 anos eu me mando”*. Ela ressalta: *“é minha mãe que manda em mim”!* Pablo se considera um adolescente. Segundo ele sua mãe diz que durante a semana ele tem que estar em casa até às 23 horas- *“entre 21horas e 23 horas da noite, porque no outro dia tem aula”*. Durante os fins de semana pode chegar em casa entre uma hora e duas horas da manhã.

A medida que a idade avança responsabilidades e novos papeis sociais vão surgindo. Como por exemplo, Anita comenta com 18 anos “já se manda”, ou seja, já tem independência para não seguir as ordens dos pais. Entre os índios Xikrin (Cohn,2001) quando as crianças começam a andar e falar passam por várias etapas que indicam mobilidade e responsabilidade diferenciadas. As meninas ficam na casa dos pais, tias e avós maternos desde o nascimento e os meninos, gradualmente, ganham liberdade e movimento. Brincam em grupo pelo pátio, pelas capoeiras e no rio. Com 11 anos de idade aos meninos vão morar na casa dos homens saindo apenas para morar na casa da esposa. A pintura corporal apresenta-se entre os xikrin como uma condição

social e pessoal e mostra-se como a marca mais visível e elaborada das etapas internas á infância e da diferença dela a vida adulta.

Em outra conversa com alguns guris dos bairros Cruzeiro e Bom Jesus, entre 13 e 15 anos, que estavam sentados à beira do lago após tomarem banho, eles me dizem: “*eu não brinco muito, só venho aqui ando de skate, de correr de um lado pro outro*” e eu digo : “*e isso não é brincar?*” Ele sorri. Então eu pergunto se brincar é coisa para criança e um deles me responde: ‘*É*’. Antes de fazer esta pergunta eu pergunto: “*E vocês não brincam?*” E um deles diz: “*eu brinco*”! O menino responde isso, mas parecia ter certo receio de dizer tal coisa, logo após eu faço a pergunta se brincar é para criança. O menino que diz: “SIM”, (é de criança) responde, quando pergunto o que ele é, se criança ou adolescente, diz: “*sou um pré adolescente*”! Pergunto sua idade “*vou fazer 12*”.

Não brincar mais parece delimitar a condição de ser criança ou adolescente, apresenta-se como o marcador que separa a criança do adolescente e tudo que seu significado carrega. Calaf (2007) em sua pesquisa com a “galera do gramado” da rodoviária de Brasília apresenta a sexualidade como um marcador entre “crianças e não crianças”. A atividade sexual é o eixo definidor de identidade, segundo a autora falar do que é ser criança sem falar de “trepar” é incompleto. É o modo como acessam ao “status de gente grande”. Trepar é critério para fazer parte da galera. Entre os meninos e meninas pesquisados as crianças mais novas, entre 5 e 6 anos, que são tratadas como filhos ou mascotes, ainda não “treparam”. São sujeitos em construção inserindo-se lentamente, através de brincadeiras de troca-troca, nas atividades sexuais do grupo. Por meio do saber “trepar” são feitas distinções e movimentos para demonstrarem-se o menos criança entre os componentes do grupo. O sexo é algo que os coloca em outra posição em comparação com outras crianças e jovens, eles constroem discursos sobre si a partir de suas trajetórias sexuais.

Fernando, guri que conheci em um dia quente de Natal, chegou até o lago de bicicleta acompanhado de seu amigo Tutu, seu nome é Tales. Tinham chegado da Vila Conceição, mas eram moradores do bairro Humaitá ou vila Areia, próximo ao estádio do Grêmio. Tutu tem 10 anos e Fernando 13 anos, enquanto Tutu pescava Fernando descansava no banco da praça, foi quando me aproximei e pedi para sentar e conversar. O menino se dizia com sono, pois estava “amadruguecido” da noite anterior, que tinha

ficado acordado até tarde “passeando” de táxi com Tutu e amigos pela Vila Conceição, local onde mora a família do pai de Tutu. Fernando me fala que às vezes é legal ser criança, mas em outros momentos é “Frau”. Tento entender porque, mas ele não me explica. Pede para eu anotar sua rotina, relatando suas atividades de segunda a sexta: entre futsal, nas segundas e quartas-feiras e o projeto de navegação na terças e quintas ele ajuda seu tio na sexta-feira, em sua oficina. Acabo perguntando quando ele brinca, repetindo a pergunta depois de saber das atividades diárias do guri, e ele me responde impaciente: “Mas já te disse”! Percebo então que todas as atividades realizadas pelo menino são, pra ele, brincar.

Dias depois no quilombo, enquanto Emilia, 12 anos, Pilar, 12 anos, Karine de 13 anos, Rogério, 11 anos me explicavam o funcionamento de algumas brincadeiras de sua preferência, Karine me pergunta se eu conheço seu namorado. Digo que não e Pilar, me conta que a amiga gosta do guarda do conselho de contabilidade desde os sete anos de idade. Rindo Karine nega a informação da vizinha. Aproveito a deixa e pergunto o que é criança e quem era criança ali. Rogério me diz, entretido com um joguinho no celular que é “pequeno”, eu tento perguntar o que é “pequeno”, mas o jogo parece mais divertido. Então, Karine diz: “*Criança é quando menstrua depois que menstrua fica mocinha*”. Digo então: “*ai não é mais criança?*” “*Não, ai é mocinha*”, afirma Karine. “*Daí pode namorar?*” Karine afirma que sim com a cabeça e Pilar diz: “*Que nem ela*”, apontando para Karine. E eu pergunto: “*tu já menstruou?*” E Karine diz que sim encabulada.

A menstruação surge para Karine como algo definidor. O que a diferencia das outras meninas é o fato de já ter menstruado e de certa forma isso lhe dá o aval para namorar. Louro (2000) relata que no corpo da menina o momento que marca a “passagem” da infância para vida adulta é a menstruação. Marcando assim uma separação entre quem ainda era “menina” e aquelas que já eram “moças”. As “moças”, segundo a autora, relembrando sua adolescência, juntavam-se em rodas de conversas para falar sobre as percepções deste momento, as descobertas, tais conversas auxiliavam nas discussões sobre sexualidade e construção de sabe sobre seus corpos e desejos.

A oscilação, o trânsito entre ser criança e adolescente demonstra que existe uma forma de entendimento do que cada momento da vida carrega para os guris e gurias pesquisados (as), no entanto não se é nenhum nem outro, pois estão tão perto da

infância e tão perto da adolescência, estão no meio. É como brincar de amarelinha²³, em baixo a infância em cima a adolescência e no meio do caminho são feitos “jogos de equilíbrio” nas novas experiências que vão surgindo. As exigências que a infância e adolescência carregam são desvantajosas em determinadas situações. A plena descoberta da sexualidade, por exemplo, confronta-se com o que “não é para crianças”, com o “tabu” do sexo para a sociedade. Ao contento que brincar na rua sem hora para entrar em casa, negociar os horários para o retorno para o lar, como no caso de Pablo que negocia os horários com a mãe que pode ficar na rua durante a semana e nos fins de semana é a vantagem de estar crescendo, mesmo que na rua ele “faça coisas” de crianças.

Muitos adultos representam a criança como um ser frágil e inocente. E o adolescente é um ser em transição, quase um adulto, já pode responder por algumas coisas e à medida que vai crescendo, pode trabalhar dirigir, votar, responsabilidades sociais maiores que lhe destinam um papel de maturidade. No entanto, nesta fase seus pais ainda respondem por eles, pois, são “menores de idade”, segundo a legislação. A construção do adolescente se dá nesta oscilação, no recorrente reencontro com a infância. Logo, em suas “saídas” a rua esta percepção irá surgir e suas relações com estas fronteiras etárias serão “agenciadas” ora convém ser criança e ora convém ser adolescente. O “ser” indica comportar-se como criança ou adolescente. A pouca presença de adultos lhe permitirá agir da forma que deseja a partir das configurações que conhece e aprendeu, vivendo a intensidade de cada situação.

Entre as crianças também existe hierarquizações de idade e maturidade conforme o que “pode” ou “não pode fazer”. Elas organizam-se em grupos de idades semelhantes e às vezes hostilizam os menores podendo inclusive agredi-los e também ser agredidos pelos maiores. Julio e Iago Vinícius²⁴, de 11 e 12 anos, têm a mesma estatura, já os vi com um grupinho de amigos todos do mesmo tamanho e idade, em seu bairro. Os dois possuem uma característica que os aproxima, eles têm a língua presa e falam baixo e devagar, articulando algumas palavras com dificuldade o que os aproxima da imagem de crianças que estão aprendendo a falar. Presenciei uma briga entre Julio e

²³ Brincadeira que desenha-se no chão a palavra inverno seguido de números, até 10. A ideia é se equilibrar nos dentro quadrados desenhados com os números até chegar ao fim, onde está escrito “céu.”

²⁴ Conheço estes meninos do trabalho como educadora Social de Rua.

um menino “mais velho”, com 15 anos no máximo. O guri “pequeno” reclama, ao ser enlaçado por uma “gravata” pelo pescoço, que o outro só gosta de bater nos “pequenos”.

Karine informa que sua brincadeira predileta é desfile. Para tanto vestem e maquiam os “pequenos” com roupas femininas e os colocam para “desfile” na rua. Segundo Karine todos se divertem inclusive “os modelos”, e os pais riem da brincadeira. Os “pequenos” são manipuláveis pelos mais velhos. Os “pequenos” geralmente tem entre 5 e 7 anos. No contexto das trocinhas são chamados de “pichotes” e só são tolerados no grupo se respeitarem e obedecerem os mais velhos, submetendo-se as “judiações” que lhes impõem. Segundo Florestan Fernandes (2004) eles são melhor recebidos nos grupos infantis das meninas. Calaf (2007) ao relatar as experiências de iniciação sexual de crianças em situação de rua descreve a diferença entre os “bacuris” e os “muleques”, os primeiros variam entre 5 e 6 anos e são tratados como filhas ou como mascotes, e podem ser pensados em sujeitos em construção. Os bacuris estão aprendendo a trepar e são iniciados pelos mais velhos e os mascotes. Nos bairros das trocinhas também pode acontecer de “aproveitamento sexual” dos “pichotes”, mas sem a lógica da aprendizagem. Logo se percebe que existe um entendimento entre diversos grupos infantis, independente do contexto, de que os menores ou “pequenos” são grupos que estão á mercê das segregações relacionadas a faixa etária.

A partir do que as crianças dizem sobre ser criança ou adolescente, percebo um esforço em mostrar-se o menos infantilizado possível, porque parece que ser criança é coisa de “bebê”, que não sabe, não entende e é “bobo”. A flexibilidade com que transitam entre estas duas condições é uma estratégia interessante de viver a vida nesta fase.

Conforme já citado, Clarice Cohn (2005) recomenda que pensemos em “outras infâncias”, atentando aos diferentes modos de viver e saber onde a criança esta inserida. Neste intuito observando o grupo de guris e gurias referidos neste trabalho, pode-se afirmar que seus modos de viver são caracterizados por certa “liberdade” diferentes em relação a algumas normativas de cuidado com as crianças. Margaret Mead (1967) descreve uma adolescência diferente do processo de adolecer das meninas norte americanas, em relação às meninas da Ilha de Samoa. A transição de criança para adulto se dá de modo gradual, o processo é lento e contínuo, as exigências que a criança tinha quando pequena vão aumentando a medida que vai crescendo, não é algo que se

impõem de uma hora para outra, mas sim uma continuação do que lhe era exigido ao longo de seu crescimento. Cohn e Mead nos demonstram a atenção com as especificidades de cada contexto em que a criança ou adolescente está inserida, não fixando um conceito de como é ser criança ou adolescente de uma forma geral. Logo cada jeito de ser adolescente e de ser criança é específico de cada localidade, recebendo influências culturais, sociais, econômicas, étnicas e ambientais.

No quilombo e no laguinho as crianças transitam livremente pela rua, brincando. Ressalto este aspecto, pois, muitas crianças hoje em dia não brincam na rua, por questões de segurança, e deixar os filhos na rua acabou sendo visto como uma forma de desleixo no cuidado com os pequenos. Wenez (2012) em sua pesquisa com crianças do ensino fundamental, reflete sobre a ausência das crianças nas praças e parques do bairro em que pesquisa. Segundo a autora a violência é a maior justificativa dos pais para tal “desaparecimento”, gangues marcavam encontros via internet em praças e parques da região, colocando em risco a segurança dos usuários de tais equipamentos. Assim configurando um modo de brincar e viver em outros espaços que não a rua ou parques e praças, as brincadeiras eram vivenciadas na escola e em casa.

Finalizo voltando à flexibilidade no uso das categorias criança e adolescente. Entendendo que demonstra como estas denominações são construídas e impostas em relação ao que é e como deve ser cada pessoa em determinada idade. Necessariamente não se segue um padrão de comportamento, tais categorias são “agenciadas” e “encaixadas” em cada situação vivida no laguinho e do Areal. Assim como os xikrin (Cohn,2001) e os meninos do “gramado (Calaf.2007) marcadores de diferenciação entre ser criança e adolescentes são apresentados ao longo do desenvolvimento etário dos meninos e meninas. Desde modo em seus jogos de equilíbrio entre infância e adolescência a gurizada do Areal e do Laguinho experimentam “modos” de ser e fazer seus processos de crescimento.

3.3- Não sou um guri/guria de rua

A partir destes jogos de equilíbrio vividos nos espaços citados, com a pouca presença dos adultos, os guris e gurias do Areal e do laguinho categorizam e são categorizados dentro de conceitos ligados a estereótipos. Conforme já expressei em outro capítulo, o laguinho é um local conhecido pela rede de atendimento à criança e

adolescentes como ponto de circulação de meninos e meninas em situação de rua. Quando comecei as saídas a campo ainda entendia que os gurus e gurias que iria encontrar estavam em situação de rua. Porém com a convivência e observação percebi que nem sempre a condição de situação de rua se configurava. Comecei a fazer-lhes esta pergunta: Vocês são gurus ou gurias de rua? E eu também me questionava: como era um menino ou menina de rua? O que caracterizava este perfil?

A organização pessoal, a higiene, o controle do horário para retorno para casa e também suas opiniões a respeito deste assunto me permitiram desconstruir um perfil e não classificá-los tão facilmente. Não focar no peso que o termo “situação de rua” poderia dar aos gurus e gurias pesquisadas tornaram-se necessário para descobrir e compreender suas dinâmicas na rua.

Ao conversar com Glauber, funcionário do shopping Praia de Bellas, que estava arrumando as lâmpadas da praça, ele relata que antes, quando a praça foi inaugurada em 1992, eles (os meninos) quebravam tudo. E que chamavam a polícia, porque os gurus terminavam com a praça. Hoje as coisas melhoraram muito. Segundo ele muitos dos que iam à praça, antes, não aparecem mais e os gurus, aprenderam a “andar” na praça. Glauber falou algo que me chamou bastante atenção: *“tu pode ver, nenhum desses guri aí, são guri de rua”!* *“São tudo ajeitadinho, com um bom tênis, boa bermuda”.*

Fernando durante nossa conversa comenta que fugiu de casa um dia antes da véspera de natal, pois havia se desentendido com o tio. Pergunto o que é um guri de rua e ele diz: *“Meninos de rua, são meninos que moram na rua e não tem casa, que a rua tá criando ou que fugiu de casa”.* Então eu digo: *“então, vc é um menino de rua? Não”* *“Eu não fugi!”* Ele diz que às vezes parece *“tri’ morar na rua, mas quando chega 9 horas da noite pode ser ruim, sem dinheiro.* Fernando parece bem confuso quanto a sua atual situação, não sabe se volta para casa ou não, entrando em contradição com suas informações e percepções. Pede o meu telefone para ligar para sua mãe e fica sabendo que a tia e o tio, com morava e são seus responsáveis foram até o Conselho Tutelar e informaram que ele menino tinha sumido. Fernando desliga o telefone e diz: *“Pronto agora minha cara vai estar atrás das caixinhas de leite.”.* Referindo-se aos casos de crianças desaparecidas que são anunciadas nos meios de comunicação nas embalagens de alguns produtos. Deixo Fernando e Tutu, seu amigo, sentados conversando decidindo o que fazer.

Em pesquisa realizada em conjunto com a UFRGS e Prefeitura de Porto Alegre, em 2008, sobre meninos e meninas em situação de rua na capital, questão: você se considera um menino (a) de rua? As respostas podem ser comparadas com as dos gurus do laguinho. Na pesquisa 71,5% não se considerava guri de rua 25,9% se identificou com a categoria menino (a) de rua. Os gurus e gurias que conversei no laguinho não se consideravam de rua, e entendi que guri de rua era quem não tinha casa, não tinha família. Na pesquisa citada, não ter casa e morar na rua configurava um menino de rua para os entrevistados.

Lucas Eduardo, Jalison, Genésio e Jair, meninos que moram na cidade de Alvorada, no bairro Salomé, fato que descubro horas depois, pois quando me apresento os gurus me dizem que são do Morro da Cruz. Os gurus me olham sorrindo, observando meu olhar de estranhamento ao ouvir o nome da linha de ônibus que vai pra seu bairro, então Jalison me diz rindo: *“agente mentiu para ti tia, agente mora em Alvorada”*. Eu digo: *“não acredito”!* *“Vc’s não moram no Morro da Cruz? e como sabiam do projeto Show de Bola?”*²⁵. Eles respondem: *“a porque a gente já morou lá, e íamos com o SASE”*

Os gurus têm entre 12 e 13 anos, são negros, três deles estudam menos Jalison que diz não estudar porque sua casa pegou fogo. Eles comentam que menino de rua é aquele que rouba, que faz coisa errada, que pega um boné. Estes meninos, são vaidosos usam pircing, fazem a sobancelha, motivo de orgulho entre eles, me falam sorrindo sobre isso. Usam roupas que a maioria dos gurus de suas idades usam, camisas grandes, bermudas largas, tênis grande, e bonés aba reta. Um deles estava com correntes grossas no pescoço, vestuário estilo de muitos cantores de rap. Jair é surdo e mudo e se comunica pela linguagem dos sinais, seus amigos não parecem se incomodar com esta condição dele, conversam com ele por gestos e pelo que percebi estão sempre juntos. Eles estavam comendo bolachas recheadas e refrigerante que haviam comprado no supermercado do shopping. Quando outros gurus chegaram ao lago, os quatro gurus ficam sérios, pareciam tensos, e Genésio escondeu seu boné, que dizia ser novo, um presente do pai. O boné era de uma banda de rap chamada “conecrewdiretoria” e custa em média 25 reais. Quando eles voltam para água, estávamos conversando nos bancos

²⁵ Eu havia perguntando se eles conheciam o projeto Show de Bola, que é desenvolvido na PUC, no contra turno da escola, para meninos e meninas moradores dos bairros próximos, e o Morro da Cruz é próximo a PUC.

da praça, os guris me pedem para cuidar de suas coisas. Estavam com medo de serem roubados pelos outros e quando entraram na água não se misturam com os demais que estavam no lago.

Estes meninos depois de responderem minha pergunta sobre meninos de rua, me contam que em um determinado dia, estavam os quatro na fila de um ônibus e que uma senhora disse a eles que se roubassem o coletivo ou os passageiros eles iam “perder” a mão. E Genésio disse a ela: *“que isso tia, eu não vou roubar não”*. Contou isso parecendo estar ofendido pela desconfiança da senhora. Em outro momento em que estava com alguns do Bairro Cruzeiro e Bom Jesus percebi o receio de uma senhora que estava com o neto na praça. Ela estava dando migalhas de pão para os peixes e os guris pediram um pouco de pão para ela, que dividiu com eles, mas segurou forte a mão da criança e pegou sua bolsa que estava no banco da praça. O medo, apreensão das pessoas com relação aos guris é constante, a ligação da imagem do “guri de rua” é eficiente no temor dos transeuntes do local. Eles percebem isso, incomodam-se, como neste fato que Genésio narra, ele se incomoda com a acusação da mulher, sua narração sugere até um tom de ofensa por ser visto como um ladrão.

Genésio, Jair, Lucas Eduardo e Jalison contam como conseguem dinheiro para voltar pra casa, ou comer alguma coisa. Eles dizem que quando não tem, ele “fazem” dinheiro e Genésio olha para Jalison com cumplicidade, sorrindo. E pergunto: *“como se faz” dinheiro? pedindo?* Eles dizem: *“a gente pede, mas a gente pede de outro jeito”!* Então me contam que eles têm os “tais papeizinhos”. Os papeizinhos são bilhetinhos que dizem: *“Eu estou aqui pedindo uma ajuda para minha família, meus pais e irmãos, pode ser R\$ 0,50, R\$ 1,00. R\$ 2,00, R\$ 3,00...”*. Os meninos passam no ônibus para conseguir dinheiro, me contam que teve um dia que conseguiram R\$ 99,00 e Genésio fala que se esforçou para completar os R\$ 100,00 neste dia.

Silva e Milito (1995) em *Vozes do meio fio*, apresentam uma cena em que os “papeizinhos” são distribuídos por quatro crianças em um bar da Praça Saenz Peña, no Rio de Janeiro. Uma das meninas irrita-se com os pesquisadores por não lhes dar atenção e nem dinheiro, já que havia sido ela quem lhes entregará o papelzinho. A regra desta prática, é que se dá o dinheiro para quem entregou o papel, mas Helio Silva e Claudia Milito conversam com outra menina do grupo, achando o “regulamento” da entrega do dinheiro absurda. Os autores argumentam que as pessoas têm direito a escolher a quem

dar esmolas. A prática dos “papezinhos” ou “bilhetinhos” seria o que uma educadora comenta com os pesquisadores sobre a “prestação dos serviços supérfluos” às vezes praticada com humildade e às vezes praticada com uma postura agressiva pelos garotos e garotas. Dar um dinheiro para um menino “cuidar” do carro, não significa que está dando o dinheiro porque o carro poderá ser roubado, mas sim pelo medo que a criança gera no dono do carro, isto é classificado como a comercialização do medo ²⁶e em muitos casos da pena. As crianças que estão na rua percebem o medo do outro em relação a elas, entendem que isso incomoda as pessoas, sentem a hostilidade. Como num ciclo os meninos também reproduzem os comportamentos recebidos a partir das relações de violência e hostilidade a que estão submetidos. Silva e Milito (1995) relatam que muitas vezes os “serviços supérfluos” podem estar próximo ao “assalto”, o “pedir” enquanto se ameaça o ameaçar enquanto se vende o assalto seria gradações dos avanços dessas crianças sobre os limites clássicos da infância (pag.77)

Os guris ao frisarem que a forma deles de pedir é “de outro jeito” demonstram que se percebem de uma forma diferente e que entendem que o ato de pedir está ligado a condição de pobreza, pena e marginalidade. Os meninos sabem que as pessoas os vêem como guris em situação de rua. No caso dos “papezinhos” dos guris de Alvorada o “serviço ou prática” serve para ilustrar a capacidade de agência que cada grupo tem ao utilizar este recurso, seja para sobrevivência diária na rua ,seja para “fazer dinheiro” para comprar bolachinhas recheadas, refrigerante ou a passagem de volta pra casa. Grupos de meninos e meninas que estão “soltos” pela rua são vistos pela sociedade como “de rua” ou a categoria politicamente correta eles estariam “em situação de rua”. A explicação para esta condição é de que suas famílias não os amparam e por isso estão “largados” pela cidade. O termo “morador de rua” está referenciado a pessoas que circulam pelas ruas e fazem dela seu local de existência e moradia, mesmo que temporariamente (Gehlen et tal,2008). O conceito “pessoas em situação de rua”, terminologia utilizada pelas políticas públicas atuais, observa a situacionalidade²⁷ da experiência nas ruas e também combate a estigmatização desta população, definindo-os a partir da concepção de habitar a rua como uma forma de vida possível e não através de uma falta ou carência de casa ou local de moradia fixa. Segundo Magni, (2002) e Shuch, (2007) (citadas por Gehlen e tal,2008) a classificação do “morador de rua” esta ligada a

²⁶ Sobre a comercialização do medo, ver também Neves, Delma (1983)

²⁷ Schuch, Patrice,2007 citada por Gehlen e tal,2008.

um conjunto de valores estigmatizantes que homogeniza esta população, são vistos como aquele que “não tem”, que “falta” o “morador de rua” é aquele que não tem casa, não tem trabalho e que não tem família, no caso das crianças, também não tem escola.

A atenção para os meninos de rua surge na década de 1980, devido à mobilização e conquista de direitos acionada pela Constituição de 1980 e a elaboração do Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990, que os define como “sujeitos de direitos”, a partir da crescente luta das frentes discursivas²⁸. Conforme já citei no primeiro capítulo, o fato é que a imagem do “menino de rua” ficou ligada a figura da criança pobre e em muitos casos a questão racial também “cola-se” ao estereótipo do menino de rua, já que a maioria da população pobre é negra.

No contexto desta pesquisa as “saídas” e “caminhadas” pela cidade demonstram uma busca de lazer e diversão pelos guris e gurias do laguinho, e muitos destes meninos e meninas têm família, casa, escola, e as condições básicas para viver.

Diante dos dados apresentados no decorrer da prática etnográfica questões começaram a surgir a partir das respostas e observações dos guris e gurias no laguinho. Quando estes garotos (as) entram no shopping diversas vezes são seguidos pelos seguranças e em alguns momentos são “convidados” a se retirar. Por que não podem frequentar este espaço? O que os criminaliza por frequentar regiões, locais mais “diferenciados” da cidade? Por que têm que ficar somente em seus bairros e não podem conhecer e utilizar outras formas lazer que a cidade oferece? Qual a quantidade e qualidade de praças públicas equipadas para brincar nos bairros populares de Porto Alegre e arredores? Como funcionam as piscinas públicas? Todos têm acesso? Como são as regras? Porque eles não acessam estes dispositivos? Existem políticas públicas de lazer voltadas para estes públicos?

Recentemente uma prática de lazer organizada por jovens da periferia via internet recebeu grande destaque pela mídia em todo o país, o “rolezinho”. Seria um passeio no shopping em grupo para encontrar amigos, conhecer pessoas, namorar e como eles se expressam “pegar umas novinhas” e “ver” e quem sabe “comprar” produtos de marcas conhecidas e desejadas pelos jovens. No entanto a combinação via rede social facebook levou a um shopping de São Paulo mais de 6 mil jovens, houve

²⁸ Fonseca e Cardarello, 1999 citada por Gehlen e tal, 2008.

tumulto com intervenção da polícia que foi chamada pela administração do shopping. Informações, que não se confirmaram, de que um arrastão havia acontecido no local e também de que menores de idade estariam consumindo drogas e bebidas alcoólicas. Os garotos e garotas são em sua maioria moradores de bairro pobres da cidade, negros e pardos, estudantes de escolas da rede pública e trabalhadores. A partir deste ocorrido diversas discussões foram apresentadas nos meios de comunicação sobre os motivos que levava a garotada ao shopping, e porque foram recebidos de forma hostil e violenta pelas pessoas que freqüentavam o espaço e também dos lojistas. Configurou-se claramente uma demonstração de desprezo aos garotos que foram retirados do shopping pela polícia sob vaias dos que ali estavam. Grupos de movimentos sociais entenderam que a ação do estabelecimento e da polícia teve cunho racista e discriminatório, um amplo debate foi disseminado pelas redes sociais e meios de comunicações.

Os “rolezinhos” tomaram conta de muitas cidades brasileiras e uma limitação impediu que em alguns estabelecimentos comerciais que acontecesse evento. A antropóloga Rosana Pinheiro Machado apresenta um texto em seu blog chamado etnografia do rolezinho. Em pesquisa com outra antropóloga sobre os “bondes de marca”, as pesquisadoras observam que os jovens residentes de uma comunidade popular de Porto Alegre adoravam “descer” até o shopping. Vestiam suas melhores roupas de marca para sentir-se dignos de transitar no local, assim eram “vistos como gente”. Os lojistas assustavam-se pensando que seriam roubados, os vendedores os reconheciam como “pobres” por sua forma de pagar as compras, “pobre paga sempre em dinheiro vivo”, informa o vendedor. Eles são diferenciados pelo fato de ser pobres, mesmo que comprem a loja toda. A autora atenta para o fato de que ir ao shopping para as pessoas de classes populares é um ato político, já que os jovens estão se apropriando de coisas que a sociedade está lhe negando diariamente. O “rolezinho” é uma pequena demonstração da segregação social, racial, econômica e cultural existente na sociedade brasileira.

O ato de dar um “rolê”²⁹ é uma busca de espaço de lazer para os jovens que identificam o shopping como um lugar interessante para seus encontros e trocas. Ir ao laguinho também pode configurar uma forma de busca de lazer. Porto Alegre possui a

²⁹ O termo rolê possui um significado diferente para os pixadores de São Paulo. Segundo Alexandre Barbosa Pereira (2005) utilizam esta denominação para quando saem pela cidade para fazer as pixações. Diferente de outros jovens que saem para dar um “rolê” buscando diversão em um bar da cidade.

secretaria de Esportes, Recreação e Lazer, que é responsável pelas atividades públicas de lazer na cidade e também pelos espaços que proporcionam lazer. O lazer está ligado à saúde, como um direito humano, como forma de proporcionar ao cidadão as condições necessárias para manter-se saudável e com qualidade de vida. Centros comunitários com piscinas públicas, ginásios com atividades físicas parques e praças compõem os equipamentos de lazer oferecidos pelo município de Porto Alegre. No verão, as piscinas públicas são oferecidas nos centros comunitários com aulas de natação para crianças e adolescentes. Banhos livres por meio de agendamento e oficinas de saúde estão disponíveis nestes centros. Atividades nos ginásios e circuitos de vôlei de praia durante o verão que segundo o site da secretaria são formas de democratizar o acesso aos espaços de lazer da cidade. Com tamanha oferta de locais para banho na cidade, o que leva os gurus e gurias ao laguinho?

Como educadora social de rua, observei que nestes espaços as regras eram bem demarcadas para que houvesse uma mínima organização do local, cada faixa de idade tinha um tempo específico para banho e participação nas atividades propostas pelo lugar. Fato que não ocorre no laguinho, já que podem ficar o tempo que quiserem na água, além de “caminharem” pela cidade investindo em novos conhecimentos. Em um breve levantamento que fiz sobre a quantidade de praças e parques na cidade, observei que a maioria das praças e parques estão localizadas na região central da cidade, mais ou menos 88 praças e 4 parques. A região da maioria dos gurus e gurias, Cruzeiro, Bom Jesus, Lomba do Pinheiro, vila Conceição possuem mais ou menos 30 praças e um parque, contudo não tenho informação se tais dispositivos estão em condição de uso. Apresento estas informações para pensar sobre as demandas relacionadas ao lazer para os jovens residentes nas regiões mais afastadas do centro da cidade, local pelo que parece que apresenta uma grande oferta de espaços de lazer ³⁰com grandes atrativos em seu entorno, como os shoppings, centros culturais com atividades gratuitas como a Usina do Gasômetro, Casa de Cultura Mário Quintana ou alguns museus no centro da cidade. Entendo que o tema sobre espaços de lazer para juventude é uma questão bastante ampla, porém expus apenas algumas informações que se apresentam como desdobramentos dos dados de pesquisa e exponho para reflexão do leitor e também da pesquisadora.

³⁰ Sobre o tema juventude e lazer ver Scalco e Pinheiro Machado (2010); Moura (2012) ; Marcellino (2006); Magnani (2003);Abramovay (2009)

A gurizada do laguinho que pesquisei estava buscando um lugar para se divertir, refrescando-se do calor do verão. Após as 18h30min a maioria voltava pra casa com suas sacolas e mochilas, pois, seus pais ou responsáveis estipulavam horários para estarem em casa. A organização das famílias dos guris e gurias pesquisados os coloca em um lugar diferenciado quanto ao conceito dos estereótipos para situação de rua, pois, criança “abandonada” é criança sem uma “família estruturada”. Com estas percepções os guris também entendem que não estão dentro do perfil de exclusão em que os meninos de rua se encontram.

No entanto, seus “perfis” podem não ser de meninos em situação de rua, mas ainda assim são vistos por alguns setores da sociedade como pobres, moradores de regiões estigmatizadas e de comportamento “duvidoso”. Estas características são vistas como inaceitáveis e não pertencentes a alguns locais de lazer, como por exemplo, o shopping. Um “guri de “boa” família” não toma banho em um lago de uma praça no meio da rua. O que incomoda além de suas origens e cor de pele, é que tais garotos e garotas não possuem os “corpos moldados” (Foucault, 1997) como a sociedade entende que tem que ser. Suas formas de caminhar, suas roupas, as músicas que escutam e a forma como interagem verbalmente não estão “enquadradas” no padrão admirado pela sociedade reguladora de condutas. Ocorre um estranhamento de corpos e mentes.

Porém para os guris e as gurias do laguinho suas saídas de casa não passam de um grande passeio pela cidade. Estão em busca de diversão nos espaços dos quais ouvem falar, que veem na televisão, que visitam com a escola, mas aos quais não tem acesso em seus bairros. A rua para eles é local de experiências, de vivências que a distância de suas casas não lhes proporciona. A sociabilidade desenvolvida em tal local produz encontros com novos mundos para os guris e gurias, possibilitando-lhes diferentes percepções do que é a cidade e o que ela oferece permitindo que eles escolham e desejem outros conhecimentos.

Esta experiência, das “caminhadas” pela cidade, permite o encontro da gurizada com outros núcleos de guris e gurias que não conhecem, configurando amizades e novas redes de contatos. Contudo, nestes passeios eles também fazem inimizades, brigam, disputam e defendem seus territórios. Genésio, Jair, Luis Eduardo e Jalison demonstram receio de com a chegada dos outros meninos. Eles não se conhecem, são de cidades diferentes e quando entram na água não se misturam com os outros. Neste sentido os

diversos grupos que acessam o laguinho aprendem também a lidar com as diferenças de cada um e o que se “carrega” de sua “região”.

As “caminhadas” que cada grupo faz pela cidade os faz conhecer também os códigos ou regras de determinados locais, e as conseqüências da transgressão. São jeitos, expressões físicas, modos de vestir, andar, falar que os diferencia e os coloca em níveis diferentes uns dos outros, construindo assim identidades e culturas de cada local. Classifico como já ressaltai o laguinho como “macha”. O shopping, o Parque Marinha e o fácil acesso ao centro da cidade condicionam o laguinho a ser um espaço de grande sociabilidade e também marcado pela grande possibilidade da “paquera e namoro” entre os frequentadores, já que são poucos os espaços em que tal população é aceita para este tipo de relação, fora dos dispositivos com esta finalidade como bailes e festas.

Mesmo estigmatizados por seus “perfis” a gurizada que frequenta o laguinho ao circular pelo local constrói uma rede de afetos, amizade, conhecimento e pertencimentos aos locais urbanos fora de seus territórios de habitação, exercendo assim o direito à cidade (Lefebvre,2001) traçando novos roteiros em seus percursos sensoriais, modificando os sentidos das redes usuais de lazer da cidade.

As resignificações dos espaços em que brincam, diferencia os entendimentos do que é cada lugar. A Praça Itália passa de um simples logradouro torna-se para os guris e gurias na “praça do laguinho, onde têm a piscina”, local de diversão. Os marcadores que diferenciam as crianças dos adolescentes são criados por eles, e os fazem mover-se ou “equilibrar-se” de uma situação a outra para que possam usufruir o que cada momento lhes proporciona. As fronteiras que os grupos perpassam apresentam (re) sentidos e novas formas de lidar com denominações muitas vezes impostas pela sociedade.

Capítulo 4 – Implicâncias, cuidados e afetos entre a gurizada.

Os modos de relacionamento entre as gurias e os guris no laguinho e do Quilombo do Areal inserem-se na dinâmica das brincadeiras na rua. Tal contato propicia que vivam e teçam relações de afeto e cuidado e conflito. A interação entre os grupos desenvolve-se sem a influência direta dos pais ou responsáveis. Assim, a relação entre eles é intensa. Florestan Fernandes (2004) ao explicar a formação das “trocinhas”, comenta que o contato entre as crianças com o meio social acontece com mais liberdade e intimidade pelo contato face a face. As trocinhas eram grupos infantis que se reuniam para brincar na rua em que moravam.

Nos dois espaços pesquisados a experiência de estar “distante” dos pais ou de casa propicia aos guris e gurias novos conhecimentos, de si, dos outros e do mundo. A implicância gera briga e nelas formavam-se grupos na proteção dos “parceiros”: um conflito pode ser causado por um “casinho” ou “arreganho”. Nos dois espaços os grupos de brincadeiras relacionam-se de acordo com esta lógica.

Carsten (2000) conceitua “*relatedness*” como relações conectivas não ligadas por vínculos consanguíneos, mas pela afetividade, afinidade e partilha de substancias. São laços de proximidade desenvolvidos pelo ato de cuidar, partilhar e viver junto. Ao “implicar” e estar “implicado” nas relações com o outro, os guris e gurias do laguinho e Areal desenvolvem relações de afeto que envolvem “gostar”, “namorar” e “causar”.

O que segue visa demonstrar estas relações a partir das falas e interações entre os meninos e meninas. Utilizarei alguns trabalhos acadêmicos como referência para melhor conversar com os dados encontrados em campo.

4.1- Implicando, brigando e brincando

“Um negócio que eu acho bem engraçado nas gurias é que elas brigam, brigam. Falam que nunca mais vão brincar juntas, se xingam e falam: “ai, nem vai mais lá me chamar”! E daqui a pouco elas estão grudadas uma na outra.” (...) Eu acho isso bem legal. (Laguinho (23/03/2013) - Anita-12 anos)

A forma como Jade e Biatriz se relacionam, explicada por Anita no fragmento exposto, demonstra uma flexibilidade no relacionar-se com o outro. O jeito como circulam entre o confronto e a resolução de suas brigas e implicâncias seus modos de compreensão dos conflitos e sua importância. No Areal e no laguinho a gurizada está o tempo todo “implicando” uns com os outros por brincados, por causa do que foi dito por alguém, por desenhos feitos, por desobediências a regras nas brincadeiras, por namoros...Tudo é motivo para uma discussão e uma briga. Porém a implicância com o outro se dá na mesma medida em que decidem brincar de “outra coisa”. As discussões e os conflitos são tão intensos quanto às definições de “paz” entre os envolvidos nas brigas.

Utilizarei o termo “implicar”, para fazer referência ao ato de aborrecer o outro e para as brigas e conflitos existentes nos grupos. Num outro sentido esta palavra também significa estar “implicado” em uma situação, estar envolvido, enredado, comprometido nas situações e sujeitos, portanto, às consequências de tal desarmonia. Os grupos estavam conscientemente ou não “implicados” no surgimento, desenvolvimento e resolução das interações. Namorar, brigar e cuidar decorre também das “implicâncias”. As descrições que seguem apresentam a circularidade deste termo nas relações dos gurus e gurias e também dos adultos próximos aos grupos.

Brincando entre brigas e muitas implicâncias, a gurizada se relaciona no espaço da rua. Mesmo ao lado de casa e com a mãe na porta da residência, eles aprendem a resolver suas divergências sem a proteção direta dos pais, até porque gritar pela mãe é coisa de “bebê ou criancinha”, algo nada prestigioso. As vivências na rua de casa ou na

praça do laguinho, ensina minimamente a ser auto suficiente, dentro das possibilidades de cada um. Aos poucos se emancipam e treinam na rua, voos maiores. Mais tarde poderão cuidar-se enquanto adultos, já sem a necessidade de “chamar” a mãe ou um “amigo” para lhes defender. As situações de implicâncias que pude observar nos cenários pesquisados são de dois tipos: disputas de saber e disputas de território.

- **4.1.1 Disputas de saber: *ela não escreveu nada né sôra?***

Percebi que algumas implicâncias entre a gurizada no quilombo do Areal tem como tema a escolaridade de cada um e o que cada um sabe. No laguinho esta competição não é tão forte: eles não pedem para desenhar ou quando solicitados a desenhar ou escrever poucos se habilitam. Acredito que as características do espaço e o clima de calor contribuem para isto e talvez também, a relação que tem com a escola. A escolarização não é um ingrediente das disputas. No quilombo, a escola é praticamente a segunda casa das crianças. Todos estudam e têm uma rotina muito ligada ao calendário escolar. Com frequência, grupos de escolares visitam a comunidade por tratar-se de um quilombo. Esta presença da escola não é central na fala dos guris e gurias visitantes do laguinho. Todos no Areal da Baronesa são vizinhos e também colegas de escola, por vezes até de classe. Convivem intensamente, sabem dos acontecimentos da comunidade e do entorno escolar. Disputam conhecimentos para decidir quem sabe mais: quem sabe ler e escrever mais rápido no processo de alfabetização, quem faz os melhores desenhos, quem acerta nas contas de matemática, etc. Não saber ler é para as crianças e também para os pais, um grande problema. A comunidade procura há algum tempo uma professora de alfabetização de reforço para as crianças. A preocupação é tanta que uma mãe chegou a conversar comigo para que eu desse aula de reforço escolar para sua filha. Entre as crianças a competição é acirrada. Eles adoram desenhar, escrever cartinhas e os que não sabem escrever sempre ouvem um tipo de implicância, piada e logo isto era motivo de briga.

Durante a apresentação do professor de capoeira na sede da associação de moradores, Karine me disse em tom de segredo: “*sabe que eu tenho uma colega de 13 anos?*” eu pergunto se a menina era dali. Ela diz que sim, apontando para a colega: uma menina mais alta aparentando ser mais velha. Karine na época tinha 11 anos e cursava a 5ª série. Para ela, uma menina de 13 anos deveria estar mais avançada e isso a outra

guria é motivo de comentários e fofocas. Caroline, 9 anos, escreveu um “texto” para mim. Não era um texto legível, mas riscos que foram lidos por ela. Explicava o que tinha de merenda, bolacha, série e escola. Maria Edna, mais velha que Caroline, olhou o que ela escreveu e disse: *ela não escreveu nada né sôra?* Acho que queria dizer que a vizinha não sabia escrever ainda. Respondi: mas ela me disse o que era né Caroline? Ela concordou timidamente

- **4.1.2 Disputas de território: “Cada um no seu quadrado”.**

As implicações mais fortes e visíveis nos dois espaços pesquisados dizem respeito a disputas de território, dentro d’água no laguinho ou no “pátio” do Areal. Nestas situações surgem também disputas de gênero: gurias e guris enfrentam-se o tempo inteiro, num jogo acirrado por reconhecimento.

No lago, dependendo do grupo, “lados” eram formados dentro d’água e fora também. Os guris e gurias chegam, jogam-se na água, conversam minimamente, brincam, e depois cada um vai embora para sua casa e seu bairro. Alguns vão acompanhados, outros sozinhos, mas existe sempre uma aproximação cuidadosa em que se observa quem está no local. As gurias, raramente chegam sozinhas na praça, suas presenças são minoritárias, predominando um grande número de guris. Por isso observa-se um “poder” maior dos guris sobre o “estar” no espaço. As meninas entram no lago, sozinhas ou em grupos, brincam pouco e logo saem. Elas brincam de afogamento, mas somente entre elas. Conversam somente em seu grupo, não se misturando aos meninos, que por sua vez espalham-se pelo lago demonstrando pleno domínio do território.

A brincadeira predileta dos guris é afogar as gurias, que ficam com medo e não entram na água, ou só entram depois deles saírem. Têm gurias mais “corajosas” que entram no laguinho, mas ficam distantes dos guris. Num dia de muito calor, enquanto estava eu sentada na grama assistindo os guris brincarem na água, vi a brincadeira de “afogar”. Era um grupo de guris com algumas gurias que estavam próximas deles. Eles iam para cima delas tentando afoga-las. Em alguns momentos a brincadeira fica tensa, pois eles são vários, indo para cima de uma menina ou duas e as encurralam no muro do lago. As gurias gritam, choram, xingam os meninos, mas não saem do lago, mesmo

depois que os guris as deixam livres. Eles caminham devagar em direção a elas e elas caminham de costas em direção ao muro, gritando e esbravejando com eles. Em um momento, Jade, que estava fora do lago com Gisele, intervém na briga dizendo: “*vamo, pará com esses arreganho ai, deixa a guria ai*”. Os meninos afastam-se, mas em seguida tudo começa novamente: uma das meninas começa a chorar, dizendo que tem asma e a outra a consola. Os meninos investem nesta brincadeira até as meninas saírem da água.

Jade tem bastante medo dos guris no lago. Presencio uma conversa entre ela e Gisele que a convida para entrar na água. Com receio ela diz que vai entrar, pois, os guris que ameaçam estão no shopping, mas diz que está com medo deles. A presença de meninas no lago é escassa. Gisele, Jade, Biatriz e Anita, comentam que as gurias não entram no lago porque tem nojo da água e medo dos guris. Os guris quando questionados sobre a pouca presença feminina ali, mencionam o nojo, e também acham que elas têm medo deles, pois, querem afogá-las.

Entre os guris também acontece disputas. Ao chegar ao lago, eles observam quem está na praça e na água. Ficam em locais diferentes dentro d’água ou na praça, distantes de quem não conhecem ou de quem não querem ou não podem estar perto³¹. Num dia, Felício Sereno, 12 anos, e Iago Vinícius, 12 anos, estavam em grupos diferentes no espaço. Felício e Iago se conhecem, eu já os tinha visto juntos. Eles moram na mesma região, mas em vilas diferentes. Felício estava junto de guris mais velhos, entre 14 e 16 anos e um deles me reconheceu e comentou que já tinha me visto na vila. Lembrei-me do menino, que era, ou é um dos guris que ficam de “biqueiros³²” na entrada da boca de fumo de uma das vilas da região Cruzeiro. Neste mesmo dia presencio uma briga da turma de Felício com a turma de Iago, que estava acompanhado por Julio, eles estão do lado da pontezinha da praça, dentro do lago. Neste momento chega ao local uma moça com três crianças. Ela diz que é a primeira vez que está ali, que sabe do lago pelas crianças e que conhece quem vai ali tomar banho. Suas crianças

³¹ Não observei o confronto no lago, mas sei da existência de grupos rivais entre bairros e vilas, o que explica também suas posturas discretas ao chegar na Praça.

³² Biqueiro, é aquele que fica na entrada da vila, avisando quem esta chegando, caso a polícia se aproxime ele grita: “chuva” dando tempo para que todos na boca de fumo fujam.

entram no lago na parte próxima da ponte, são duas meninas e um menino. O menino logo entra no lago, as meninas ainda tímidas ficam algum tempo na beira d'água.

Os meninos iniciam uma discussão com os guris que estão na parte central do lago. É a turma de Felício, que está com Guilhermino³³ e outros guris, todos do bairro Cruzeiro. Os meninos grandes já tinham ido embora. A mãe das crianças grita com os meninos do centro por causa de uma pedra que jogaram e a discussão está formada: são gritos e xingamentos por todos os lados. Os guris do centro já estão fora da água. Os meninos localizados parte da ponte, ainda estão dentro d'água. Em alguns minutos saem da água e continuam a brigar e discutir com os outros. A moça que estava com as crianças ordena que saiam da água e vão embora dizendo que não dá para se misturar com “aqueles guris”.

Iago e Julio chamam os meninos para “resolver” o assunto. Em tom de briga, seguem em direção á turma de Felício. Um dos guris que estava no lado central do lago diz (gritando) para os meninos do lado da ponte: “*Vem aqui amanhã às seis, então!*”. São seis meninos da turma de Felício e quatro da turma de Iago. Percebo que Guilhermino não quis entrar na briga, senta-se em um dos bancos e fica esperando os guris terminarem o assunto. Os guris, agora, cara a cara, enfrentam-se , empurram-se , mas vão saindo do espaço da praça e indo cada vez mais para o meio da rua, em direção a avenida Praia de Bellas. Empurram-se várias vezes, mas não se batem, não vejo socos e nem tapas, só gritos. Terminada a discussão, a turma de Iago volta, e pergunto a Julio: “*e ai, se resolveram*”? Ele diz: “*Resolvemo! Eles são muito saidinho*”! Logo após, Felício e um amigo, voltam à praça e todos que estavam com ele tinham ido embora. Guilhermino não retorna, Felício e seu amigo conversam com os lavadores de carros da rua, longe de Iago e Julio.

A divisão de espaços seja entre os guris ou entre eles e as gurias ou até mesmo com os animais do lago, tartarugas e peixes é diariamente atualizada e demarcada. “Cada um no seu quadrado”, expressão de uma música muito conhecida pela gurizada, é colocada em prática por eles. No quilombo, percebo que tem dias em que os guris não

³³ Guilhermino é um menino que conhecia também do trabalho como educadora de rua. O encontrei apenas nesta ocasião no laguinho.

se aproximam das gurias ou vice-versa. Em um fim de tarde quando estava indo embora, depois de passar algumas horas com as gurias e mínima aproximação dos guris, passei por eles, que estavam sentados em círculo e conversando. Tinham desenhado um campo de futebol na calçada. Perguntei o que faziam e responderam que estavam brincando. Indaguei onde estava a bola e contaram que alguém tinha sumido com a bola, um menino do grupo deles pelo que entendi. Também perguntei por que não estavam com as meninas naquele dia, duas meninas se aproximam neste momento do grupo, e os guris respondem: “*porque não somos meninas*”. Ou seja, guris brincam com gurias e gurias brincam com gurias!

Nos grupos infantis ou trocinhas de Florestan Fernandes (2004) também existia a separação entre guris e gurias. A separação por sexo dava-se no início da puberdade. Normalmente as crianças de sexo masculino iniciavam a separação por gênero influenciado pelos integrantes mais velhos do grupo. Há entre os meninos uma consciência grupal viva e consistente expressa pelo “nós” coletivo e pela expressão “troça”, nome pelo qual designam o grupo. As meninas não chegam a dar tanta importância ao “drama coletivo” que os meninos vivem.

Nessa fase, em que procura aproximar-se sempre e somente dos indivíduos do próprio sexo, da mesma idade ou mais velhos, a criança fica muito mais zelosa do seu sexo, valor e relações que os próprios adultos. Como os contatos com os membros mais antigos do grupo valem como uma iniciação à malícia, a diferenciação dos grupos por sexos torna-se ainda mais extrema, não sendo absolutamente permitido meninas nos grupos de meninos ou vice-versa. As relações inter grupais se definem em torno dos indivíduos do mesmo sexo e as relações que qualquer membro do grupo mantenha com pessoas de sexo diferente e da mesma idade, mais ou menos, são encaradas como coisas puramente individuais ou de conquista (namoro, por exemplo) (Fernandes, 2004, p.236,)

Como já comentei as brincadeiras geralmente são divididas entre guris e gurias, ocorrendo sempre uma competição. Na brincadeira de pega-pega³⁴ que segundo Pilar é uma brincadeira de corrente, eles dividem-se em dois grupos de 10 guris e 10 gurias. Ao conseguir pegar o outro, devem ficar segurando quem foi pego pela mão, um guri pega uma guria, uma guria pega um guri. Ao fim todos ficam “presos” na corrente sobrando apenas um, cujo—_sexo, define o grupo vencedor. O detalhe desta brincadeira é que

³⁴ A brincadeira de pega-pega possui vários tipos, de acordo com a gurizada do Areal: Pega-pega manteiga, pega-pega novela, pega-pega corrente.

“vale máquina”, ou seja, que são três soquinhos no braço. Os guris utilizam muito “a máquina” - eu mesma recebi a “máquina” de Rogério. Karine diz, que os guris são chatos, incomodam, quando brincam de esconde-esconde dão “maquina” bem forte. A menina conta, em tom de reclamação que os guris já deixaram o braço de Emilia roxo. “Máquina” é algo recorrente nas brincadeiras. Quando pergunto se elas não batem neles também, ela diz que não, porque eles batem muito forte. Parecem ter medo dos guris, embora eu perceba que elas comandam muito as brincadeiras. Observo uma “voz feminina” bastante forte, como por exemplo, a irmã de Rogério, Eliane, de 13 anos durante uma aula de capoeira, organiza e manda os guris se comportarem, sendo obedecida imediatamente. O olhar de Eliane para determinados guris, parece um ultimato e os faz ficarem quietos. A menina não deixa ninguém falar mais alto do que ela. Tem uma postura de liderança que é seguida com um olhar atento das gurias mais novas.

Porém, com algumas gurias, os guris são mais violentos. Karine relata que deu um soco na boca de Patrício, “sem querer”, porque ele deu um soco nela. As brigas são constantes entre eles de disputas de espaço nas brincadeiras. Na Praça Itália, a presença dos pais ou responsáveis é quase inexistente tornando a intensidade da briga mais forte entre a gurizada, porém no laguinho, raramente as brigas tem continuidade. Já que muitos não frequentam regularmente o local o que dificulta o reencontro. Contudo no Areal, as brigas iniciadas ou continuadas na rua, alimentam-se pela relação de vizinhança e coleguismo. As brigas parecem ter um fluxo, rua-casa-escola e uma circularidade entre estes espaços. A implicância é contínua, chegando influenciar até mesmo as relações entre os adultos. Assisti algumas brigas entre os moradores e que foram iniciadas pelos conflitos entre as crianças na rua. Nessas ocasiões, vassouradas e gritos entre os adultos pais são presenciados por todos na rua. O que não impede que horas depois ou no dia seguinte, as crianças estejam novamente brincando na rua junta e convivendo normalmente. A forma de lidar com as divergências demonstra a complexidade do entendimento sobre os conflitos e sua “implicação” nas brigas que acontecem ali.

4.2- Cuidando: “não fale com estranhos”

Os guris e gurias desta pesquisa, conforme já comentei demonstravam algumas formas de proteção entre eles e com o grupo, configurando formas de cuidado. Cuidar³⁵ pode ser entendido como o ato de proteger, garantir condições de sobrevivência material e afetiva a um ser humano. No caso das crianças, a necessidade de cuidado é relevante, pois culturalmente a criança é vista como um ser em crescimento que necessita de atenção redobrada. Neste sentido, no contexto desta pesquisa, observei formas de cuidado e proteção praticadas entre as crianças no espaço da rua.

Cuidar possui distintos significados e remete a uma diversidade de práticas cotidianas. As redes originadas destas práticas circulam entre ato de cuidar e ser cuidado³⁶. As crianças desta pesquisa cuidam-se e são cuidadas. Mesmo que na comunidade do Areal todos estejam de “olho” nas crianças, entre os grupos infantis se constitui relações de reciprocidade a partir do cuidar. Defender um amigo em uma briga ou acompanhar o outro até o supermercado para que não ande sozinho, pode significar que no futuro tais “favores” sejam trocados. Conforme Fernandes (2011) “cuidar se constitui em um eixo crucial na transformação das relações”. Neste sentido de transformação e fortalecimento de redes é que compreendo o cuidar entre as crianças que pesquisei.

No Areal elas contam com o cuidado vigilante da comunidade. Os pais contam com o “olhar atento” dos vizinhos no cuidado com os filhos. Todos “olham” as crianças de todos. A comunidade do quilombo do Areal possui mais ou menos setenta moradores, que deixam as portas de suas casas abertas e a gurizada entra e sai. Todos sabem onde e com quem uma criança está. Em diversas pesquisas com classes populares aparece o “cuidar” ampliado para além do olhar dos pais ou responsáveis, estendendo-se para comunidade também. Como expressa Fernandes (2011, p. 35)

Logo, enquanto categoria êmica e extremamente polissêmica, “dar atenção”, “ficar com”, “olhar”, “criar”, o cuidar atravessam a

³⁵ Sobre o tema ver VIANNA, 2001; 2002; WEBER, 2005. 2006 ; ZELIZER, 2005, 2009.

³⁶ Ver Borneman (1997) sobre filiação voluntária e o ato de cuidar e ser cuidado.

experiência vivida, diariamente. Nesse sentido, a provisão de cuidados envolve um conjunto de casas, pessoas e objetos através dos quais as relações de parentesco, vizinhança e amizade adquirem sentido, entre estes o cuidado se realiza. Por este motivo, é neste raio de interesses que vamos nos deter.

Na rua do Areal, a gurizada, cuida para não andar ou estar sozinho nos trajetos por onde geralmente “poderiam” circular. As crianças do beco não ficam de noite na rua de acordo com Maria Edna, no beco tem “tarado”. Ela mora no Areal, mas vai ao Beco brincar com as crianças de lá. Ela comenta que prefere brincar no beco de dia e na “Guaranha” de noite. Ao dissertar sobre os cuidados com as crianças entre famílias do Morro do Palácio no RJ, Camila Fernandes (2011) também volta sua atenção para as “caminhadas” das crianças nos espaços públicos. Diz-se que as crianças desta comunidade têm bastante “liberdade”, o que corresponde ao fato deles andarem pelas ruas sozinhas, cuidarem dos irmãos e fazerem compras. O trajeto para escola, para creche, de volta para casa ou dentro da comunidade é feito pelas crianças sem a companhia dos adultos. As crianças andam acompanhadas de outras crianças.

O gregário se realiza na companhia de outros, ameniza o peso emocional do andar sozinho e fortalece o sentimento de segurança entre as mesmas. Em geral, o caminhar se faz junto, ou seja, entre crianças. (2011, p. 72.)

Conforme a autora, as crianças maiores responsabilizam-se pelo grupo. Ao atravessar a rua, estão atentos aos carros, repreendendo os mais “engraçadinhos” que correm na frente dos automóveis. Os xingamentos são formas de chamar atenção dos que atravessam sem cuidado. Enquanto caminham, relembram feitos vividos nos locais por onde passam diariamente, cantam músicas e divertem-se durante os trajetos. As meninas contam para a antropóloga de “tarados” que ficam mexendo com elas.

No laguinho, nem todos que se aproximam uns dos outros, mesmo quando são da mesma idade ou são bem recebidos pelos que estão no espaço. Existe uma desconfiança inicial de todos desconhecidos que se aproximam. A distância de casa e a pouca presença de pessoas confiáveis no espaço parece lhes impor estas posturas. Por mais que sejam numerosos, aproximar-se com zelo do espaço e desconfiar dos que chegam garante maior segurança ao grupo. Também é ativa, a busca por locais “protetivos” na rua. O laguinho talvez seja um lugar em que estão mais protegidos do que em outros espaços públicos da cidade. Diferente do parque da Redenção ou do

Gasômetro³⁷, os guardas não os expulsam da água e do lugar. No Laguinho não existe uso e nem venda de drogas frequente no local, nem adultos em situação de rua residentes no espaço, a comercialização do sexo também é inexistente ali. Na redenção e gasômetro a presença da situação de rua adulta é constante, assim como uso e comércio de drogas além da presença de profissionais do sexo nestes lugares. Tais condições acionam uma maior “atenção” por parte da polícia, gerando uma maior repressão em tais locais.

Silva e Milito (1995) ao falar sobre os territórios transitados pelos meninos e meninas de rua do Rio de Janeiro, relatam que a ocupação dos espaços públicos seria moldada pela forma como as pessoas se relacionam com determinado local e o sentido do espaço para elas. Assim são traçadas as relações sociais entre os frequentadores do lugar. Existem acordos locais para a garantia da “paz”. No laguinho, o acordo é brincar, aproveitar o espaço nos dias de calor, evitando conflitos que lhes impeçam de voltar ao lugar. Já que o “espaço” não os expulsa, com ações de repressão por parte do poder público, os guris e gurias procuram também não colocarem-se em risco. Brigas e tumultos transformariam tal espaço em um lugar perigoso para eles. Nesta lógica podemos compreender a “recepção desconfiada” dos guris e gurias que estão no lago como uma forma de cuidado, para preservação de sua segurança e do grupo. Eles obedecem às ordens que talvez ouçam em algum momento ao sair pra rua: “não fale, ou aceite nada de estranhos” além de conhecerem e observarem os comportamentos dos que utilizam o lugar, respeitando as regras locais.

Outro jeito de cuidar, observado especificamente no laguinho diz respeito ao compartilhamento de alimentos. Eles e elas vão ao supermercado do shopping e compram refrigerantes e bolachinhas recheadas. Sentavam-se na praça e todos comem juntos. Atrás do shopping está localizado os fundos do supermercado, onde fica o depósito do local. Neste espaço, muitos produtos, doces, salgados, com a data de vencimento já expirada são depositados. Um dia observei que Jade e Patrícia, sua irmã mais velha e alguns guris e rapazes, estavam entretidos com alguma coisa e Patrícia, dirigiu-se a Dona Natali, levando potes de iogurtes. A moça guardou os produtos para sua filha, Mc Beyonce de dois anos, que estava dormindo. Abriu um iogurte e saiu

³⁷ Parque Farroupilha ou redenção e Usina do Gasômetro são locais de lazer em Porto Alegre. Com alguns lagos artificiais, chafariz e o lago Guaíba na sina do gasômetro. Estes locais são pontos de visita das crianças que circulam no espaço da rua, seja como situação de rua ou passeio.

comendo. Comenta que o rapaz que cuida dos carros, pulou a cerca e pegou os iogurtes. Novamente pulam para pegar mais coisas, desta vez são os guris que pulam juntamente com Jade que parece orientá-los. Os meninos são ágeis, pulam em bando, correm rapidamente e pegam um saco enorme com muitos empanados, massa de preparo para pão de queijo, bolos, hambúrgueres para micro ondas e mais iogurtes. Dividem tudo entre si. Brigam, mas dividem. Oferecem-me iogurtes e empanados várias vezes. Em poucos minutos a praça fica tomada pelos potes de iogurte consumidos.

Os seguranças do shopping não apareceram para impedir a “ação”. Patrícia comenta que eles sabiam e que pareciam “concordar” não abordando os frequentadores da praça. Entre o grupo, ninguém fala do ato de “pegar” as comidas, do pular a cerca do depósito e “pegar” os produtos. Havia entre eles uma cumplicidade sobre quem fez a façanha. Ninguém se arrisca a “falar” quem pulou, pois, talvez não pudesse mais frequentar o lago, já que teria se “queimado” com os outros do grupo. Mesmo que a frequência no local não seja regular eles se encontram também fora dali, em bailes funk ou em outros locais da cidade. O laguinho é também uma local de construção de redes de amizade e é interessante para todos manterem as relações sem conflitos. No espaço de pesquisa com moradores em situação de rua em Pelotas, Lemões (2012) observa as desconfianças que seus pesquisados manifestam quando interrogados. O silêncio seria um bem precioso para a manutenção das relações com os grupos de convivência na rua. Delatar alguém significa um corte permanente das relações com o grupo. No caso do laguinho, todos viram quem pulou ninguém comenta se entendem o “ato de pular” e “pegar” as coisas como roubo.



Comida no Laguinho

Figura 12 - comida no laguinho - Fonte: Acervo Milena Cassal.

Entendo que partilhar a comida entre todos, comer e também dividi-la com os peixes, além de poderem ser vistas como práticas de cuidado com o grupo é também modo de fortalecimento de vínculos. O momento de comer juntos em um local onde estão se divertindo faz parte do lazer que ali estão vivenciando: a hora do lanche. Come-se com as mãos, sem nenhum pudor ou regramento. Todos experimentam juntos os bolos e os salgados que podem ser consumidos frios. Não há formalização de regras de comportamento nestas ocasiões e as risadas e gargalhadas tornam esta hora parte de uma brincadeira divertida. Lemões (2009) em sua pesquisa de campo com moradores de rua e entidades religiosas que fazem doações de comida a esta população, explica que a comensalidade permite ler a sociedade, possibilitando analisar as relações sociais e aprender os complexos mecanismos de interação em situações de alteridade entre grupos distintos. O autor explica que partilhar_ demonstra alguns valores que se estruturam a partir da casa. Concordando com ele, entendo que a reciprocidade e a partilha entre os “iguais” são elementos importantes na sociabilidade no laguinho.

As crianças no laguinho ao partilhar a comida, aprendem a lição de cuidado com as suas redes, dividem não somente um bolo, mas a sensação de viver algo diferente de seu cotidiano. Entre pares experimentam estar na rua sem a presença de adultos que lhes façam comer ou preparem o lanche, por exemplo. No quilombo do Areal esta sociabilidade corresponde aos dias de festa. Lá, a fumaça dos churrascos espalha-se pela rua e os pais e responsáveis coordenam a partilha dos alimentos. A “liberdade” conforme se refere Fernandes (2011) possibilita ao grupo do laguinho cuidarem-se uns aos outros, já que estão nos espaços vivenciando novas situações entre si e buscando resolver dificuldades sem auxílio dos adultos.

4.3- Gostar, causar e ficar: “Arreganhos” na rua!

O assunto “namoro” surgiu nas conversas com os guris e gurias conforme eu percebia uma paquera, uma fala explicando quem era namorado de quem, ou uma negociação para que um guri ficasse com uma guria, ou vice versa. Um dia notei que Jade falava com Gisele para “ficar” com um guri que estava ali na praça. O pedido não foi aceito, pois a guria disse que não iria “dar confiança” para aqueles “guris de rua”. A pergunta “você é criança ou adolescente?” Geralmente era seguida da questão “criança

pode namorar?” As respostas dão dadas entre sorrisos envergonhados e gargalhadas. O namoro para os guris e gurias divide-se em “gostar” e “ficar”.

Com frequência vemos adultos suporem que as crianças não entendem e não pensam em namoros ou não tem noções do que seja sexo. No entanto o tema esteja nas conversas entre adultos e sobre as crianças: o menino vai ser namorado, a menina só casará depois dos 30 anos, os irmãos mais velhos “cuidarão” das irmãs mais novas... Ou comentários do tipo: na escolinha o fulaninho já tem uma namoradinha; o famoso “pisca o olho pra titia, faz olhinho de namoro”! Tais crianças não estão indiferentes aos seus contextos, escutam, falam, reproduzem comportamentos e sentimentos que observam dos mais velhos, sejam adultos ou crianças. As crianças estão na sociedade! Somando a isso as crianças ainda lidam com seus desejos e estímulos sexuais, com suas descobertas do próprio corpo ajudando a pensar sobre as relações que trocam.

Lucas Eduardo, Jalison, Genésio e Jair, os guris de Alvorada, contam que vão ao baile funk. Pergunto se as mães autorizam e eles dizem que é tranquilo. Os guris comentam que estão indo para casa comer algo, tomar banho, pra depois, ir pro baile “pegar” umas gurias. Então falo: *“ah! vocês namoram, então criança namora?”* “Claro!” (todos dizem) Então contam sobre as meninas com quem “ficam”. Lucas Eduardo conta que na noite anterior eles teriam encontrado 3 gurias. Mais tarde teriam encontrado outras 4 meninas, mas nada aconteceu. Quando os outros tinham ido embora, Lucas Eduardo conta que ele ficou com uma delas: *“bah, os guris não acreditam”, tá brabo*(referindo-se aos primos) *porque só te deram “selinho” e queriam “beijo de língua”*.

Biatríz, Jade e Anita revelam que já beijaram. Quando pergunto se criança namora. Jade diz: *“ela (aponta para Bianca) já namorou”*. Eu falo: *Pré adolescente já namora? e beija na boca?* E Biatríz diz: *“namoro, beijo”*. Pergunto quem já tinha beijado ali e Anita apontando para Biatríz e Jade, fala: *“Ela e ela”*, Biatríz confirma dizendo: *eu!* E fala que Jade beijou em vários lugares – *“Beijou, lá perto do bebedouro, beijou lá no marinha, beijou ali. Beijou um monte de vez ali, e mais pra lá”*. O Pablo, ainda. E Anita comenta: *é, te falei que eles estavam com casinho*. Jade confirma o “casinho”: *“a gente tava, mas ele é muito chato. Caminha todo torto”*.

O “casinho” de Jade e Pablo durou pouco. Ela jogou o celular do menino dentro do lago, em uma briga entre todos os que estavam na praça naquele dia. O tempo do

ficar, do namorar parece ser rápido e determinar o status da relação. Para Jade, ficar é um beijo e namorar é uns 3, 4, 5 dias juntos. Para Biatriz, namorar é uns 2 anos e sair por ai de mão dada, ficar é beijar de língua. Para Anita, ficar é só selinho e beijo de língua é namorar. Em outro encontro com Anita pergunto se ela está namorando agora, num tom de voz encabulado ela declara: “*eu separei*”! Pergunto então quanto tempo ela namorou: ela diz: “*Aaaa nem sei... uns dois domingos*”! Neste momento Pablo pergunta como foi o namoro, se o cara chegou nela. Anita diz que sim, que morreu de vergonha. Que ele foi duas vezes ao lugar onde se conheceram, e foi falar com ela. Eu pergunto, e “*tu beijou ele?* Ela diz: “*na bochecha; eu não posso beijar na boca!*”“.

Gisele é mais tímida em relação a este assunto, consegui conversar com ela sobre isso somente uma vez. Ela diz gostar de Pablo, mas o garoto é bem disputado na praça. Jade, amiga de Gisele já ficou com ele e Anita também estava “paquerando” o rapaz. Gisele me conta que ficou com Pablo. Comento que ele ficava com Jade e ela diz que sabe disso. Pergunto se Jade não ficou chateada com ela. Diz que não, que foi ela quem pediu para Jade ficar com ele. Jade havia dito para ela, que achava ele bonito e pediu para falar com ele. Ela narra o fato com muita calma e sem vergonha, eu pergunto se ela não ficou chateada com isso. Ela diz que não: “*a gente pega e não se apega*”. Diz que ficar é só beijo na boca, “*dá um beijinho e deu*”. Quando pergunto o que era quando transava ela diz séria me olhando: “*a gente não pensa nisso ainda*”. Atualmente, Gisele conforme seu perfil no facebook, está num relacionamento sério e demonstra-se bem apaixonada, postando declarações para o namorado.

No caso de Caroline, o sentimento ainda é inocente, não existe ainda um contato entre os dois que configure uma relação dita amorosa, até porque o menino não gosta de ficar perto de Caroline. A partir da pergunta sobre a existência de brincadeiras de meninos e de meninas, tanto no Areal quanto no Laguinho, eles entenderam que eu perguntava sobre um tipo de brincadeira em conjunto. Os dois grupos citaram a brincadeira da garrafa como uma brincadeira de guri e de guria. O intuito da pergunta era explorar se as brincadeiras são separadas por sexo, mas eles entenderam o contrário. Parece então uma obviedade para eles que existam brincadeiras separadas. Na maioria das brincadeiras ditas prediletas, existe divisão entre guris e gurias: por exemplo, espião e pega-pega corrente, em que é necessário o mesmo número de guris e gurias.

A brincadeira segundo eles “para guris e gurias” está relacionada ao tema do namoro: é a brincadeira da garrafa. Segundo Karine brincam disto escondido dos pais ou responsáveis, na madrugada. O grupo do Areal (Rogério, Pilar, Karine e Emilia) me explicou o funcionamento da brincadeira, falando baixo e rindo muito. Junior, no laguinho, também comenta a brincadeira entre risos. A brincadeira narrada por Rogério, no quilombo, funciona da seguinte maneira: pega-se uma garrafa vazia, os guris e as gurias formam uma roda, um menino ou menina gira a garrafa e o bico da garrafa vai ficar na direção de uma menina ou menino. Quem girou a garrafa, pergunta para a pessoa “escolhida” pela garrafa: “Barco, Sinaleira, Consequência, Verdade ou Ilha”? Se escolher sinaleira, a garrafa será girada novamente para definir as cores. Vermelho representa beijo de língua, verde selinho e amarelo beijo na bochecha. O menino ou a menina que escolheu a opção sinaleira escolherá uma das cores. Caso a outra pessoa não aceite pode sair do jogo, mas terá que pagar uma “prenda”³⁸. As outras alternativas – barco, consequência, verdade ou ilha - não foram explicadas. A grande “emoção” da brincadeira parece estar em dizer sinaleira e escolher o tipo de beijo.

Karine fala que brincam bastante de jogo da garrafa e que na casa da praia de Emilia brincaram depois que sua tia dormiu. Julio, no laguinho, explica de uma forma mais simples a brincadeira de guri e de guria, ele diz: “*gira a garrafa, se cair em ti, tem que dar um selinho num guri*”, ou se ela “*arrodear*” e parar num guri tem que beijar o guri. Eu falo em tom surpreso: beija na boca dela? Tu não tem nojo? O menino diz que não, que já beijou uma menina, a Estela, que mora na sua rua. Pergunto se ele gostava dela, ele diz que não, que agora gosta da Jenifer, que também é sua vizinha de rua. Questiono se ele beijou Jenifer no jogo da garrafa ou foi um beijo de verdade e Julio diz: “*Foi um beijo de verdade*”! Julio conta que não deixa suas irmãs brincarem de jogo da garrafa e que se o fizerem ele vai brigar com elas e com os meninos, diz que “defende” as irmãs.

Quando eu explico novamente a pergunta se existe brincadeira que só guria brinca ou que só guri brinca, Julio responde que menino também pode brincar de boneco, e que se as gurias quiserem elas podem brincar de carrinho. No entanto quando questionado se ele brinca de boneca ou de casinha, ele responde enfaticamente que não brinca, porque não gosta, a não ser que tenha gurias pra ele beijar.

³⁸ Prenda seria fazer alguma coisa que seja engraçado, imitar algum bicho, dançar.

As crianças da ilha de Itaparica na Bahia brincam de “osadia”, uma brincadeira erótica que mostram as linguagens e práticas entre meninos e meninas do local. Os gurus tentam baixar à roupa das meninas, quando estão no mar tocam-se denominando assim, a menina desce e a menina assanhada, assim como o menino que está o tempo todo brincando com as meninas pode ser visto como “viado” ou também positivamente para os pais, amigos e comunidade ele pode ser considerado másculo, reforçando assim sua masculinidade. Os jogos sexuais, as brincadeiras de “osadia” reforçam as representações de gênero. A brincadeira da garrafa com as opções de “sinaleira” também pode ser considerada uma das formas como os gurus e gurias fazem o gênero. A brincadeira sendo somente realizada entre gurus e gurias, e não cogitada entre gurias ou gurus pode ser vista como um exercício de heteronormatividade.

Em março de 2013 conversei uma única vez com Brenda, 13 anos, Leonardo, 13 anos e Tito de 10 anos residentes do bairro Bom Jesus. Tito é irmão de Brenda e estavam no laguinho pela primeira vez. Quando falamos sobre namoro, Leonardo diz que tem uma namorada na escola. Pergunto se é namorada de beijar na boca e ele sorri confirmando. Tito diz que beijar na boca é nojento “*que passa guspe um para o outro*”, Leonardo fala que o amigo diz isso por não saber beijar direito.

O beijo do ficar é o grande “alvo” dos gurus e gurias. No tempo de suas descobertas, beijar é o primeiro passo nas relações amorosas e sexuais. Beijar, no entanto não define uma relação com compromissos ou obrigações, o “imediatismo” é o mais atrativo no ato, fica-se hoje, amanhã não mais. Pode-se ficar ou beijar várias pessoas, em diversos lugares ou no mesmo lugar, não necessariamente haverá obrigação de fidelidade com a pessoa com quem se está ficando ou que ficou. Na dissertação “Namoro e Violência: um estudo sobre amor, namoro e violência entre jovens de grupos populares e camadas médias” Fernanda Sardelich Nascimento (2009), observa que o ficar aparece nos depoimentos das populações estudadas como ausência, uma vez que essa relação é marcada socialmente pela falta de compromisso, responsabilidade, fidelidade, vínculo, regularidade de encontros. É associado ao momento, à paixão, à atração, ao desejo sexual, que tem como principal objetivo a busca de prazer (Nascimento, 2009, p. 77).

Maria Isabel Mendes de Almeida (2006) em seu artigo “Zoar e ficar: novos termos da sociabilidade jovem” apresenta o ficar como reconfiguração no modo de se

relacionar afetivamente entre os jovens, como lócus de novas performances afetivas. O beijo é uma manifestação emblemática:

Nos regimes que compõem as novas semióticas afetivas em torno do “ficar”, o beijo assume a condições de performance, de intransitividade, fisicalidade, arma corporal, descarga rápida da emoção. (2006, p.150)

Nas conversas sobre namoro a frase mais frequente é: “eu gosto dele”. Geralmente esta afirmação é feita pelas gurias mais do que pelos guris. Caroline de 9 anos, Biatrix de 14 anos e Gisele de 16 anos afirmam “gostar” de alguém. Descrevo a cena seguinte para ilustrar tal “sentimento”. Na rua do quilombo desenhávamos enquanto as crianças estavam brincando. Era noite, e em um dado momento, Carlos, um menino com traços indígenas de 8 anos e Manoel também de 8 anos, branco, aproximam-se de nós. As meninas começam a comentar que Caroline falou que gosta de Carlos, ela não nega e muda seu comportamento perto de Carlos. Ele estava com um celular na mão e Caroline pediu para ver. Ele não deixou e saiu de perto dela. Todas as meninas que estavam ali, falaram: “olha a Caroline. Tem que ver os papos dela pra cima do Carlos”. Eu fico observando, ela chamar a atenção do guri, até que ela olha pra mim e diz: “Eu gosto dele”. Ela o chama várias vezes, balança o corpo e sorri. O menino não dá atenção para ela. Neste dia os guris e as gurias estão bem divididos, cada um brincando em um canto da rua. Quando pergunto porque não estão brincando com as gurias eles respondem: “*porque não somos meninas*”. Neste momento dois meninos começam uma briga. Um deles diz ao outro: “*tu quer namorar elas*”. Eu não entendi porque disseram isso, não entendi o contexto, mas foi interessante perceber que os meninos e as meninas têm, em alguns momentos, ojeriza um ao outro ou procuram seus pares por pura implicância.

Pilar e Karine, no quilombo, entre risadas e puxões contam sobre o sentimento de Karine por Samuel, o guarda do conselho que fica em frente da comunidade. A menina chama atenção de Pilar, que rindo muito, fala que a amiga gosta do rapaz desde os sete anos de idade, que ele tem 24 anos e que isso seria pedofilia. O assunto surge, porque o moço chega ao conselho de carro e algumas gurias que estão na rua, fazem sinal para Karine, que fica bem encabulada. Pilar continua: “*ele deu um beijão nela sora.*”. Karine, diz que é mentira, e Pilar rindo muito fala: “*ele fez tcheco-tcheco com*

ela". Karine continua pedindo para a vizinha parar de falar e falar baixo, Rogério que esta por perto, grita: "*ela ama o Samuel*", deixando Karine ainda mais envergonhada. Pergunto se ela gosta do moço do carro, e ela diz: "*gosto, sora!*", *antes eu gostava, agora não gosto mais; é um guardinha tri bonito, que que tem? Antes eu gostava dele, mas agora não gosto mais*". Pilar ainda fala: "*ela fez tcheco-tcheco com ele*" e Karine entre gargalhadas diz: "*Ai, Pilar, isso não é coisa pra ti, uma moça, ficar falando.*".

Volto a perguntar para Karine, se ela namorou com o rapaz, e ela não confirma, apenas fala que um dia fez um gesto obsceno com o dedo para ele porque ele estava olhando pra ela, e que não fala com ele. "*Ela não fala com ele sabe porque?*" diz Pilar, "*Porque ela carrega um filho na barriga, ela fez tcheco-tcheco com ele*". Eu pergunto o que é tcheco-tcheco e elas não respondem. Questiono se elas sabem como os bebês nascem, e Pilar explica que viu num livro, que é uma bolinha que vai crescendo e que fica preso no umbigo e depois nasce. Karine, no meio da fala da amiga, diz: *Fazem sexo!* Pergunto o que é fazer sexo e Karine diz que não sabe, que nunca viu; e termina a frase com: "*o homem come a mulher*"!

Na Praça Itália, na beira do laguinho, Breno, é um rapaz que aparenta uns 16 anos, pardo, queimado do sol, cabelos negros, com um sorriso bonito e largo. O garoto é simpático e disputado por Biatríz e Anita (irmãs). Biatríz, que segundo as meninas, está sempre de "arreganho" com os guris, várias vezes "implica" com Breno. Eles correm um atrás do outro. O guri sempre a pega e ela tenta desvencilhar-se dele. É visível o interesse de um pelo outro. Agarram-se, tocam-se toda hora, "fingindo" brigar. Arreganho, segundo eles, são as brincadeiras de implicar, de chamar atenção de quem se está interessado ou só para incomodar o amigo ou pretendente.

A disputa entre Biatríz e a irmã é acirrada, pois Anita fica sempre perto do rapaz. Até Iago Vinícius que tem 12 anos, olha a menina com outra intenção. Ele e Jeferson olham, para a bunda da menina. Anita assim como Biatríz e Jade estão usando shorts colantes, molhados e blusinhas que marcam seus seios. As gurias banham-se de roupa, mas isto não esconde seus corpos em crescimento. Os guris, sem camisa ficam só de bermuda pela praça. Geralmente os mais novos banham-se de cueca, o que é bem raro, pois até os pequenos preferem usar bermudas para entrar na água. Breno e Anita ficam vários momentos; sozinhos em um banco mais afastado conversando. São observados por Biatríz, que seguidamente vai lá e "implica" com Breno que sai correndo atrás dela,

seguido pelo olhar atendo de Anita. Até D. Natali percebe este movimento, e comenta: “*não gosto dessas frescuras*”. E referindo-se a Biatríz fala: “*ela gosta dele e ele gosta dela...*”.

Gostar é algo inocente, sem conotação sexual. Embora no interesse de Biatríz e Breno a atração sexual parece mais visível, pelo modo como se tocam e se olham. O sentimento de Caroline por Carlos ainda não envolve vontades sexuais, é algo romantizado. Namorar, ficar não engloba amor ou outro tipo de afeto, namorar está muito ligado ao sexo, ao beijo, ao toque no contexto do laguinho. Ribeiro (2003) em sua pesquisa com meninas e meninos de 5 a 14 anos também identifica o namoro, como forma de iniciação sexual, os meninos em suas brincadeiras de “osadia” são vistos em idade para namorar, assim como as meninas que já pensam em namorar, são repreendidas pela escola e família.

Bianca e Gisele relacionam-se com gurus, “ficam e beijam” como dizem. D. Natali, Gisele e Jade, acham que Biatríz é uma menina que está sempre de “arreganho” com os gurus. Quando converso com ela noto que entre as gurias, é a que mais se permite e não tem vergonha de assumir que deseja ficar com os gurus. Quando os gurus falam alguma coisa para elas, Jade diz que manda os meninos tomarem no cú, mas Biatríz comenta que não xinga eles, porque eles estão elogiando algo que é bonito e deve ser elogiado. Então ela joga beijo como agradecimento ao galanteio. Biatríz é a mais ousada de todas as gurias que conheci no laguinho e um agravante para o falatório dos demais, são as desconfianças de que ela gosta de meninas, o que não parece ser aceito com naturalidade entre as meninas e os adultos que por ali transitam. Gisele comenta que Biatríz gosta de “causar”. Ela diz: “*A Biatríz só causa*”!

Eu: *causa? O que é causar?*

Gisele: *tu não conhece a guria da novela³⁹? Causar é quando a pessoa só se faz, brincar com a pessoa, mas chega na hora não faz nada. Estes dias a Jade ficou furiosa com a Biatríz porque um guri tri bonito, de olho verde, pediu pra ficar com ela e ela não quis, ali no nacional. Ela só quer causar!*

³⁹ A menina da novela, é a Fatinha da Malhação (novela teen que passa no final de tarde na rede globo). A personagem é uma garota polêmica que usa roupas sensuais, extrovertidas, está sempre “causando” alguma confusão, e é vista pelos outros personagens como culpada pela maioria dos assédios que sofre dos meninos devido as roupas curtas e sua “forma” de dançar.

O termo “causar” também surgiu na pesquisa de Alexandre Barbosa Pereira (2010) com estudantes de escolas de periferias no estado de São Paulo. O pesquisador observou que o comportamento desestabilizava as relações padrão do cotidiano escolar, agindo diretamente no dia-a-dia da sala de aula. Com seu caráter performático, buscando o rompimento com a normalidade, e regularidades do cotidiano escolar, as atitudes que “causavam” riso e o desconcerto da vítima eram acionadas em diversas situações, não importando se era aluno ou professor. Quem “causava”, segundo Pereira (2010) chamava atenção para si, bagunçava e divertia-se com o que fazia ou dizia. Para Gisele, Biatriz paquerava, flertava com os guris, mas na hora de “ficar” com eles, ela não aceitava, irritando as amigas com tal atitude.

Biatriz, como citei, é a mais ousada do grupo de meninas do lago. No quilombo a ousadia não surgiu com tanta ênfase como na Praça Itália. A forma de falar e agir em relação ao tema namoro, ficar e beijar é bem mais inocente entre as gurias e guris do Areal. A presença dos pais ou responsáveis também é mais marcante do que no lagunho, logo a força de coerção e repressão é bem maior. Biatriz “ousa” “causando” por ser uma guria que aceita os “elogios” dos guris, fica com quem deseja, não pela pressão das amigas ou beleza do pretendente. Ela também gosta de jogar futebol ouvindo assim comentários de muitos guris e também de sua mãe, que tenta – matriculá-la em outra atividade, embora também jogue futebol. Biatriz, “ousa” ao olhar para os guris sem fingir timidez, em sair para rua com a irmã Anita porque não tem nada para fazer em casa. Neste sentido, Jade, Biatriz, Anita e Gisele são “ousadas”⁴⁰, pois, as quatro gurias não assumem o papel doméstico desde menina, Gisele responsabiliza-se pelos irmãos mais novos, mas os leva para rua. Com carrinho de bebe, fraldas e madeiras, ela leva os pequenos para um passeio pela cidade, sempre atenta a eles, que também já aprendem a se apropriar do espaço, usufruindo o que o passeio com a irmã pode lhes dar.

Em comparação ao texto já citado de Jucelia Ribeiro (2007), as meninas que saem de casa, são “ousadas” e integram-se ao mundo dito masculino e assim disputam este espaço confrontando-se com os códigos da rua. No trabalho de Ribeiro, as meninas que aceitam as brincadeiras de “osadia” dos guris são tidas como indecentes e

⁴⁰ Utilizo a palavra ousadia para o sentido de conduta arrojada, com o intuito de contrariar as regras comportamentais para uma menina. O termo “osado” utilizado por Jucelia Ribeiro (2003) a partir de seus pesquisados carrega uma carga semântica com forte conotação sexual ou pessoa muito atrevida.

assanhadas. As meninas não devem expressar interesses sexuais como os meninos. Espera-se que elas neguem os toques por de baixo d'água durante os banhos de mar, as palavras obscenas e os convites para brincar no escuro. Os códigos da rua não estão conectados ao mundo feminino. No lago, as brincadeiras representam estes códigos, e normalmente são brincadeiras masculinas: afogar os outros com violência, empurrar para dentro d'água com força, lutar dentro d'água e fora também. Representam-se no laguinho, diferenciações de gênero, produzidas e reproduzidas pelos próprios “guris” e “gurias”. Estas condutas das meninas e dos meninos do lago são carregadas de valores simbólicos, em acordo com o que Jucelia Ribeiro explana:

Entre as próprias crianças, portanto, ser homem e ser mulher está relacionado não somente com o aparato anatômico fisiológico, mas com concepções sociais, muitas aprendidas na família e no sistema das relações em que vivem. A categoria homem e mulher, neste caso, menino e menina, envolvem atributos sociais e simbólicos, como poder fazer certas coisas, exercer legitimamente a sexualidade, assumir comportamentos dentro de uma determinada ordem. (Ribeiro, 2007, p.168)

Asurias do laguinho demonstram-se empoderadas em seus desejos e ações. Muitas das famílias dos garotos e garotas do laguinho devem ser chefiadas por mulheres⁴¹. Em diversos grupos familiares⁴² a referência pode ser somente uma pessoa, ou o homem, ou a mulher, em muitos casos, avós, tias, etc. Contudo o fato de que número de meninas no laguinho seja bem menor em comparação ao de meninos, indica um desdobramento da ideia de que o “lugar” do homem é a rua e o da mulher no espaço doméstico. Estes processos de individualização dos jovens são permeados por novas formas de ser e estar na sociedade. Estes seres individualizados e possuidores de direitos e voz reproduzem modos diferenciados de pertencimento, um deles é a demarcação dos lugares nos espaços que frequentam. O laguinho da Praça Itália parece ser “marcado” como um local masculino, contudo a presença feminina aos poucos “ameaça” este domínio.

⁴¹ Entre 2002 e 2012 percentual de mulheres responsáveis pelo sustento da casa quadruplicou segundo a PNAD 2012 (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios).

⁴² De acordo com Fonseca (2000) deve ser ter cuidado com a compreensão do significado de sistema familiar e unidade doméstica, que pode gerar uma confusão sobre o entendimento da chefia da mulher. Um grupo familiar pode passar por diferentes arranjos domésticos durante várias etapas do ciclo familiar (p.33,2000)

No Areal com menos obviedade, parece transparecer algo fantasioso na brincadeira e nos “sentimentos expressados por gostar”. No laguinho estas relações de afetividade amorosa e descoberta dão-se de forma mais clara e direta, no entanto nos dois locais estes momentos são vividos, a partir de suas especificidades, de formas intensas. As brincadeiras, o espaço da rua com a pouca presença dos adultos e as relações entre os guris e gurias permitem a vivências da experiência do “beijo”, “ficar” “gostar” desenvolvendo nestes grupos percepções da experiência do crescimento corporal, emocional e moral.

Considerações finais- *“tia, tu ganha dinheiro pra fazer isso”?*

*“Há um menino
Há um moleque
Morando sempre no meu coração
Toda vez que o adulto balança
Ele vem pra me dar à mão”*

(Bola de meia, bola de gude- Milton Nascimento).

Durante um ano caminhei entre o Quilombo do Areal e o laguinho. Brinquei, joguei bola na rua e quase quebrei uma vidraça no Areal, filmei, fotografei e fui fotografada pesquei-, andei de pés descalços pela praça, comi doces, perdi sempre em todas as vezes que tentei jogar o jogo da velha na calçada, conversei, ouvi e vi brigas, sofri a “dorzinha da máquina”, recebi abraços molhados e dancei com eles ao som do carnaval do Areal do futuro. Ao me deixar ser afetada pelo campo etnográfico aprendi lições gratificantes com todos os guris e gurias com quem convivi ao longo deste tempo. Desconstruí e reconstruí as minhas noções de “infância”, de “criança” e também de “adulto”. Diante disto não concluo, nem finalizo ideias, apenas retomo reflexões que permanecem em constante (re) construção.

Muito tem a ser feito em termos de política da infância. Crianças e adolescentes ainda estão nas ruas e em casa vivendo diversas violências. Os grupos mais expostos ao estigma da dita “deseestruturação familiar” ainda são as famílias pobres, e negras das periferias. Mesmo que nos jornais e redes sociais também sejam noticiados casos de violência contra crianças entre as famílias de classe média e alta. A partir de uma bibliografia sobre infância e grupos populares (Milito e Silva, 1995, Gregori, 2000, Fernandes, 2004, Fernandes, 2011, Ribeiro 2006; 2007, Fonseca, 2000 entre outros) fui encontrando semelhanças e diferenças com os guris e gurias que pesquisei. Com auxílio de seus textos pude ter outra visão a respeito de crianças de classe popular. Tirei o rótulo daqueles que eu entendia como guris e gurias de rua e os vi apenas como um grupo de crianças que brincam na rua estendida de seus bairros e casas e assim descobrem a cidade. No quilombo mesmo com a proximidade dos pais e vizinhos

adultos, as descobertas e vivências assemelham-se as aventuras dos que frequentam o laguinho.

Depois de ouvir minha explicação sobre o que eu estava fazendo ali, um guri do laguinho me perguntou: *“Tia, tu ganha pra fazer isso?”*. Suas feições me interrogaram sobre o que ele estaria pensando. Por certo se questionava sobre o que levava uma mulher “adulta” a pesquisar um bando de guris numa praça. Entre dúvidas sobre como pesquisar considero ter feito uma etnografia “com” crianças que brincam na rua. Inspirada nas “estratégias reativas” de Corsaro e nos experimentos descritos por Flávia Pires fui buscando ser reconhecida pelas crianças como uma “adulta diferente”. Este fazer ganhou forma a cada visita e foi sendo guiado pela gurizada. Um convite para brincar, uma conversa o mais simétrica possível, sem imposição de autoridade, a busca da mesma “estatura” e com isso uma desconstrução do meu corpo “duro” tentando aproximar-me de seus corpos “mola” ou mole, fotografar e filmar foram instrumentos preciosos para a realização da pesquisa e na formação da pesquisadora antropóloga. Embora as fotos e filmes não tenham sido trazidos e analisados neste texto atuaram como mediadores das minhas interações com as crianças nos dois espaços.

A maleabilidade dos “encaixes” nas categorias “crianças” e “adolescentes” mostram os “jogos de equilíbrio” que cada grupo faz ao transitar por tais denominações e suas condicionalidades enquanto brincam. Nestes jogos, marcadores de diferenciação são constantemente enunciados e deslocados. Uma “mocinha” poderia namorar, porém continua brincando na rua com os mais novos. Não brincar mais figura como uma condição para o considerar-se adolescente. Um modo de diferenciar-se dos “pequenos” que “aceitam” brincar de qualquer coisa.

Os estereótipos e “perfis” são percebidos e codificados pelos guris e gurias que vão ao lago. Estar na rua não significa viver em situação de rua já que tem casa e família. A busca pelo lazer e a apropriação de espaços públicos da cidade fazem parte das “caminhadas” desta gurizada. Eles possuem uma mínima organização dentro de suas possibilidades para andar pela cidade. Buscam diversão, fortalecem e constroem redes de amizades, afetos e pertencimentos aos espaços.

As “implicâncias” entre eles demonstram a forma como estão “implicados” em convivências. No quilombo do Areal as brigas e discussões estendem-se para casa e seus pais ou responsáveis também podem entrarem conflito. Brigar pode significar que

“demarcações de espaços” estão sendo rompidas e que novas configurações podem estar sendo criadas. Quando a “briga” fica no espaço do brincar cuidados apresentados como a defesa do amigo converte-se também em cuidado consigo. Mesmo que os adultos estejam “olhando” as crianças, a exemplo do Areal, possuem suas formas de cuidar e serem cuidadas. Beijar, ficar, gostar e causar tornam-se mais presentes entre os assuntos dos guris e gurias do laguinho. Talvez porque a presença dos pais ou responsáveis da comunidade, no quilombo age como um constrangimento as relações. Apesar da efemeridade do ficar e namorar estas relações significa a entrada no mundo dos afetos amorosos e sexuais. Entendo que em suas brincadeiras de namorar buscam descobrir como se relacionar com os desejos e interesses pelo outro. Novas percepções e sentidos surgem na experimentação do beijo, na brincadeira da garrafa, no toque dentro d’água. Assim experimentam seus corpos e descobrem o do outro, transitam entre sentimentos e moralidades. Vivem a brincadeira da descoberta e descobrem-se brincando.

A construção de suas infâncias se dá com a participação de diversos atores e a rua se mostra um ator importante nesta construção. Neste espaço desenvolvem ações pensadas entre pares e fortalecem identidades e vínculos constituindo assim modos de saber e viver em sociedade e na cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E DIGITAIS:

ABRAMOVAY, M. (Org.) ; ANDRADE, E. R. (Org.) ; ESTEVES, L. C. G. (Org.) . **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. 1. ed. Brasília: MEC, UNESCO, 2009. v. 27. 332p

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes (2006). “Zoar” e “ficar”: novos termos da sociabilidade jovem. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes & EUGENIO, Fernanda (2006). **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor

ARAÚJO, A. L. C. . A PESQUISA COM CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS: metodologias e pesquisa a partir da sociologia da infância. In: 33 Encontro Anual da ANPOCS, 2009, Caxambu. ANPOCS - Edição Encontro Anual 2009: 33 Encontro Anual da ANPOCS 26 a 30 de outubro de 2009., 2009

ALVES, A. M. . Fazendo antropologia no baile. In: Velho, Gilberto; Kuschnir, Karina. (Org.). **Pesquisas Urbanas: desafios do trabalho antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, v. , p.174-189

ALVIM, Rosilene & VALLADARES, Lícia (1988). Infância e Sociedade no Brasil: uma análise da literatura. BIB- Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais.n.26.p3-37.

BOURDIEU, P. A —juventude é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112-121.

CARSTEN, Janet. Introduction: cultures of relatedness. In: **Culture of relatedness: new approaches to the study of kinship**. Cambridge University Press, 2000.

CASSAL, Milena Pereira. “No areal das mulheres: um “benefício” em família”- **Percepções, vivências e práticas das famílias beneficiárias do Programa Bolsa Família no quilombo do Areal**. 2010.80F. Trabalho de conclusão em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.Porto Alegre.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1**, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

COHN, Clarice. **Antropologia da Criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____ Ser criança, crescer e aprender como um Xikrin. In: Beto Ricardo. (Org.). Povos Indígenas no Brasil. : , 2001, v. , p. -

CORSARO, Willian. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos co crianças pequenas. In: **Revista Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 26, n. 91, p.443-464, Maio/Ago. 2005.

Da MATTA, Roberto. “O ofício do etnólogo, ou como ter ‘Anthropological Blues’”. In, Edson de Oliveira Nunes, Org. **A Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978, pp. 23 a 35.

DAMATTA, Roberto. A casa e a rua: espaço, cidadania mulher e morte no Brasil. 5^a ed. Rio de Janeiro, Rocco, 1997

ESCOREL, Sarah. **Vidas ao léu. Trajetórias de exclusão social**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

FAVRET-SAADA, J. —Ser afetadol. In: Cadernos de Campo 13, Ano 14, USP, 2005.

FRANGELLA, Simone. “Capitães do Asfalto”: a itinerância como construtora da sociabilidade de meninos e meninas “de rua” em Campinas. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Universidade Estadual de Campinas, 1996

FONSECA, C. 1995. **Caminhos da adoção**. São Paulo: Cortez.

_____ "O abandono da razão: discursos colonizados sobre a família". In: Edson André Luiz de Souza. (Org.). *Psicanálise e colonização: leituras do sintoma social no Brasil*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999, v. , p. 137-158.

_____ **Família, fofoca e honra: a etnografia de violência e relações de gênero em grupos populares**. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2000

Geertz, C. (1978). **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC

FERNANDES, Florestan. 2004. "As 'Trocinhas' do Bom Retiro". In. Fernandes, Florestan. 1979. **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. Petrópolis: Vozes, 2004. pp. 153-256.

FERNANDES, Camila - Ficar com : Parentesco, criança e gênero no cotidiano. 2011. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFF) - Universidade Federal Fluminense.

GEHLEN ,Ivaldo, Marta Borba, ,Simone Ritta dos-(Org) - Diversidade e proteção social : estudos quanti-qualitativos das populações de Porto Alegre : afro-brasileiros; crianças, adolescentes e adultos em situação de rua; coletivos indígenas; remanescentes de quilombos **Porto Alegre, Centaury, FASC/UFRGS-,2008.**

GREGORI, Maria Filomena. **Viração. Experiências de meninos nas ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000

KUSCHNIR, Karina . Uma pesquisadora na metrópole: identidade e socialização no mundo da política. In: KUSCHNIR, Karina; VELHO, Gilberto. (Org.). **Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico**. 1ed.Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, v. 1, p. 20-42.

LECZNIESKI,Lisiane Koller.**Pequenos Grandes Homens – O cotidiano de guris de rua numa praça de Porto Alegre**.1992.136f.Dissertação de Mestrado em Antropologia Social.Universidade Federal do Rio Grande do Sul.Porto Alegre.

LEMÕES DA SILVA . Comida, Religião e Caridade: apontamentos sobre a doação de comida efetuada pela comunidade católica Fonte Nova em Pelotas, RS..**Protestantismo em Revista**, v. 18, p. 83-91, 2009.

_____ **Rua, Família e Afeto: etnografia das relações familiares, sociais e afetivas de homens e mulheres em situação de rua**. Ano de Obtenção: 2012

LOURO, G. L. (Org.) . **O corpo educado. Pedagogias da Sexualidade**. 3a. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000. v. 01. 174p

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

MAGNI, Claudia T. **Nomadismo urbano: uma etnografia sobre moradores de rua em Porto Alegre**. Tese (Mestrado em Antropologia Social)–PPGAS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994.

MAGNANI, J.G.C. **Festa no pedaço**. São Paulo: Hucitec, 1998.

MARGULIS, M. ; URRESTI, M. La Juventud es Mas que una Palabra. In: MARGULIS, M. (Ed.). *La juventud es más que una palabra*. Buenos Aires: Biblos, 1996a.

_____. Moda e Juventud. In: MARGULIS, M. (Ed.). *La juventud es más que una palabra*. Buenos Aires: Biblos, 1996b.

MARQUES, Olavo Ramalho. **Entre a Avenida Luís Guaranha e o Quilombo do Areal: estudo etnográfico sobre memória, sociabilidade e territorialidade negra em Porto Alegre/RS**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2006. (Prêmio ABA/MDA Territórios Quilombolas)

MARTINS, José de S.(1993). Introdução. In: _____(org).O Massacre dos Inocentes – acriança sem infância no Brasil. São Paulo: Hucitec.

MATTOS, Jane Rocha de. **Que arraial que nada, aquilo lá é um areal. O Areal da Baronesa: imaginário e história (1879-1921)**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PPGHIS/PUCRS), 2000.

MEAD, Margaret. *Adolescencia y Cultura em Samoa*. 2 Ed. Buenos Aires.. PAIDÓS.1961.

Misse, Michel et alii -1973. **Delinqüência juvenil na Guanabara**. Rio de Janeiro, Tribunal de Justiça do Estado da Guanabara, Juizado de Menores, 141 pp.

MINAYO, M. C. S. et al. **Fala Galera: juventude, violência e cidadania**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

NASCIMENTO, Fernanda Sardelich. **Namoro e violência: um estudo sobre amor, namoro e violência entre jovens de grupos populares e camadas médias**. Dissertação de Mestrado em Psicologia — Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE. [em linha] (2009).

NUNES, Ângela ; CARVALHO, M.R.G. . Questões metodológicas e epistemológicas suscitadas pela Antropologia da Infância. BIB. Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, v. 68, p. 77-97, 2009.

PEREIRA, A. B - "A maior zoeira": experiências juvenis na periferia de São Paulo, Ano de obtenção: 2010-USP

PIRES, Flávia. O que as crianças podem fazer pela antropologia? Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 16, n. 34, p. 137-157, jul./dez. 2010.

PIRES, Flávia. Ser adulta e pesquisar crianças: explorando possibilidades metodológicas na pesquisa antropológica. Rev. Antropol. [online]. 2007, vol.50, n.1, pp. 225-270.

PIRES, Flávia. Tornando-se adulto: uma abordagem antropológica sobre crianças e religião. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 30(1):143-164, 2010.

PIRES, Flávia F. Quem tem medo de mal-assombro? Religião e Infância no semiárido nordestino. Ed. E-papers. 2011.

PIRES, Flávia F. . Pesquisando crianças e infância: abordagens teóricas para o estudo das (e com as) crianças. Cadernos de Campo (USP), v. 17, p. 133-151, 2009.

RIBEIRO, Fernanda Bittencourt . Crianças de CAVAL, crianças em perigo: Os grandes e seus dilemas numa instituição de proteção à infância. In: **31 Encontro Anual da ANPOCS**, 2007, Caxambu. 31 Encontro Anual da ANPOS, 2007

RIBEIRO, J. S. B. . **Brincadeiras de meninas e de meninos: socialização, sexualidade e gênero entre crianças e a construção social das diferenças..** Cadernos Pagu (UNICAMP), v. 1, p. 145-168, 2007.

RIZZINI, Irene. **Vida nas ruas: Crianças e adolescentes nas ruas: trajetórias inevitáveis?** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

_____ A arte de governar crianças: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil. Rio de Janeiro: Instituto Interamericano del Niño/Editora Universitária Santa Úrsula/Amais Livraria e Editora.

SANTOS, Irene , SILVA, Cidinha, FIALHO, Dorvalina, BARCELOS, Vera Daisy, Betiol, Zoravia – **Colonos e Quilombolas- Memória fotográfica das colônias africanas de Porto Alegre** – Setembro de 2010.

SANTOS, Elder Cerqueira. (2004), **Um estudo sobre a brincadeira entre crianças em situação de rua**. Dissertação de Mestrado, UFRGS, Porto Alegre, Curso de pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento.

SANTOS, Elder Cerqueira & Koller, Sílvia H. (no prelo). Brincando na Rua. Em: Ana M. A. Carvalho, Celina M. C. Magalhães, Fernando A. R. Pontes & Ilka D. Bichara (Orgs.), **Brincadeira e Cultura: Viajando pelo Brasil que Brinca**. São Paulo: Casa do Psicólogo/EDUSP.

SILVA, Hélio; MILITO, Cláudia. Vozes do Meio Fio. Rio de Janeiro. Relume-Dumará: 1995.

VALLADARES, Lícia- 1986. Growing Up in the Favela. Trabalho apresentado no XI World Congress of Sociology, Comitê de Pesquisa n. 38, Biography and Society, Sessão 8, Children's Lives in the Third World, Nova Delhi, 18-20 de agosto, 30 pp.

VIANNA, A. de R. B. Direitos, Moralidades E Desigualdades: Considerações a partir de processos de guarda com crianças. In: Lima, Roberto Kant de. (Organizador) **Antropologia e Direitos Humanos 3** – Prêmio ABA/FORD/ Roberto Kant de Lima (Organizador) — Niterói : EdUFF, 2001.

_____. Limites da minoridade: tutela, família e autoridade em julgamento. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, 2002.

VOGEL, Arno e MELLO, Marco Antônio. “Da casa à rua: a cidade como fascínio e descaminho”. In FAUSTO, Ayrton e CERVINI, Ruben (orgs.) **O trabalho e a rua – crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80**. São Paulo, Unicef/Flacso e Cortez, 1991.

WEBER, F. —Lares de cuidado e linhas de sucessão: algumas indicações etnográficas na França hoje. **Mana**, v. 12, n 2, out 2006. pp 479-502

WENETZ, I. . **Onde estão as crianças nas cidades? Etnografia dos espaços vazios**. In: Reunión de Antropología do Mercosur, 2013, Córdoba. Argentina. Reunión de Antropología de Mercosul, 2013.

ZELIZER, V. A economia do care. The economy of care. **Civitas** Porto Alegre v. 10 n. 3 p. 376-391 set.-dez. 2010

REFERÊNCIAS DIGITAIS:

<http://portoalegreemanalise.procempa.com.br/?modulo=regioes&p=33,0,0>

(ACESSADO EM 12 DE ABRIL DE 2013).

<http://portoalegreemanalise.procempa.com.br/?modulo=regioes&p=24,0,0>

(ACESSADO EM 12 DE ABRIL DE 2013).

<http://portoalegreemanalise.procempa.com.br/?modulo=regioes&p=29,0,0>

(ACESSADO EM 12 DE ABRIL DE 2013).

<http://rosanapinehiromachado.wordpress.com/2013/12/30/etnografia-do-rolezinho/>

(Acessado em 19 de Março de 2014)

ANEXOS:

Trajetória das políticas para infância no Brasil⁴³			
SÉCULO XIX		SÉCULO XX	
DATA	ACONTECIMENTO/POLITICA	DATA	ACONTECIMENTO/POLITICA
Abolição da escravatura (1888)	Surgimento da força de trabalho livre; -Imigração	1902	Colônias correcionais: reabilitação pelo trabalho e instrução de mendigos, vagabundos ou vadios, capoeiras e menores viciosos.
República (1889)	Crescimento urbano; Instituto de proteção e assistência á infância (RJ) -Higienização	1906	Apresentação do 1º Juízo de menores na câmara federal. - Necessidade de uma alçada no judiciário para lidar com as “infâncias desvalidas” e delinquentes infantis e juvenis;
		1908	João do Rio – cronista – imagem das crianças vítimas dos adultos. -Família responsável pela indução de práticas indesejáveis; -hereditariedade no comportamento desviante. <i>RUA – espaço de socialização da criança em perigo moral.</i>
		1910	Queixas do povo, jornal do Brasil, demonstra a indignação da cidade do Rio de Janeiro em relação aos “meninos desocupados” referiam-se a eles como: “Meninos perigosos”, vagabundos e desordeiros.
		1920	Alçada jurídica - regulamentação do trabalho do menor, a partir de 14 anos. - juristas voltam-se aos meninos fora

⁴³ Retirado do texto *Infância e sociedade no Brasil: Uma análise da literatura*. (Maria Rosilene Barbosa Alvim e Lícia do Prado Valladares)

			da fábrica, “ <i>aquela que vadia pela rua</i> ”.
		1921	Modificação no código civil: menor é considerado “abandonado” se não tiver habitação certa ou meios de subsistências, órfã ou com responsável julgado incapaz de sua guarda. “tentativa de pressionar as famílias pobres a exercer o “controle” sobre seus filhos”.
		1923	Juízo de menores do Distrito federal.
		1927	Código de menores: “consolidar” as leis de assistência e proteção a menores. - criação de estabelecimentos oficiais de proteção a infância.
		1938	– Criação da casa do pequeno jornaleiro;
		1940	Criação do SAM (Serviço de Assistência ao Menor)
		1942	LBA (Legião Brasileira de Assistência) - SENAI -SESI -SESC -SENAC
		1948	UNICEF inicia sua atuação no Brasil;
		Anos 60 -	FUNABEM – (Fundação Nacional do Bem Estar do Menor) -substitui o SAM- Obj: Sanear a atuação até então desenvolvida pelo governo. Nova proposta de reeducação do menor, não pautada exclusivamente na

			<p>internação,mas no apoio a família e á comunidade. Partia-se de uma nova concepção organizacional: uma fundação nacional e varias fundações estaduais. A FUNDABEM seria o órgão central encarregado muito mais de ditar uma política nacional do que de executá-la diretamente. Adotando-se o modelo mais flexível desde que a cargo das fundações estaduais.</p> <p>- FUNABEM e o estado autoritário – Menor como segurança nacional, onde a funabem faria a vigilância.</p>
		Anos 70	<p>Preocupação dos juristas com a infância, aumenta da criminalidade infanto juvenil e a pobreza.</p> <p>Encomenda de pesquisa sociológica.</p> <p>- Pesquisa em SP: A criança, o adolescente, a cidade – CEBRAP;</p> <p>-1973 - Delinquência juvenil na Guanabara –RJ</p> <p>1978- Pastoral do menor- criam varias instituições e programas alternativos a FUNABEM.</p> <p>- Republica do pequeno vendedor (Belém) e CESAM (MG).</p> <p>- CEDEC – SP- Menino de rua- Pesquisa encomendada pela comissão de centro de estudos de justiça e paz da arquidiocese de SP.</p> <p>-surgimento dos termos pivetes, trombadinhas e menino de rua.</p>
		1979	<p>Código do menor: vai se preocupar com os “menores em situação irregular”. Insistindo na penalização.</p> <p>“infrator pobre”</p> <p><i>Problema social da infância pobre e</i></p>

			<p><i>perigosa.</i></p> <p>-Unicef e OMS- ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA – Divulgação de noção de criança no mundo- “infância universal”</p>
		1988-1990-2012	<p>-Constituição de 1988;</p> <p>-Estatuto da Criança e do Adolescente – Paradigma da proteção integral de crianças e adolescentes – “SUJEITOS DE DIREITOS”- UNIVERSALIZAÇÃO DA INFÂNCIA.</p> <p>- Proteção especial (abandono, maus tratos, etc)</p> <p>- Medidas sócio educativas – atos infracionais. SINASE</p>